

MAURA ELISA GALBIATTI

**ANÁLISE COMPARATIVA DO PROCESSO DE
GRAMATICALIZAÇÃO DAS PERÍFRASES
CONJUNCIONAIS *AGORA QUE* E *JÁ QUE***



ARARAQUARA – SP

2008

MAURA ELISA GALBIATTI

**ANÁLISE COMPARATIVA DO PROCESSO DE
GRAMATICALIZAÇÃO DAS PERÍFRASES
CONJUNCIONAIS *AGORA QUE* E *JÁ QUE***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, campus de Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves

Bolsa: Capes

ARARAQUARA – SP

2008

Galbiatti, Maura Elisa

Análise comparativa do processo de gramaticalização das
perífrases conjuncionais "agora que" e "já que" / Maura Elisa
Galbiatti – 2008

188 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara

Orientador: Maria Helena de Moura Neves

1. Lingüística. 2. Língua portuguesa.
3. Gramática comparada e geral -- Gramaticalização

MAURA ELISA GALBIATTI

ANÁLISE COMPARATIVA DO PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DAS PERÍFRASES CONJUNCIONAIS AGORA *QUE* E *JÁ QUE*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, campus de Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Capes

Data de aprovação: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves
UNESP/FCL/Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
UNESP/Ibilce/SJRioPreto

Membro Titular: Profa. Dra. Maria Célia Pereira Lima-Hernandes
Universidade de São Paulo

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Ao meu Deus querido, alicerce de todas as minhas conquistas.

Agradecimentos

À professora Maria Helena pela orientação sábia e impecável e pelas horas de agradáveis discussões sobre as preciosidades da linguagem. A ela, minha eterna gratidão pela confiança depositada em meu trabalho.

Ao professor Sebastião Carlos, pela amizade, pelos comentários críticos e pelas sugestões valiosas ao longo da realização deste trabalho.

À professora Sanderléia, por ter me apresentado os estudos da gramaticalização e pelo exemplo de dedicação.

Às minhas amigas de graduação de São José do Rio Preto, Adriana, Ana Amélia, Ana Maria, Carla, Fernanda e Larissa, que também se tornaram companheiras na pós-graduação.

Às novas amigas de Araraquara, Danúbia, Gisele, Sarah, Taísa Robuste e Taísa Peres.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação da FCL, pelos esclarecimentos e acompanhamento cuidadoso.

À Capes, pela bolsa de estudos concedida durante o período de abril de 2006 a fevereiro de 2008.

À minha família, meus pais, Regina e Beto, e meus irmãos, Gustavo e Pedro, pela paciência e pelo amor.

Ao Moisés, pela presença constante e essencial na minha vida e pelo carinho desmedido.

Mas a linguagem não é apenas uma coisa que cresça no espaço, por assim dizer, – uma série de reflexos nos cérebros individuais de uma mesma e única pintura situada fora do tempo.

A linguagem move-se pelo tempo em fora num curso que lhe é próprio.

Tem uma deriva.

Ainda que não houvesse a fragmentação das línguas em dialetos, ainda que cada língua persistisse em firme e inflexível unidade, estaria em constante afastamento de toda norma consignável, desenvolvendo incessantemente aspectos novos, transformando-se tanto em referência ao seu ponto de partida que teria de dar na realidade uma nova língua.

(SAPIR, 1971, p.151)

GALBIATTI, Maura Elisa. **Análise comparativa do processo de gramaticalização das perífrases conjuncionais *agora que* e *já que***. 2008. 188f. Dissertação. (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é estudar, comparativamente, as perífrases conjuncionais *agora que* e *já que* sob o enfoque da gramaticalização, buscando determinar semelhanças e/ou diferenças no percurso de mudança das duas locuções. Como esta investigação se baseia no paradigma funcionalista da linguagem, foram coletados exemplos reais de construções articuladas pelas perífrases *agora que* e *já que*, tanto em textos escritos como em transcrições de língua oral do português. O *corpus* escrito foi extraído da base de dados do Centro de Estudos Lexicográficos da UNESP (Araraquara). Para a amostra de fala, utilizaram-se dois bancos de dados: NURC e IBORUNA. A partir disso, descreveram-se as condições sintáticas, semânticas e pragmáticas que regem as locuções, focalizando a mudança de categoria (advérbio > conjunção) e a alteração no sentido (tempo > causa). Com o intuito de aferir o estágio de cada perífrase no processo de gramaticalização, fez-se uma análise quantitativa dos enunciados, com o estabelecimento de grupos de fatores, bem como uma análise qualitativa, com base em princípios, parâmetros e hipóteses para a medida do grau de mudança. Os resultados da pesquisa revelaram que a trajetória de mudança de *agora que* e *já que* corrobora a proposta da unidirecionalidade na relação *concreto* > *abstrato*, haja vista a extensão de significado *tempo* > *causa/explicação* que ocorreu com as duas unidades. Nesse percurso, notou-se também que os empregos com sentido causal/explicativo são derivados de expressões temporais, em contextos lingüísticos em que as noções de causa/explicação estão implicadas conversacionalmente. A principal diferença encontrada entre as duas perífrases conjuncionais refere-se ao estágio de mudança em que se encontra cada uma. Verificou-se que o processo de gramaticalização de *agora que* está menos avançado do que o de *já que*, o que se revela especialmente no fato de que, quanto à maioria dos fatores analisados, *já que* evidenciou traços característicos de conjunção causal, enquanto *agora que* apresentou ainda atributos de conjunção temporal.

Palavras-chave: Mudança Lingüística, Gramaticalização, Perífrase Conjuncional, Articulação de Orações.

GALBIATTI, Maura Elisa. **Análise comparativa do processo de gramaticalização das perífrases conjuncionais *agora que* e *já que***. 2008. 188f. Dissertação. (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

ABSTRACT

The aim of this work is to study, comparatively, the conjunctive periphrases *agora que* and *já que* focusing on grammaticalization, aiming at differences and/or similarities determination in the changing path of both phrases. Since this investigation is based on the language functionalist paradigm, actual examples of articulated constructions by *agora que* and *já que* periphrases were collected, both from written texts and oral language transcripts of Portuguese. The written corpus was extracted from the data base of Lexicography Studies Center of UNESP (Araraquara). For speaking samples, two data bases were used: NURC and IBORUNA. Starting from this point, syntax, semantics and pragmatics conditions that react to both phrases were described, focusing on the category change (adverb>conjunction) and on the meaning alteration (time>cause). Aiming at gauging the stage of each periphrasis in the grammaticalization process, a quantifying analysis of the opening statements establishing factor groups was done, as well as a qualifying analysis based on principles, parameters and hypothesis for measuring the degree of change. The research results reveal that the changing path of *agora que* and *já que* corroborates the unidirectionality proposal in the *concrete>abstract* relation, considering the meaning extension of *time>cause/explanation* that occurred to both units. Throughout this path, cause/explanatory sense employments were noticed to be derived from temporal expressions in linguistics contexts where the cause/explanation notions are conversational implicatures. The main difference found between the two conjunctive periphrases refers to the changing stage status of each one. The grammaticalization process of *agora que* was verified as less advanced than *já que*, which is specially revealed by the fact that, in most of the analyzed cases, *já que* showed cause conjunction characteristic features, while *agora que* still presented temporal conjunction attributes.

Keywords: Linguistic Change, Grammaticalization, Conjunctive Periphrases, Clause Combining.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: As fases da gramaticalização	33
FIGURA 2: As relações entre as três camadas do fenômeno entre línguas	53
FIGURA 3: “Modelo de <i>bleaching</i> ”	78
FIGURA 4: “Modelo da perda e ganho”	79
FIGURA 5: “Modelo da sobreposição”	80
FIGURA 6: “Modelo de extensão prototípica”	80
FIGURA 7: “Modelo metafórico-metonímico”	82

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Ocorrências de <i>agora que</i> e <i>já que</i>	122
GRÁFICO 2: Posição da oração hipotática com <i>agora que</i> e <i>já que</i>	123
GRÁFICO 3: Correferencialidade do sujeito nas construções com <i>agora que</i> e com <i>já que</i> ...147	
GRÁFICO 4: Subseqüência temporal de <i>agora que</i> e <i>já que</i>	149

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Conceitos Lexicais e Conceitos Gramaticais	18
QUADRO 2: Estágios da gênese das formas gramaticais.....	21
QUADRO 3: Classificação das formas do discurso em pólos	26
QUADRO 4: Os parâmetros da gramaticalização	28
QUADRO 5: Correlações entre os parâmetros de gramaticalização.....	32
QUADRO 6: As categorias metafóricas e suas inter-relações	57
QUADRO 7: Principais diferenças entre a atuação da metáfora e da metonímia.....	62
QUADRO 8: Características da Reanálise e da Analogia	68
QUADRO 9: Macroestrutura e Microestrutura em Gramaticalização.....	81
QUADRO 10: Orações primárias e secundárias.....	87
QUADRO 11: Tipos básicos de orações complexas	88
QUADRO 12: O complexo frasal no subsistema de expansão	88
QUADRO 13: <i>Cline</i> de gramaticalização de orações	92
QUADRO 14: Correlação entre as propostas de Dik, Sweetser e Halliday & Hasan quanto ao nível de relações expressas pelas conjunções	100
TABELA 15: Natureza semântica das predicacões	143

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Frequências <i>type</i> e <i>token</i> de “agora que”	119
TABELA 2: Frequências <i>type</i> e <i>token</i> de “já que”	119
TABELA 3: Número de ocorrências de <i>agora que</i> e <i>já que</i>	121
TABELA 4: Relação entre a acepção semântica e a posição da oração hipotática	125
TABELA 5: Tipo de texto das ocorrências de <i>agora que</i> e <i>já que</i>	126
TABELA 6: Acepção semântica de <i>agora que</i> e <i>já que</i> nos três tipos de texto	127
TABELA 7: Tipo de frase das ocorrências de <i>agora que</i> e <i>já que</i>	128
TABELA 8: Relação entre acepção semântica e tipo de frase das ocorrências de <i>agora que</i> e <i>já que</i>	129
TABELA 9: Domínios conceituais de <i>agora que</i> e <i>já que</i>	131
TABELA 10: Relação entre os domínios conceituais de <i>agora que</i> e <i>já que</i> e a acepção semântica das orações	132
TABELA 11: Relação entre acepção semântica e os domínios conceituais de <i>agora que</i> e <i>já que</i>	133
TABELA 12: Presença de modalizadores nas orações nuclear e hipotática das construções com <i>agora que</i> e <i>já que</i>	134
TABELA 13: Forma verbal da oração nuclear de <i>agora que</i> e <i>já que</i>	135
TABELA 14: Forma verbal da oração hipotática de <i>agora que</i> e <i>já que</i>	135
TABELA 15: Correlação de igualdade/diferença das formas verbais	137
TABELA 16: Relação temporal entre a oração nuclear e a oração hipotática das construções com <i>agora que</i> e <i>já que</i>	142
TABELA 17: Estados-de-coisas da oração nuclear de construções com <i>agora que</i> e <i>já que</i> ..	144
TABELA 18: Estados-de-coisas da oração hipotática com <i>agora que</i> e <i>já que</i>	144
TABELA 19: Correlação dos estados-de-coisas da oração nuclear e da oração hipotática em construções com <i>agora que</i> e <i>já que</i>	146
TABELA 20: Relação entre as acepções semânticas de <i>agora que</i> e <i>já que</i> e a correferencialidade do sujeito	148
TABELA 21: Relação entre as acepções semânticas de <i>agora que</i> e <i>já que</i> e a subsequência temporal	150
TABELA 22: Relação entre subsequência temporal e a posição da oração hipotática	151

SUMÁRIO

0. INTRODUÇÃO E OBJETIVOS	13
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
1.1. Unidades Lexicais <i>versus</i> Unidades Gramaticais	16
1.2. Concepções de Gramaticalização	20
<i>1.2.1. Primeiras noções de Gramaticalização</i>	20
<i>1.2.2. Enfoques recentes em Gramaticalização</i>	24
<i>1.2.3. Lehmann</i>	27
<i>1.2.4. Heine & Reh</i>	33
<i>1.2.5. Paul Hopper</i>	37
<i>1.2.6. Elizabeth Traugott</i>	42
<i>1.2.7. Eve Sweetser</i>	45
<i>1.2.8. Joan Bybee</i>	50
<i>1.2.9. Considerações Finais</i>	54
1.3. Mecanismos de Mudança identificados com a Gramaticalização	54
<i>1.3.1. Metáfora</i>	55
<i>1.3.2. Cadeias de Gramaticalização</i>	58
<i>1.3.3. Metonímia</i>	59
<i>1.3.4. Reanálise</i>	62
<i>1.3.5. Analogia</i>	65
1.4. Convencionalização de Implicaturas Conversacionais	68
1.5. O Caminho da Gramaticalização	74
1.6. Modelos de Representação da Mudança	78
2. A ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES	83
2.1. A base funcionalista da investigação	83
2.2. A Articulação de orações	85
2.3. O tratamento funcional das construções causais	92
2.4. Domínios conceituais e níveis de estruturação do enunciado	96

3. METODOLOGIA	102
3.1. Constituição e delimitação do <i>corpus</i>	102
3.2. Investigação dos dados	103
3.3. Noções básicas ligadas à frequência dos itens	117
4. ANÁLISE DOS DADOS	120
4.1. Análise Quantitativa dos Dados	120
4.1.1. <i>Posição da oração hipotática</i>	122
4.1.2. <i>Tipo de texto</i>	125
4.1.3. <i>Tipo de frase</i>	127
4.1.4. <i>Domínios Conceituais</i>	130
4.1.5. <i>Presença de modalizadores na oração nuclear e na oração hipotática</i> ...	133
4.1.6. <i>Forma verbal da oração nuclear e da oração hipotática</i>	134
4.1.7. <i>Correlação de igualdade/diferença da forma verbal da oração nuclear e da oração hipotática</i>	137
4.1.8. <i>Relação temporal</i>	138
4.1.9. <i>Tipo de estados-de-coisas da oração nuclear e da oração hipotática</i>	143
4.1.10. <i>Correferencialidade do sujeito</i>	147
4.1.11. <i>Presença de Subseqüência Temporal</i>	148
4.2. Análise Qualitativa dos Dados	152
4.2.1. <i>Hipóteses de Heine e colaboradores</i>	152
4.2.2. <i>Parâmetros de Lehmann</i>	155
4.2.3. <i>Princípios de Hopper</i>	160
4.2.4. <i>Os componentes semânticos de Traugott e König</i>	164
4.2.5. <i>Os domínios conceituais de Sweetser</i>	167
5. CONCLUSÃO	170
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	174
ANEXOS	182

0. INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

Nesta pesquisa, investigou-se, com base em dados sincrônicos do português, o processo de gramaticalização¹ das perífrases conjuncionais *agora que* e *já que*, focalizando, de maneira particular, os mecanismos que promovem a mudança de significado, como a transferência metafórica e a reinterpretação induzida pelo contexto (fenômeno relacionado ao processo cognitivo da metonímia). Essa tarefa dependeu, em grande parte, da consideração de aspectos associados à orientação argumentativa e à distribuição de informação, uma vez que os usos desses elementos somente podem ser entendidos, de forma satisfatória, à luz de uma teoria de base pragmático-discursiva, pois apresentam a função não somente de relacionar sintaticamente orações, mas, fundamentalmente, de proporcionar uma orientação argumentativa ao enunciado.

Assim, o objetivo central deste estudo foi examinar o processo de mudança emergência das locuções *agora que* e *já que* – as quais se ligam, na origem, aos advérbios temporais *agora* e *já* – e, assim, comprovar a pertinência de conceber essa mudança de estatuto gramatical como um caso de gramaticalização. Desse modo, tornou-se possível traçar uma comparação entre os caminhos percorridos pelas duas perífrases ao longo do processo de abstratização e pragmatização do significado (TRAUGOTT & KÖNIG, 1991). Para atingir esse objetivo principal, outros específicos foram contemplados, como:

(a) verificar o comportamento sintático, semântico e pragmático das locuções *agora que* e *já que* em um *corpus* sincrônico, que compreende dados de fala e de escrita. Essa etapa foi realizada por meio da identificação dos seus empregos e da descrição das condições lingüísticas que regem cada um desses usos, com o intuito de estabelecer um quadro

¹ De modo geral, a gramaticalização é entendida como um processo de mudança lingüística pelo qual uma unidade lexical assume uma função gramatical, ou se já gramatical assume uma função ainda mais gramatical. Esse conceito será amplamente discutido no primeiro capítulo.

multifuncional de cada perífrase, ordenando os empregos do mais concreto até o mais abstrato ao longo do processo de gramaticalização;

(b) verificar o processo de abstratização que pode ser manifestado na inter-relação *tempo > causa* na trajetória de gramaticalização das locuções *agora que* e *já que*, com base em ocorrências polissêmicas que, ao permitirem dupla interpretação, indicam a mudança de sentido e de categoria;

(c) examinar se as perífrases conjuncionais *agora que* e *já que* relacionam conteúdos e/ou inferências, os quais, por meio do mecanismo de pressão de informatividade, motivam a gramaticalização;

(d) comparar o desenvolvimento das locuções conjuncionais *agora que* e *já que* ao longo do processo de gramaticalização, com todas as implicações apresentadas acima, a fim de buscar semelhanças e/ou diferenças entre as mudanças sofridas pelas perífrases.

Como afirma Longhin-Thomazi (2003), a tese de que “causa” frequentemente deriva de tempo é reforçada pela existência, em muitas línguas, de conjunções temporais que se transformaram em causais. Em italiano, por exemplo, existe a locução conjuntiva *dal momento che*, que, embora comporte a palavra *momento*, de sentido temporal, tem valor causal. O francês tem, entre outras, a locução *du moment où* e a conjunção *puisque*, que sofreram o mesmo tipo de transformação.

A questão de estudo que se coloca é se, à semelhança da formação dessas conjunções, o processo de gramaticalização das perífrases conjuncionais *agora que* e *já que* exemplifica o tipo de mudança semântica em que o sentido causal é derivado de expressões temporais, em contextos em que esse significado mais abstrato está implicado conversacionalmente. A hipótese é que sim, uma vez que esse processo pode ser observado em diversas línguas naturais e é respaldado por conceituados estudos da gramaticalização.

Assim, esta pesquisa encontra relevância na necessidade de apreender comparativamente a mudança sofrida pelos elementos *agora que* e *já que* no processo de gramaticalização. Para tanto, destacaram-se as semelhanças e/ou diferenças relevantes entre as perífrases ao longo do percurso de mudança sintática e semântica, bem como verificou-se o estágio de gramaticalização em que cada uma está.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, é apresentada uma explanação dos principais pressupostos teóricos do fenômeno de mudança lingüística referido como gramaticalização. Dessa maneira, é traçado um percurso histórico das pesquisas sobre o tema, que conta com a leitura crítica dos trabalhos de seus principais estudiosos. Nesse momento também são abordados os aspectos cognitivos envolvidos no processo, bem como a questão da unidirecionalidade e dos modelos de representação da mudança. No segundo capítulo, examina-se a articulação de orações de acordo com uma perspectiva funcional, que ressalta o caráter dinâmico da linguagem, enfatizando as diferentes possibilidades de conexão dos elementos oracionais. Assim, as relações entre orações, em especial entre as orações causais / explicativas, são consideradas em seus diferentes níveis de construção do significado no texto. O terceiro capítulo trata do aparato metodológico pelo qual é guiada a presente pesquisa, e expõe o objeto de estudo e os *corpora* selecionados. Por fim, no quarto capítulo, são apresentadas as análises quantitativa e qualitativa das ocorrências de *agora que* e *já que*. Nesse capítulo, buscou-se apontar os aspectos que comprovam a validade do exame dessas perífrases como casos de gramaticalização, assim como os indícios de que a locução *já que* se encontra em uma fase mais avançada do processo em relação a *agora que*. Por fim, na conclusão, apresentam-se os resultados da pesquisa.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo, a fim de apresentar uma fundamentação teórica geral para as descrições e análises dos objetos de estudo, serão expostos os princípios e pressupostos básicos da Gramaticalização, que definem o quadro teórico em que serão analisados os fenômenos lingüísticos em questão. Desse modo, busca-se estabelecer uma orientação de pesquisa clara e bem definida, pela interpretação de trabalhos de alguns dos principais pesquisadores sobre esse processo de mudança lingüística.

1.1. Unidades Lexicais *versus* Unidades Gramaticais

Os lingüistas que estudam a gramaticalização adotam o princípio segundo o qual existem dois tipos de unidades lingüísticas: as unidades lexicais e as unidades gramaticais. Segundo Hopper e Traugott (1993, p.4), os itens lexicais, também conhecidos como *palavras de conteúdo* – nomes, verbos e adjetivos – são usados para informar e descrever coisas, ações, eventos, etc. Por outro lado, os elementos gramaticais, também chamados de *palavras funcionais* – preposições, advérbios, conectivos, pronomes, auxiliares, morfemas gramaticais e derivacionais e clíticos – são usados para indicar relações entre nomes, para ligar partes de um discurso, para indicar se as entidades e participantes de um discurso já são ou não identificadas e para mostrar se eles estão próximos do falante ou do ouvinte.

De acordo com Bybee (2003), os falantes podem comunicar-se muito mais direta e exatamente pelos significados de nomes, verbos e adjetivos, do que por meio de morfemas e construções gramaticais. Assim, itens gramaticais são muito menos acessíveis do que os itens lexicais e, se os falantes se reportam a usos de construções gramaticais, que são claros

exemplos de construções gramaticalizadas, eles parecem conscientes apenas dos mais concretos desses usos. Essa posição de Bybee está relacionada à cognição, uma vez que classifica os itens lexicais como específicos e concretos, incluindo nomes que se referem a entidades físicas e suas partes, e define os significados gramaticais como significados tipicamente abstratos, que remetem a domínios amplos e gerais.

Com base na distinção entre unidades lexicais e gramaticais, os lingüistas formulam hipóteses relacionadas à evolução da língua, como a do fenômeno da gramaticalização que, de forma geral, constitui um processo de evolução contínuo em que uma unidade lexical se torna um elemento gramatical, ou unidades que já possuem uma função gramatical se gramaticalizam ainda mais. Desse modo, do ponto de vista de muitos estudiosos da Gramaticalização, as palavras gramaticais têm origem nas palavras lexicais, ou seja, uma forma gramaticalizada é, em sua origem, uma palavra de conteúdo que assumiu características de uma palavra funcional, ao longo do processo de mudança.

Vale ressaltar que, ao propor essa classificação das categorias lexicais e gramaticais, os autores não assumem que se trata de categorias discretas, bem delineadas e definidas, e nem que as formas saltam abruptamente de uma categoria para outra, mas, ao contrário, seguem etapas graduais de transição, que tendem a ser similares em todas as línguas, como postularam Hopper e Traugott (1993). Essas etapas possuem implicações históricas e sincrônicas; de uma perspectiva diacrônica, um *cline* é uma trajetória natural que guia o desenvolvimento das formas; sincronicamente, essas etapas são entendidas como um *continuum*, um arranjo das formas ao longo de uma linha imaginária que o item lexical percorre até chegar a uma unidade mais gramaticalizada. Em um ponto está uma forma mais plena, considerada o elemento “lexical”, e no lado oposto, está a forma reduzida e compacta, o elemento “gramatical”; os estágios entre esses pontos, para Hopper e Traugott (1993), são arbitrários, dada a fluidez das categorias.

Assim, há uma dificuldade em distinguir com clareza os conceitos gramaticais dos lexicais, visto que, segundo Bybee (2003), o estudo da gramaticalização prova que não há limites bem estabelecidos entre os dois tipos de significado, mas sim um contínuo de um para o outro. Além disso, existem elementos de transição que compartilham características das duas categorias e, dependendo do caso, podem desempenhar função lexical e/ou gramatical.

Heine *et al.* (1991b, p.28) caracterizaram os itens lexicais e os itens gramaticais, a partir dos conceitos que eles veiculam e da forma como se expressam nas línguas naturais. Os autores adotaram um conjunto de critérios para estabelecer a distinção entre os dois tipos de conceitos, por eles referidos como *conceitos lexicais* e *conceitos gramaticais*, como segue ilustrado no quadro abaixo:

CONCEITOS LEXICAIS	CONCEITOS GRAMATICAIS
➤ são menos abstratos; incluem os conceitos concretos, tais como objetos, ações e qualidades;	➤ são mais “abstratos”; incluem tanto os conceitos derivacionais quanto os conceitos relacionais de Edward Sapir (1921:101)
➤ são autosssemânticos, ou seja, eles têm semântica por si próprios;	➤ são sinsemânticos, ou seja, só adquirem semântica pela combinação com outros conceitos;
➤ contribuem para o conteúdo da representação cognitiva (função referencial);	➤ tendem a determinar a estrutura da representação cognitiva (cf. Talmy, 1988);
➤ são de uso geral e menos freqüente;	➤ são de uso mais específicos e mais freqüentes;
➤ são codificados por lexemas;	➤ tendem a ser codificados linguisticamente por auxiliares, partículas, clíticos, afixos, unidades supra-segmentais, distinções na ordem de palavras etc;
➤ são expressos por categorias lingüísticas que formam uma classe aberta;	➤ são expressos por categorias lingüísticas que formam classes fechadas;
➤ possuem maior conteúdo fonológico.	➤ possuem menor conteúdo fonológico;
	➤ são descritos em termos de estruturas topológicas e esquemas imagéticos (cf. Sweetser, 1988).

QUADRO 1: Conceitos Lexicais e Conceitos Gramaticais

Segundo Heine *et al.* (1991a, p.150), subjacente à gramaticalização, existe um princípio cognitivo específico que pode ser responsável pela criação de formas linguísticas que servem para expressar conceitos gramaticais. Esse princípio é referido por Werner e Kaplan (1963, p.403, *apud* HEINE *et al.*, 1991b) como o “princípio da exploração de significados antigos para novas funções”. Isso significa que conceitos concretos são empregados para entender, explicar ou descrever fenômenos menos concretos. Nesse sentido, entidades claramente delineadas e/ou estruturadas são recrutadas para conceituar entidades menos delineadas e/ou estruturadas, e experiência não-física é entendida em termos de experiência física, tempo em termos de espaço, causa em termos de tempo, ou relações abstratas em termos de processos físicos ou relações espaciais.

Assim, ainda de acordo com Heine *et al.*, os conceitos acionados em um processo de gramaticalização consistem, em grande parte, em objetos concretos, processos ou locações. Porém, os autores alertam para o fato de que o termo “conceito fonte” deve ser entendido como uma noção relativa, uma vez que uma entidade é um conceito fonte apenas com referência a algum outro, mais abstrato, que também pode ser fonte para algum outro ainda mais abstrato. Como exemplo, citam o caso de “*back*” (costas), um objeto concreto, parte do corpo, que serve de conceito-fonte para um conceito espacial, como em “*three miles back*” (três milhas atrás), o qual, novamente, pode ser fonte para um conceito temporal, como em “*three years back*” (três anos atrás) (HEINE *et al.*, 1991, p.151). Desse modo, as partes do corpo humano constituem importante fonte de referência para a orientação espacial. No português, temos casos semelhantes, como as expressões “*à face de*”, “*em face de*”, “*de face*”, que codificam conceitos espaciais, denotando uma posição relativa a outrem, significados mais abstratos em relação ao conceito-fonte “*face*” (parte do corpo humano).

Castilho (2003) questiona a distinção lexical X gramatical. Ele afirma que essa classificação não se sustenta, pois dá a entender que os itens lexicais não possuem

propriedades gramaticais. Além disso, para ele, os estudos que fazem essa separação descartam a Teoria dos Protótipos², por sugerir limites claros entre as categorias.

Contudo, deve-se acentuar que o presente estudo não analisa os itens como categorias discretas, pelo contrário, ressalta a fluidez entre os chamados elementos lexicais e os elementos gramaticais. Diferentemente do que afirma Castilho, esse ponto de vista não descarta a Teoria dos Protótipos, mas corrobora-a, uma vez que os itens são classificados de acordo com as propriedades semelhantes aos protótipos lexical e gramatical.

1.2. Concepções de Gramaticalização

1.2.1. Primeiras noções de Gramaticalização

Segundo Heine *et al.* (1991b), a questão de como as categorias gramaticais se originam e se desenvolvem é quase tão antiga quanto a Linguística. Para os autores, que fazem um histórico dos estudos sobre o tema, a noção de gramaticalização foi reconhecida primeiramente fora dos estudos do Ocidente. Já no século X, os escritores chineses reconheciam a diferença entre símbolos lingüísticos “plenos” e “vazios” e até argumentavam que os símbolos vazios eram formados a partir dos símbolos plenos. No século XVIII, filósofos franceses defenderam a idéia de que a complexidade gramatical e o vocábulo abstrato são, historicamente, derivados de lexemas concretos (HEINE *et al.*, 1991b).

A Gramaticalização também foi um tópico na lingüística ao longo do século XIX. De acordo com Hopper e Traugott (1993, p.18), em busca de explicações sobre o

² Protótipo é o membro de uma categoria que ostenta o maior número das propriedades mais caracteristicamente importantes, e todos os demais membros devem ser classificados de acordo com o grau de semelhança com o protótipo (NEVES, 1998).

desenvolvimento evolutivo da fala humana, Wilhelm von Humboldt traçou especulações sobre a origem da gramática. Na palestra “*On the origin of grammatical forms and their influence on the development of ideas*”, apresentada em 1822, ele sugeriu que a estrutura das línguas humanas foi precedida por um estágio em que apenas idéias concretas poderiam ser expressas. Para o autor, a gramática evoluiu por distintos estágios de colocação das idéias.

Humboldt propôs os seguintes estágios – adaptados de Heine *et al.* (1991b) e Hopper e Traugott (1993) – que são empregados na evolução do significado até atingir designações gramaticais:

Estágio I (Estágio pragmático)	Expressões, sentenças e cláusulas.
	Nesse estágio, apenas coisas eram denotadas, objetos concretos, cujas relações não eram explícitas na enunciação, mas inferidas pelo interlocutor.
Estágio II (Estágio sintático)	Fixação da ordem das palavras.
	A ordem em que os objetos eram apresentados tornou-se habitual e isso fixou a ordem das palavras; algumas palavras começaram a se especializar para funcionar de modo mais relacional na enunciação.
Estágio III (Estágio de cliticização)	Formas analógicas, que são puramente expressões de relações.
	No terceiro estágio, as palavras funcionais passaram a ligar, de modo frouxo, as palavras materiais.
Estágio IV (Estágio morfológico)	Formas verdadeiras, flexões, e palavras puramente gramaticais.
	Por fim, os pares aglutinativos fundiram-se, tornando-se uma única palavra complexa. Além disso, nesse estágio, algumas palavras funcionais puderam continuar suas trajetórias como indicadores puramente formais de relações gramaticais.

QUADRO 2: Estágios da gênese das formas gramaticais

Esse modelo, segundo Heine *et al.* (1991b, p.7), revela a maior motivação de Humboldt para trabalhar com a gramaticalização: a tipologia lingüística e o modo como se correlaciona com a evolução da linguagem e do pensamento.

Georg von der Gabelentz (1891, *apud* HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p.20), por sua vez, articulou muitos pressupostos básicos para trabalhar com a gramaticalização. Ele sugeriu que gramaticalização é o resultado de duas tendências competidoras, uma em direção à *facilidade de articulação*, e outra em direção à *distintividade*. Segundo o autor, pronúncias

descuidadas provocam mudanças que desgastam as palavras, tornando as distinções mais acentuadas. Como consequência, novas formas intervêm e assumem funções aproximadas das antigas palavras. Além disso, ele apresentou a percepção de que a gramaticalização não é um processo linear, mas cíclico; propôs a noção de uma espiral da evolução com o intuito de descrever o desenvolvimento das categorias gramaticais. Com o seu trabalho, o paradigma de “o que hoje são afixos foram uma vez palavras independentes” tornou-se um lugar comum na Linguística (HEINE *at al.* 1991b).

Nas discussões de Gabelentz, estão as origens do trabalho posterior sobre gramaticalização de Antoine Meillet. O termo “gramaticalização” foi usado pela primeira vez por esse lingüista, em seu artigo “*L'évolution des formes grammaticales*”, de 1912. Ele definiu o fenômeno como “a atribuição de um caráter gramatical para uma palavra anteriormente autônoma”. Nesse trabalho, Meillet descreveu dois processos pelos quais as formas gramaticais se originam. Um deles é a analogia, que consiste na emergência de novas formas por meio da semelhança formal com paradigmas já existentes no sistema da língua; esse tipo de criação é muito freqüente entre as crianças, na aquisição de primeira língua. O outro procedimento, Meillet denominou “gramaticalização” e caracterizou-o nos seguintes termos:

[Ao lado da analogia,] outro processo consiste na mudança de uma palavra autônoma para o papel de um elemento gramatical. Este processo envolve a atribuição de caráter gramatical a uma palavra antes autônoma... é um dos modos por meio do qual novos construtos gramaticais são formados. (MEILLET, 1965 [1912], p.131)

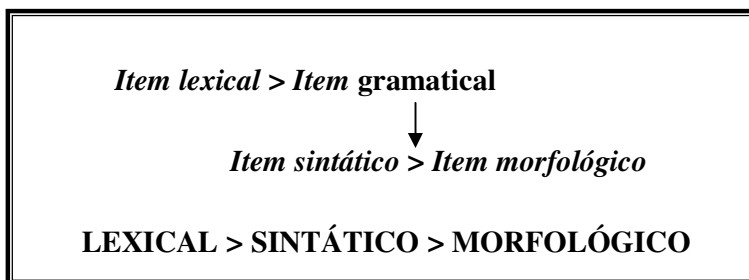
Para Meillet, o segundo processo é o mais importante, uma vez que, diferentemente do processo analógico, leva à transformação do sistema inteiro, por criar novas formas que substituem as antigas já desgastadas pelo uso:

Enquanto a analogia pode renovar os detalhes das formas, deixando intacto o plano geral do sistema existente, a gramaticalização de certas palavras cria novas formas, introduz categorias que não eram usadas para receber expressão lingüística, e transforma o sistema como um todo. (MEILLET, 1965 [1912], p.133)

Assim, o lingüista justifica a relevância dos estudos sobre o tema, considerando-o uma das maiores atividades da ciência da linguagem.

A transição de itens lexicais para auxiliares e para outros morfemas que exercem funções gramaticais, também referidos como “palavras vazias”, é descrita por Meillet como um tipo de *continuum*. Com essa observação, ele apreendeu um aspecto que qualquer concepção de gramaticalização tem de levar em consideração: o caráter gradual do processo.

Conforme afirmam Campbell e Janda (2001, p.95), a gramaticalização, para Meillet, envolve essencialmente a passagem do *lexical* para o *gramatical*, com o lado gramatical contendo a seqüência interna: *sintático* > *morfológico*, o que resulta nos clines³:



Com base no esquema acima, pode-se dizer que a mudança, para Meillet, tem um curso previsível, ou seja, é *unidirecional*: as palavras principais da língua servem de fonte para a criação das palavras acessórias e gramaticais, mas não vice-versa.

³ Arranjo gradual das formas em gramaticalização ao longo de uma linha imaginária (HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p.6).

Além disso, segundo Meillet, esse processo tem uma motivação característica. Ele acredita que o que motiva a mudança é a constante busca dos falantes por serem expressivos. O uso freqüente de uma palavra leva ao desgaste e à diminuição do seu valor expressivo; o falante tende a reagir contra essa automatização, recrutando formas lingüísticas já existentes para desempenhar novas funções ou criando novas colocações. Lehmann (1995[1982], p. 4) destaca que esses dois fatores, *desgaste* e *expressividade*, têm muito em comum com as tendências de *facilidade* e *distintividade*, já reconhecidas por Gabelentz.

Acompanhando essa perda de expressividade está o suposto enfraquecimento da forma fonológica e do significado concreto. Meillet postula que o processo de mudança semântica na gramaticalização consiste, sobretudo, em um enfraquecimento dos sentidos, também conhecido como *bleaching* (desbotamento semântico). Essa concepção foi muito discutida e terminou modificada, já que a idéia de empobrecimento é imprópria, pois o que ocorre, na verdade, durante a gramaticalização, não é uma perda de sentido, mas sim uma modificação semântica.

Os trabalhos seguintes sobre gramaticalização foram reestruturados, algumas vezes radicalmente, porém os germes da concepção moderna sobre gramaticalização estão fundados implícita ou explicitamente, na visão de Meillet, conforme acentuam Hopper e Traugott (1993, p.24).

1.2.2. Enfoques recentes em Gramaticalização

Logo após Meillet ter introduzido o termo gramaticalização, a Lingüística foi dominada pelo estruturalismo de Saussure, uma teoria fundada em uma perspectiva sincrônica, em que havia pouca importância para o campo de estudo diacrônico. Os estudos

sobre gramaticalização sofreram uma estagnação, permanecendo como um instrumento para subdisciplinas em que a mudança era o foco central, e foram conhecidos por poucos lingüistas que permaneceram afastados da tendência predominante (HOPPER, 1996).

Os estudos mais significativos desse período foram de Jerzy Kurylowicz e Émile Benveniste. Kurylowicz (1965, p.52, *apud* LEHMANN, 1995[1982], p.7) forneceu a clássica definição do termo: “Gramaticalização consiste no aumento do uso de um morfema, que avança de um estatuto lexical para um estatuto gramatical ou de um menos gramatical para um mais gramatical, por exemplo, de um formante derivacional para um formante flexional”, a qual é bastante recorrente nos estudos dessa área. Benveniste, em seu artigo “Mutations of linguistic categories” (1986, *apud* LEHMANN, 1995[1982], p.7), evita, curiosamente, o termo gramaticalização, mas faz várias contribuições para o assunto, retomando a distinção de Meillet entre “criação” e “renovação”.

Um interesse renovado em gramaticalização começou a ressurgir na década de 1970. Muitos fatores estiveram na base do renascimento dos estudos sobre gramaticalização, tais como o interesse pela pragmática e pelo discurso – que exploraram a interface entre estrutura e uso – e pelos universais da linguagem, como destaca Hopper (1996). Uma importante figura no desenvolvimento e popularização da idéia de que a gramática era um produto de constantes mudanças, motivadas por necessidades discursivas, foi Talmy Givón (1979). Seu livro “*On Understanding Grammar*” foi extremamente influente, resumindo os pensamentos de décadas de pesquisa nesse assunto. Influenciado pelos estudos de Hodge (1970, *apud* HEINE *et al.* 1991, p.12) – que postulava uma evolução tipológica cíclica na língua egípcia – Givón formulou a seguinte hipótese: “*a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem*”, que recebeu posteriormente o aditamento: “*a sintaxe de hoje é a pragmática discursiva de ontem*”. Esse postulado tornou-se o slogan para muitos estudos funcionalistas e deu origem à seguinte escala de mudança:

DISCURSO > SINTAXE > MORFOLOGIA > MORFOFONÊMICA > ZERO

Givón também elaborou a tese de que as estruturas discursivo-pragmáticas, tipicamente mais “frouxas”, desenvolvem-se, ao longo do tempo, em estruturas sintáticas gramaticalizadas, tipicamente mais “ajustadas”. Em virtude dessa concepção, Givón sugere o termo “*sintaticização*” para explicar o processo.

Segundo o funcionalista, as formas do discurso devem ser vistas como situadas em clines e variantes entre pólos, tais como: linguagem da criança > linguagem do adulto; pidgin > crioulo; discurso não-planejado > discurso planejado; modo pragmático > modo sintático. Em cada um desses pares, o primeiro é mais frouxo e o segundo mais fixo ou mais estruturado; o movimento, isto é, a mudança é geralmente em direção ao pólo mais estruturado. (p.29)

Pólo mais “frouxo”	➔	Pólo mais “estruturado”
Modo pragmático		Modo sintático
Pidgin		Crioulo
Linguagem infantil		Linguagem adulta
Discurso oral, não-planejado		Discurso escrito, planejado

QUADRO 3: Classificação das formas do discurso em pólos

A maior contribuição de Givón para os estudos em gramaticalização foi inserir o *componente discursivo*, até então desconsiderado, como parâmetro maior para o exame da estrutura da língua. Desse modo, ele introduziu uma nova linha de pesquisa em que o processo passou a ser concebido não simplesmente como a reanálise de *material lexical* em *material gramatical*, mas também como a reanálise de *padrões discursivos* em *padrões gramaticais*. O discurso, considerado por Givón como um modo não-planejado de

comunicação informal, torna-se um favorecedor da emergência de novos modelos gramaticais que, no processo evolutivo, podem chegar a zero (GIVÓN, 1979, p.209).

Longhin-Thomazi (2003, p.16) ressalta que, embora apresente uma contribuição significativa, o trabalho de Givón não está livre de questionamentos. Segundo a autora, é obscura a referida passagem do modo pragmático para o sintático; outro ponto vulnerável é a “noção de pragmática, que mais se assemelha a uma macrosintaxe, visto que é freqüentemente descrita por meio de categorias gramaticais”.

1.2.3. Lehmann

Anos mais tarde, em 1982, Lehmann apresenta um trabalho que, segundo Hopper (1996), talvez seja o primeiro estudo propriamente dito sobre gramaticalização. O trabalho teve como principal objetivo a busca de parâmetros sincrônicos para descrever os mecanismos da gramaticalização. De forma semelhante a Meillet, a acepção de gramaticalização que ele sustenta se refere essencialmente à perda de autonomia de um signo lingüístico, isto é, ele entende como um processo sincrônico que leva um signo a perder sua autonomia sintática e semântica.

Segundo Lehmann (1995 [1982], p.122), quanto mais autônomo o signo, menos gramaticalizado, e quanto menos autônomo, mais gramaticalizado. Portanto, a autonomia de um signo é contrária a sua gramaticalidade, pois a gramaticalização faz com que sua autonomia diminua.

Com o propósito de medir o grau de autonomia de um signo, Lehmann propõe três principais aspectos: **peso** – para ser autônomo, um signo deve ter certo peso, uma propriedade que o torna distinto dos membros de sua classe e dota-o com proeminência no sintagma;

coesão – a autonomia decresce à medida que o signo sistematicamente contrai certas relações com outros signos; **variabilidade** – quanto maior a mobilidade do signo, tanto maior será sua autonomia. Assim, Lehmann aponta os primeiros aspectos da gramaticalização: a diminuição no **peso** e na **variabilidade** e o aumento da **coesão**.

Para melhor operar esses três aspectos, Lehmann relaciona-os com dois outros aspectos lingüísticos fundamentais: a *seleção* e a *combinação* dos signos, respectivamente, **aspecto paradigmático** e **aspecto sintagmático**, do que resulta o seguinte quadro:

	Paradigmático	Sintagmático
Peso	integridade	domínio estrutural
Coesão	paradigmaticidade	conexidade
Variabilidade	variabilidade paradigmática	variabilidade sintagmática

QUADRO 4: Os parâmetros da gramaticalização

(cf. LEHMANN, 1995 [1982], p.123)

Conforme ressalta Lehmann (1995 [1982], p.124), os seis parâmetros não constituem processos, mas propriedades de signos, ainda que propriedades variáveis. Em outras palavras, esses parâmetros, conjuntamente, não identificam a gramaticalização, mas sim a autonomia ou, conversacionalmente, a gramaticalidade de um signo, isto é, o seu *grau de gramaticalização*. Assim, pode-se entender a gramaticalização como um processo que consiste na correlação entre o aumento e a diminuição dos seis parâmetros. Na seqüência, serão descritos, resumidamente, os critérios de cada um dos parâmetros:

(1) **Peso** – O peso de um signo, visto paradigmaticamente, é sua *integridade*, seu tamanho substancial, tanto semântico, quanto fonológico. Lehmann define o peso paradigmático de um signo como a característica que o distingue dos outros signos do paradigma, e concede a ele

certa proeminência em relação aos demais signos do sintagma. Segundo o autor, com o avanço da gramaticalização, ocorrem a diminuição da integridade semântica de um item (*dessemantização*), bem como a diminuição da integridade fonológica (processo denominado de *atrição fonológica*). A *atrição fonológica* é, em sua concepção, essencialmente resultado da inércia articulatória do falante que segue o princípio do menor esforço; pode ser ilustrado com a redução de *ille*, do latim, para *le*, no francês, e *il*, no italiano. Com relação ao *bleaching* semântico, Lehmann caracteriza-o como a diminuição na semanticidade de um item pela perda de características semânticas que lhe fornecem complexidade e exemplifica o processo com a passagem da expressão latina *hāc hōrā* “nessa hora” para o português *agora* e para o espanhol *ahora*. Nesse caso, o componente temporal e o elemento dêitico mantêm-se presentes, ao passo que a especificação do tempo presente da expressão fonte é perdida, conforme o lingüista.

O peso sintagmático de um item é o seu *escopo*, que se refere ao nível da estrutura gramatical do sintagma com o qual o item apresenta relações gramaticais. De acordo com Lehmann, o domínio estrutural⁴ de um signo diminui com o aumento da gramaticalização. Esse diagnóstico de “abaixamento” do nível da estrutura gramatical tem sido considerado por alguns lingüistas como uma característica essencial do processo chamado de *condensação*. Para determinar o nível gramatical da construção de um signo faz-se essencial um exame das relações sintagmáticas e morfossintáticas que ele apresenta. Por exemplo, os verbos auxiliares do tipo “*have*” ou “*be*”, ao desempenhar a função do verbo principal assumem como complemento um sintagma verbal, atuando no nível oracional; por outro lado, quando se tornam auxiliares, atuam no nível do sintagma verbal.

Esse pressuposto de Lehmann é questionado por Tabor e Traugott (1998). Eles exploram a hipótese de que os elementos em gramaticalização envolvem aumento do domínio

⁴ O termo em inglês para esse conceito é *structural scope* (LEHMANN, 1995, p.143), que neste trabalho está sendo traduzido como domínio estrutural.

estrutural, não diminuição. Entre os exemplos apresentados pelos autores para a defesa desse ponto de vista, está o caso do genitivo do inglês. Tabor e Traugott comprovam que a marca do genitivo antigo, que aparece junto de nomes, tem escopo menor que o marcador possessivo moderno. Assim, a mudança de marcador de uma subclasse de nomes para um marcador do sintagma nominal inteiro é caracterizada pelo aumento do domínio estrutural.

(2) Coesão – A coesão de um signo com outros signos no paradigma é denominada de *paradigmaticidade*. O aspecto mais superficial da paradigmaticidade é o tamanho absoluto do paradigma; contudo, esse fator nem sempre é confiável. Como aponta Lehmann, a integração do paradigma tem aspectos mais intrínsecos e não facilmente quantificáveis, tais como a homogeneidade formal e funcional do paradigma, ou seja, a soma de similaridades entre seus membros e a presença de regularidades em suas diferenças. Tal paradigmaticidade é gradualmente atingida no processo de gramaticalização, sendo que categorias pouco gramaticalizadas não constituem paradigmas fortemente integrados, como a variação formal do aspecto no Português, destacada por Lehmann. Já as categorias mais gramaticalizadas do sistema lingüístico geralmente possuem um paradigma de apenas dois membros, isto é, uma oposição binária; casos típicos são: *número* (singular/plural); *gênero* (masculino/feminino); *classe nominal* (animado/inanimado ou humano/não humano). Segundo o autor, esses grupos de palavras constituem o mais alto grau de paradigmaticidade, uma vez que o paradigma deixaria de existir com o aumento da gramaticalização. Outro fator que acompanha a *paradigmatização* citado por Lehmann é o aumento da irregularidade, uma vez que as regras que governam o uso de itens gramaticalizados são semanticamente menos motivadas e cada vez mais arbitrárias, puramente formais.

A coesão sintagmática de um signo é denominada *conexidade*, isto é, sua adesão a outros signos no sintagma, cujo grau varia da simples justaposição até a fusão completa das

unidades. Lehmann acentua que o aumento da conexão pode levar à *coalescência*, que é observável mais precisamente no nível fonológico e pode ser descrita como o enfraquecimento e perda final das fronteiras. Esse processo apresenta três fases: *cliticização* (subordinação de um item gramaticalizado a um acento adjacente), *aglutinação* (fase em que se torna um afixo de outro elemento) e *fusão completa* (fase em que o item gramaticalizado perde sua identidade morfológica e torna-se uma parte integral de outro morfema). Um critério sintático apresentado pelo autor para testar a conexão de um formativo gramatical é a possibilidade de inserção de material entre ele e a palavra justaposta; nos constituintes de níveis menores, mais gramaticalizados, há uma diminuição da inserção de material. Como exemplo, pode-se citar a formação de perífrases conjuncionais do tipo “advérbio + que”, estudadas na presente pesquisa, que apresentam um aumento de conexão, haja vista a cristalização dos dois elementos como formadores de um todo de sentido, impossibilitando, com o aumento da gramaticalização, a introdução de material linguístico entre eles.

(3) Variabilidade – a *variabilidade paradigmática* de um signo se refere à possibilidade de se usarem outros signos no seu lugar, ou até de omiti-lo completamente. Para Lehmann, as principais alternativas para escolher algum signo são: escolher um signo dentre aqueles pertencentes a um mesmo paradigma ou não escolher nenhum membro do paradigma, deixando toda a categoria genérica sem especificação. Ele assegura que itens mais gramaticalizados tendem a se tornar obrigatórios, com menor liberdade de escolha dentro do paradigma. Alguns autores consideram a *obrigatoriedade* uma característica essencial da gramaticalidade. F. Boas (*apud* Lehmann, 1995[1982], p.142) considera que “a obrigatoriedade de categorias gramaticais é uma característica específica que as distingue dos significados lexicais”. Para ilustrar distintos graus de obrigatoriedade, o autor cita o caso da categoria de número: em turco, a especificação de número no sintagma nominal é obrigatória

somente em contextos específicos, ao passo que, em latim, todos os nomes precisam ser especificados em qualquer contexto lingüístico.

Finalmente, a *variabilidade sintagmática* de um signo corresponde à facilidade com que ele pode mover-se dentro de um contexto. No caso da gramaticalização de um signo, refere-se, principalmente, à mutabilidade posicional em relação aos constituintes que fazem parte da construção, de acordo com Lehmann. Com o avanço do processo de mudança, o lingüista sugere que a variabilidade sintagmática de um item decresce e a sua fronteira com uma classe particular de palavras que ele modifica gramaticalmente torna-se mais integrada ou fixa. A gramaticalização de advérbios em preposições fornece um exemplo desse fato: um advérbio que especifica um aspecto de um sintagma nominal pode aparecer justaposto ou separado; quanto mais íntima essa conexão, mais fixa se torna essa posição, dando origem a uma preposição. (LEHMANN, 1995 [1982], p.159)

O quadro abaixo, proposto por Lehmann, sumariza o comportamento dos parâmetros e ilustra as suas correlações:

Parâmetros	Gramaticalização incipiente	Processo →	Gramaticização Avançada
Integridade	Conjunto de traços semânticos	Atrição	Poucos traços semânticos
Paradigmaticidade	Participação “frouxa” em um campo semântico	Paradigmaticidade	Paradigma pequeno, altamente integrado
Variabilidade paradigmática	Escolha livre dos itens, segundo as necessidades comunicativas	Obrigatoriedade	Escolhas sistematicamente restritas, uso obrigatório
Domínio estrutural	Item relaciona-se a constituintes de complexidade arbitrária	Condensação	Item modifica palavra ou a raiz
Conexidade	O item é justaposto independentemente	Coalescência (união)	O item é afixo ou traço fonológico
Variabilidade sintagmática	Liberdade de movimento do item	Fixação	O item ocupa uma posição fixa

QUADRO 5: Correlações entre os parâmetros de gramaticalização
(cf. LEHMANN, 1995 [1982], p.164)

Além de buscar apreender os diferentes graus de gramaticalidade dos produtos da gramaticalização, outra preocupação de Lehmann na área de pesquisa da mudança lingüística, é a questão de “em que ponto a gramaticalização começa e onde ela termina”. Com o propósito de responder essa pergunta, ele apresenta um diagrama (Figura 1) que incorpora as idéias de Givón (1979, p.209):

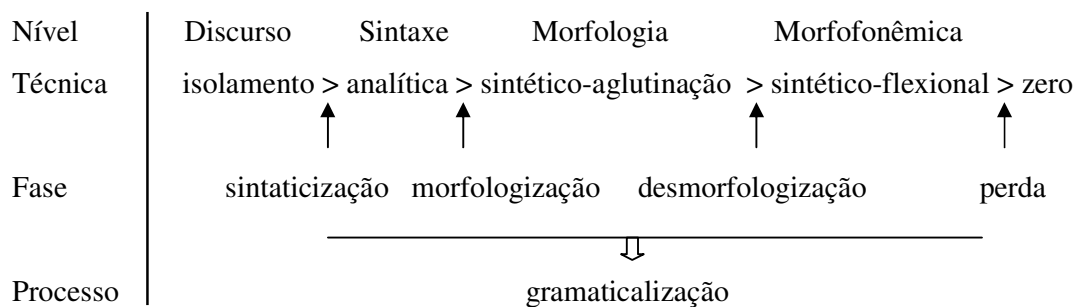


FIGURA 1: As fases da gramaticalização
(cf. LEHMANN, 1995 [1982], p.13)

Lehmann (1995 [1982], p.13-4) assume que a gramaticalização tem início com uma colocação livre, com palavras lexicais potencialmente não flexionadas no discurso, que passam pelos processos de sintaticização, morfologização e desmorfologização. Ressalta ainda que, na teoria da gramaticalização, não é essencial que cada elemento afetado pela mudança entre no começo do processo e o deixe somente no final, sendo raros os casos com essa trajetória.

1.2.4. Heine & Reh

O trabalho de Lehmann teve uma forte influência nos estudos da gramaticalização, principalmente para outros estudiosos alemães, tais como Heine e Reh, cuja pesquisa é

considerada a primeira tentativa de estabelecer os princípios universais que regem a gramaticalização. Esse trabalho, segundo Hopper e Traugott (1993, p.30), é uma demonstração convincente do poder da teoria da gramaticalização como uma ferramenta da lingüística descritiva e, especialmente, dos inúmeros fatos lingüísticos caracterizáveis pela gramaticalização. Heine e Reh adotaram a seguinte definição para o termo:

Com o termo gramaticalização, queremos referir essencialmente a uma evolução por meio da qual unidades lingüísticas perdem em complexidade semântica, significância pragmática, liberdade sintática e substância fonética ... Esse é o caso, por exemplo, quando um item lexical desenvolve-se para marcador gramatical. [...] Gramaticalização consiste em um número de processos básicos [...] mas é um contínuo evolutivo. Qualquer tentativa de segmentá-lo em unidades discretas permanece, de certo modo, arbitrária. (1984, p.15, *apud* CAMPBELL, L; JANDA, R., 2001, p.97)

De acordo com Heine *et al.* (1991b, p.15), Heine e Reh trataram dos mecanismos internos do processo, mostrando que a gramaticalização afeta todos os níveis da estrutura da língua, que são diferenciados do seguinte modo:

- a) Processos Funcionais: dessemantização, expansão, simplificação e fusão;
- b) Processos Morfossintáticos: permutação, composição, cliticização, afixação e fossilização;
- c) Processos Fonéticos: adaptação, erosão, fusão e perda.

Além disso, Heine e Reh (1984, p.67, *apud* HOPPER, 1996, p.222) listam diversas observações gerais que podem ser feitas durante o processo de gramaticalização. Baseados em evidências de inúmeras línguas, Heine e Reh concluíram que quanto mais uma forma é gramaticalizada:

a-) ... *mais ela perde em complexidade semântica, significância funcional, e/ou valor expressivo.*

Segundo Hopper (1996), essa idéia de empobrecimento tem sido muito discutida em recentes trabalhos, mas é uma característica de seus primeiros estudos. Um exemplo⁵ é a passagem de um verbo pleno, como “*to manage*”, para a função de auxiliar em contextos como “*to manage to do something*”, em que há perda de riqueza semântica e de expressividade.

b-) ... *mais ela perde em pragmática e ganha em significação sintática;*

O sintagma do inglês “*the fact that*” normalmente requer que a oração seguinte seja considerada verdadeira para o falante: “*Bill was astonished at the fact that this wallet was still lying on the sidewalk.*”; a verdade da oração é garantida pela presença da palavra “fato”. Todavia, em algumas variedades do inglês falado, esse sintagma está gramaticalizando-se como um mero complementizador, em situações como “*My opponent has charged me with the fact that I used illegal campaign funds.*”, em que apresenta apenas função sintática, não mais significância pragmática.

c-) ... *mais reduzido é o número de membros que pertencem ao mesmo paradigma morfossintático;*

A história da negação do francês exemplifica esse princípio. Na língua moderna padrão, o verbo é precedido por “*ne*” e seguido pelo reforçador “*pas*”. Nos primeiros estágios da língua, “*ne*” poderia ser, opcionalmente, reforçado por um conjunto de elementos nominais, tais como “*pas, point, mie e gote*”. Esse reforço é comparado às expressões coloquiais “não ando um *passo*”, “não bebi uma *gota*” e “não comi uma *migalha*”. Atualmente, esse paradigma se estreitou e “*pas*” passou a ser concomitante ao “*ne*” em todos os contextos.

⁵ Como não houve acesso à obra original de Heine e Reh, esses princípios foram retomados de Heine *et al.* (1991b) e Hopper (1996). Em função disso, os exemplos dessa seção são extraídos do artigo de Hopper (1996).

d-) ... mais sua variabilidade diminui, isto é, sua posição se torna mais fixa na oração.

De acordo com Hopper (1996), um pré-requisito da gramaticalização é a ordem habitual fixa, uma preferência por um ou outro elemento dentro de várias possibilidades. Por exemplo, na sentença latina “*habeo canticulum cantare*”, as palavras componentes poderiam ocorrer em qualquer ordem. O mesmo não acontece com a ordem fixa do francês atual, que não permite variações em sentenças do tipo: “[*je*] *chantarai une chanson*”.

e-) ... mais seu uso se torna obrigatório em alguns contextos e agramatical em outros;

Novamente, a negação do francês serve como exemplo. A partícula “*pas*”, no início, era um reforçador opcional; com o avanço da gramaticalização, tornou-se obrigatória e, no francês falado, assume as funções originais de “*ne*” em contextos como “*moi j’aime pas lès riz*” (eu não gosto de arroz).

f-) ... mais ela se funde semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades;

Desse modo, a gramaticalização promove a união de formas que, anteriormente, eram separadas. Por exemplo, a perífrase verbal do inglês “*be going to*”; que era uma estrutura separada, como em “*I am going to buy a pig*”, em alguns registros tornou-se “*I’m gonna buy a pig*” e até “*I ma buy a pig*”.

g-) ... mais ela perde em substância fonética.

A erosão fonética é característica da mudança. Como exemplo, Hopper (1996) cita a evolução da marca de negação do inglês “*not*”, que apresentou os seguintes estágios: *na wiht* > *nówiht*, *nówuht* > *nogh* > *not* > *n’t* > *t* (em *can’t*).

1.2.5. Paul Hopper

De modo similar a Lehmann (1995[1982]) e a Heine e Reh (1984), Hopper (1991) apresenta princípios gerais por meio dos quais as formas lingüísticas usadas para falar sobre o mundo das idéias e para exprimir relações gramaticais emergiram de palavras mais concretas e entidades mais claramente definidas. Ele ressalta que a gramaticalização, concebida como a transformação de itens e sintagmas lexicais em formas gramaticais, é, atualmente, foco de muitas pesquisas que fazem não só estudos empíricos, mas também debates internos sobre os conteúdos e limites do próprio termo. Para ele, o processo de gramaticalização está diretamente relacionado à natureza dinâmica da gramática.

Em seu artigo “*Emergent grammar*”, de 1987, Hopper questiona a concepção tradicional que considera a gramática como um conjunto de regras que operam em categorias fixas e pré-estabelecidas. Sua concepção de gramática vai de encontro à noção de uma sincronia estável, de uma gramática em que as estruturas lingüísticas são distintas do discurso. Ao introduzir o termo *Gramática Emergente*, ele propõe que a gramática, à semelhança da cultura, deve ser vista como um fenômeno social que está em constante processo, emergindo continuamente.

Hopper argumenta contra o hábito geral de compreender o enunciado em termos de padrões fixos de regras. A noção de gramática emergente está estritamente relacionada com o discurso, pois a estrutura, ou regularidade da língua, surge no discurso e é moldada por ele. Por conseguinte, a gramática não deve ser concebida como um molde fixo para a enunciação, pois suas formas refletem a experiência do falante, bem como suas avaliações da situação comunicativa. O autor ressalta que o adjetivo *emergente* não é usado para se referir à origem ou genealogia, nem à questão histórica de “como” a gramática surge, antes está

relacionado ao movimento contínuo em direção à estrutura, que é sempre provisória, sempre negociável na interação entre os interlocutores.

De acordo com o lingüista, a doutrina da Gramática Emergente expõe propostas distintas das apresentadas pela gramática tradicional e pressupõe os seguintes fatores:

- (1) As regularidades no discurso são de diferentes tipos e de natureza dinâmica, já que há um movimento contínuo entre um tipo de discurso e outro. Como consequência, nenhuma ligação pode ser traçada entre as regularidades emergentes designadas como “gramaticais” e outras regularidades referidas como retóricas, formulaicas.
- (2) Pelo fato de a gramática estar sempre emergindo, pode ser dito que ela nunca existe por completo, está sempre sendo transformada. Em outras palavras, não existe “gramática”, mas apenas gramaticalização, caracterizada pelo movimento em direção à estrutura.
- (3) O principal projeto descritivo da Gramática Emergente é identificar estratégias recorrentes na construção do discurso, estratégias que têm generalidades lingüísticas e que se movem em direção à gramaticalização.

Segundo Heine *et al.* (1991b, p.77), esse modelo pode ser conciliado com a perspectiva de que a gramaticalização é um *continuum*, em vez de um processo discreto, uma abordagem que vê a atividade lingüística como “um movimento contínuo em direção à estrutura”.

Conforme Neves (1997a), o caráter gradual do processo é acentuado por Hopper, que buscou descrever princípios que regem a gramaticalização e respondem à questão do “mais” ou “menos” gramaticalizado, não do “dentro” ou “fora” da gramática. Ao apresentar seus princípios, ele declara que sua intenção é suplementar os parâmetros de Lehmann, que caracterizam os estágios mais avançados do processo, quando a gramaticalização é inequivocadamente reconhecida.

Desse modo, Hopper (1991, p.22) enfatiza os estágios mais incipientes, menos acessíveis do processo e apresenta as seguintes tendências na emergência das unidades gramaticais:

- I. **Estratificação**: *dentro de um amplo domínio funcional, novas camadas estão emergindo continuamente. Quando isso acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem continuar a coexistir e a interagir com as camadas mais novas.*

Dessa forma, a gramaticalização não acarreta, imediatamente, a substituição de um item pelo outro, mas promove a coexistência de camadas novas e antigas num mesmo recorte sincrônico, ocasionando a variação lingüística. Um exemplo⁶ de *estratificação* é o comportamento da forma *a gente* no português falado, posto que essa expressão compete, funcionalmente, com os pronomes *eu* e *nós*.

- II. **Divergência**: *quando uma forma lexical sofre gramaticalização para um clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças de um item lexical comum.*

Isso quer dizer que a gramaticalização de uma forma não implica o desaparecimento de seu uso lexical; ao contrário, pode resultar em pares de formas que apresentam etimologia comum, mas que são divergentes funcionalmente. Assim, o item lexical *gente* permaneceu como um item lexical autônomo, e, como tal, sujeito a novas mudanças.

⁶ Os exemplos dessa seção foram recortados de Omena e Braga (1996, p.75-83), que examinaram a gramaticalização da expressão “a gente” no português, utilizando os princípios de Hopper (1991).

III. **Especialização**: *dentro de um domínio funcional, em um determinado estágio, pode existir uma variedade de formas com nuances semânticas diferentes; à medida que a gramaticalização ocorre, essa variedade de escolhas formais estreita-se e um pequeno número de formas selecionadas assume significados semânticos mais gerais e mais gramaticalizados.*

Esse princípio corresponde proximamente à obrigatoriedade que Lehmann se referiu e tem como indício, segundo Gonçalves (2003), o aumento na frequência de uso da forma mais gramaticalizada. No que se refere ao emprego das formas *nós* e *a gente*, Omena e Braga (1996) observaram que a ocorrência da nova forma tem predomínio (69%) sobre a primeira.

IV. **Persistência**: *quando uma forma se gramaticaliza, passando de uma função lexical para uma função gramatical, contanto que seja gramaticalmente viável, alguns traços do significado lexical original tendem a permanecer na nova forma gramatical e detalhes de sua história lexical podem refletir-se em sua distribuição gramatical.*

A persistência é característica dos primeiros estágios da gramaticalização em que o significado contextual original das formas permanecem, mesmo que elas mudem de uma função lexical para uma gramatical, dando origem a formas polissêmicas. O traço de coletividade do substantivo *gente* permanece no seu emprego como pronome; tal fato contribui para uma referência indeterminadora, visto que é mais provável o uso da forma *a gente* na referência a um grande grupo indeterminado de pessoas do que a um pequeno grupo determinado.

V. **Descategorização**: *formas que sofrem gramaticalização tendem a perder ou a neutralizar as marcas morfológicas e as propriedades sintáticas características de categorias plenas, como nome ou verbo, e assumir*

características de categorias secundárias, como adjetivos, partículas, preposições, etc.

Assim, advérbios, auxiliares, preposições e outras “categorias menores” sempre derivariam de categorias principais, como nome ou verbo, mas nunca o contrário. Com relação à gramaticalização da forma *a gente*, percebe-se que *gente* possui todas as características de um substantivo, ao passo que a forma gramaticalizada *a gente* apresenta uma variação sintática “a gente vamos”, que mostra sua integração ao sistema pronominal ao concordar com a primeira pessoa do plural.

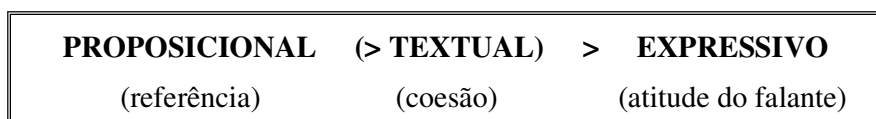
Hopper (1996) identifica, ainda, duas dimensões nas quais se assentam os estudos da gramaticalização: a lexical/ etimológica, que recorre a aspectos semânticos e cognitivos para explicar o que é gramaticalizado; e a discursivo/ textual, que se preocupa em analisar os contextos discursivos em que o gramaticalização ocorre. Conforme ele ressalta, uma dimensão complementa a outra, a primeira explica o que é gramaticalizado enquanto que a segunda ilustra como isso ocorre.

De modo semelhante, Hopper e Traugott (1993, p.2) afirmam que a gramaticalização pode ser estudada a partir de dois pontos de vista: *diacrônico* e *sincrônico*. A abordagem *histórica* investiga a origem de formas gramaticais e os caminhos típicos que elas percorreram para sofrer as mudanças. Na perspectiva *sincrônica*, por outro lado, a gramaticalização é vista como um fenômeno sintático e pragmático do discurso, estudada do ponto de vista dos padrões difusos da linguagem, em que um mesmo elemento pode adquirir múltiplas funções. Concluem que a gramaticalização é ao mesmo tempo um *contínuo sincrônico* e um *processo diacrônico*, já que aquele não pode ser bem situado sem recorrer a este.

1.2.6. Elizabeth Traugott

Diferentemente dos autores já abordados, a concepção de gramaticalização lançada por Traugott (1982) e Traugott & König (1991) é formulada em outros termos, pois os autores se empenham mais em identificar os tipos de mudança de significado que ocorrem nos processos de gramaticalização, isto é, eles privilegiam a análise dos aspectos semânticos e pragmáticos relacionados a esse processo de mudança lingüística. Esse tipo de estudo era improvável no passado, em virtude da suposição de Meillet (1965[1912]), segundo a qual a gramaticalização envolve um enfraquecimento semântico, como dito antes. Essa noção de “perda” no processo, em que os signos perdem sua integridade, também pode ser observada nos trabalhos de Heine e Reh (1984) e Lehmann (1995), já citados. Ao contrário, o foco da pesquisa dos autores é analisar o que é adicionado no processo de gramaticalização, mais particularmente, no fortalecimento das expressões na interação entre falante-ouvinte.

Assim, Traugott & König (1991) definem a gramaticalização como um processo histórico, dinâmico e unidirecional pelo qual itens lexicais, no curso do tempo, adquirem um novo status, como formas gramaticais e morfossintáticas. Traugott (1982) sugeriu que o principal caminho da mudança, nos primeiros estágios da gramaticalização, seria a passagem de itens que possuem um significado referencial para itens com significado mais expressivo, o que pode ser sintetizado pelo esquema:



Sobre essa questão, Halliday e Hasan (1976, p.32) afirmam que “a referência à situação é a primeira forma de referência [...] É certamente possível que, na evolução da língua, a referência situacional preceda a referência textual; em outras palavras, que o

significado ‘da coisa que você vê na sua frente’ evolua primeiro do que o significado ‘da coisa que eu apenas mencionei’”. Claramente influenciada pelos trabalhos de Halliday e Hasan, Traugott entende esses três componentes da seguinte forma:

- ⇒ **Proposicional** (*ideacional* para Halliday e Hasan): inclui todos os recursos da linguagem que tornam possível falar do mundo exterior à linguagem, como, por exemplo, elementos sujeitos à verificação referencial (dêiticos de lugar, tempo e pessoa).
- ⇒ **Textual**: refere-se aos recursos disponíveis para a criação de um discurso coeso, tais como conectivos, anafóricos, catafóricos, topicalizadores e complementizadores.
- ⇒ **Expressivo** (*interpessoal* para Halliday e Hasan): diz respeito aos recursos que a língua tem para expressar atitudes/ avaliações pessoais sobre o que está sendo dito, sobre o próprio texto ou sobre os participantes da situação discursiva. Inclui os modalizadores, operadores argumentativos, marcadores de pressuposição e índices de polifonia.

Traugott & König (1991, p.208) revisaram essa proposta e identificaram três “tendências semântico-pragmáticas”, que parecem relevantes para explicar os fenômenos estudados na presente pesquisa:

Tendência I: *significados baseados em descrições de situações exteriores > significados baseados em situações internas (cognitivas).*

É a mudança de um referente concreto (situação física) para um referente cognitivo (situação perceptual). Como exemplo, eles citam o desenvolvimento de termos espaciais em advérbios ou preposições, os quais também podem desenvolver-se em conectivo de orações (conjunção).

Tendência II: *significados baseados em situações descritas exteriores ou interiores > significados baseados em situações textuais (coesivas).*

Quando elementos se gramaticalizam, como “*after*” (originalmente uma preposição espacial) do inglês que se tornou conectivo temporal, eles transformam-se em marcadores textuais, desempenhando relações coesivas.

Tendência III: *significados tendem a se tornar cada vez mais baseados em atitudes e crenças subjetivas dos falantes com relação à determinada situação.*

Por exemplo, relações causais e concessivas, bem como partículas de negação expressam, essencialmente, atitudes subjetivas do falante em relação ao que está sendo dito.

Enfim, eles chegaram à formulação de que as mudanças semânticas que acompanham os processos de gramaticalização seguem uma trajetória unidirecional, que aponta para o crescente *fortalecimento da expressão subjetiva do falante*:

SIGNIFICADOS IDENTIFICÁVEIS NAS SITUAÇÕES EXTRALINGÜÍSTICAS (> SIGNIFICADOS FUNDADOS NA MARCAÇÃO TEXTUAL) > SIGNIFICADOS FUNDADOS NA ATITUDE OU CRENÇA DO FALANTE A RESPEITO DO QUE É DITO

Traugott e König (1991) argumentam que certos tipos de gramaticalização são exemplos de *fortalecimento de informatividade*. Segundo eles, o fortalecimento da subjetividade, isto é, o fortalecimento das informações que são dadas a respeito do que sustenta o falante, é a porção adicionada no processo de gramaticalização. Subjacente a esse fortalecimento, Traugott e König ressaltam que está o princípio de informatividade ou relevância, fator capaz de conduzir os falantes a maior clareza e especificidade e de orientar

os ouvintes para a seleção da interpretação mais informativa ou relevante. A idéia de que os falantes, em uma dada comunicação, tendem a ser cooperativos é coerente com a proposta de Lehmann, para quem “todo falante quer fornecer a expressão mais completa para aquilo que deseja dizer” (1985, *apud* TRAUGOTT & KÖNIG, 1991, p.191).

Em resumo, para Traugott e König (1991), o fenômeno da gramaticalização refere-se a um processo gradual de pragmatização do significado, que envolve estratégias complementares: de um lado, o fortalecimento da informação pragmática e, de outro, o processo metafórico, que leva ao aumento de abstração. Eles afirmam que os itens referenciais, que sofrem gramaticalização, possuem significados identificáveis nas situações extralingüísticas e são pressionados a codificar significados cada vez mais pragmáticos. Em outras palavras, de acordo com os autores, os significados mudam “do que é dito para o que se queria dizer, mas não vice-versa”.

1.2.7. *Eve Sweetser*

Uma hipótese similar é encontrada em Sweetser (1988, 1990). A autora considera que a linguagem é sistematicamente baseada na cognição humana, no sentido de que a base para a semântica das línguas naturais é o sistema conceitual, que emerge das experiências humanas do dia-a-dia (SWEETSER, 1990, p.1).

De acordo com Sweetser (1990, p.1), na abordagem cognitivista o sistema conceitual pode ser estudado por três diferentes áreas, que envolvem o uso de uma forma para mais de uma função: a *polissemia*; a *mudança semântica lexical* e a *ambigüidade pragmática*. Na mudança semântica, uma forma adquire, historicamente, uma nova função para substituir ou estender suas formas antigas. A polissemia, por sua vez, refere-se à ligação sincrônica

entre os múltiplos sentidos relacionados a uma única forma. No caso da ambigüidade pragmática, uma função semântica da forma base é estendida pragmaticamente e passa a cobrir outros referentes ou significados, por exemplo, o sintagma: “*How are you?*”, que retém seu sentido original de questionamento, mas também é interpretado, convencionalmente, como uma saudação ou iniciador de conversa.

Para Sweetser, a linguagem é estruturada pela percepção humana e pelo entendimento de mundo dos falantes. Portanto, segundo a autora, não é controverso afirmar que o relacionamento entre a forma e função lingüística reflete a estrutura conceitual humana e os princípios gerais da organização cognitiva. A evidência para a formação da linguagem pela cognição humana, e não por outra direção, tem sido especialmente convincente nos estudos do vocabulário de domínios físicos, como cores e termos espaciais. Ela cita a diferença entre os sistemas de categorização de cor em diferentes comunidades lingüísticas como um exemplo de que a variação cultural é baseada linguisticamente.

A autora (1990, p.8) pontua que grande parte da polissemia surge em virtude dos usos metafóricos da língua e que, na verdade, não apenas nossa linguagem, mas nossa cognição, opera *metaforicamente*. As metáforas permitem às pessoas entender uma coisa em termos de outra sem pensar que essas duas coisas são objetivamente iguais. Sob o mesmo ponto de vista, Lakoff e Johnson (1980) já haviam proposto que os usos lingüísticos refletem nosso inerente entendimento metafórico das diversas áreas da nossa vida, ou seja, assim como a linguagem, a cognição também opera de modo metafórico na maioria do tempo.

Segundo Sweetser, quando um uso lingüístico específico, baseado em uma estrutura metafórica, torna-se não mais conscientemente metafórico, pode-se dizer que a forma lingüística adquiriu um sentido secundário, motivado metaforicamente. Desse modo, a categorização lingüística depende não apenas de nossa nomeação das distinções que existem

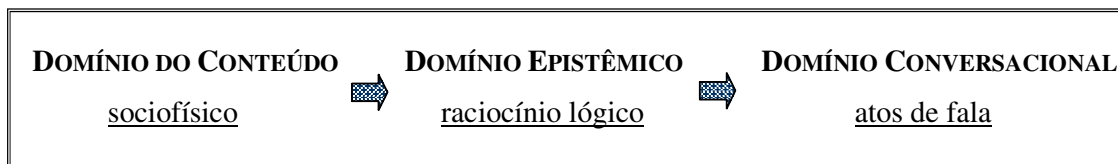
no mundo, mas também de nossa estruturação metafórica e metonímica de percepção (SWEETSER, 1990, p.9).

A lingüista destaca a relação entre polissemia sincrônica e mudança semântica diacrônica, no sentido de que as polissemias são entendidas como pistas capazes de recapitular e de esclarecer a trajetória histórica de desenvolvimento de uma palavra ou morfema. Nessa perspectiva, Shyldkrot (1995) ressalta que, com base nas diferentes significações (formas polissêmicas) de uma unidade lingüística em dada sincronia, pode-se formular hipóteses relacionadas à evolução histórica dessa mesma unidade e restituir a ordem em que esses sentidos foram adquiridos. Segundo Tabor e Traugott (1998), essa afirmação – do isomorfismo entre o desenvolvimento histórico e as relações sincrônicas dos itens polissêmicos – pode ter sua origem na hipótese de que a ontogênese recapitula a filogênese.

Nenhuma mudança histórica pode ocorrer sem um estágio interveniente de polissemia, conforme afirma Sweetser (1990). Se uma palavra uma vez significou A e agora significa B, é certo que houve um estágio em que a palavra significou A e B, e o significado primeiro de A eventualmente foi perdido. Assim, se um estágio interveniente de polissemia foi envolvido, então todos os dados históricos, como evidência das relações polissêmicas anteriores, são uma fonte interessante de informação sobre a estrutura cognitiva na linguagem (SWEETSER, 1990, p.9).

Sweetser (1990, p.18) informa que trabalhos recentes em semântica histórica revelaram que a mudança semântica é estruturada pela cognição e apresenta regularidades. Ela atribui à gramaticalização um mecanismo geral de mudança semântica, que se realiza por meio de projeções metafóricas entre os diferentes domínios conceituais: o *domínio do conteúdo* (sociofísico), o *domínio epistêmico* (raciocínio lógico) e o *domínio conversacional* (atos de fala). Para ela, existe uma relação unidirecional entre os domínios, sendo que o vocabulário característico do domínio epistêmico origina-se do vocabulário do domínio do

conteúdo, assim como o vocabulário do domínio conversacional origina-se do vocabulário do domínio epistêmico, o que pode ser ilustrado com o seguinte esquema:



As conexões metafóricas entre os domínios são baseadas cognitivamente, e eles influenciam fortemente os padrões de polissemia, mudança semântica e interpretação da oração. Sweetser (1990, p.19) ressalta a necessidade de estudos sobre a sistematicidade das conexões entre os domínios, e argumenta que a sobreposição de dois sistemas distintos de metáforas conecta o vocabulário de ação/ movimento/ localização física com os domínios de estados mentais e atos de fala. Em outras palavras, o mundo físico e o social são utilizados para compreender o entendimento de lógica e o processamento mental, da mesma forma que as expressões lingüísticas não servem apenas como *descrição* (um modelo de mundo), mas também como *ação* (um ato descrito no mundo) e como *entidades epistêmica e lógica* (premissa ou conclusão no nosso mundo da argumentação) (SWEETSER, 1990, p.21).

Em suma, a autora trata de um sistema metafórico particular que direciona o curso das projeções entre domínios conceituais, os quais determinam diferentes formas polissêmicas que são interpretadas como etapas em uma trajetória progressiva, em direção a construções mais gramaticais. Em outras palavras, para Sweetser, um elemento do domínio do léxico resulta em um elemento do domínio da gramática, por meio de uma relação de transferência de significados, fundamentalmente metafórica⁷ (1988, *apud* LONGHIN-THOMAZI, 2003).

Sweetser afirma que alguns itens lingüísticos apresentam usos ambíguos entre os domínios do conteúdo, epistêmico e conversacional. Para exemplificar a aplicação nos três

⁷ A noção de “*metáfora*” para a gramaticalização será discutida em breve.

diferentes domínios, ela utiliza-se de conjunções causais e adversativas. Os exemplos seguintes da conjunção causal “*since*” são casos de (a) conjunção do conteúdo; (b) conjunção epistêmicas; e (c) conjunção de atos de fala:

(a) *Since* John wasn’t there, we decided to leave a note for him.⁸

(A ausência de John propiciou nossa decisão no mundo real.)

(b) *Since* John isn’t here, he has (evidently) gone home.⁹

(O conhecimento da ausência originou a minha conclusão de que ele foi para casa.)

(c) *Since* $\left\{ \begin{array}{l} \text{we’re on the subject,} \\ \text{you’re so smart,} \end{array} \right\}$ when was George Washington born?¹⁰

(Eu pergunto algo a você porque nós estamos no assunto, ou porque você é esperto – o fato de nós estarmos em um determinado assunto, por exemplo, possibilita o ato da pergunta.)

Sweetser (1990, p.81) explica que a escolha de um domínio para a interpretação da conjunção é essencialmente uma escolha pragmática. A conjunção causal, no *domínio conversacional*, indica uma explicação causal do ato de fala pronunciado; já no *domínio epistêmico* a conjunção causal marca uma crença ou uma conclusão, ao passo que no *domínio do conteúdo* a conjunção causal assinala uma causalidade de um evento no “mundo-real”. Sweetser nota que a conjunção “*since*”¹¹ tem uma forte tendência em direção à leitura epistêmica ou de ato de fala, em vez de uma interpretação em direção ao domínio do conteúdo.

⁸ Já que John não estava aqui, nós decidimos deixar um recado para ele.

⁹ Já que John não está aqui, ele deve ter ido para casa.

¹⁰ Já que estamos no assunto / Já que você é tão esperto, quando George Washington nasceu?

¹¹ Essa conjunção tem funcionamento bastante semelhante ao das perífrases estudadas, *agora que* e *já que*.

1.2.8. Joan Bybee

Bybee (2003c, p.602) atesta que não é suficiente definir a gramaticalização como um processo pelo qual um item lexical torna-se um morfema gramatical, e destaca o papel das construções particulares em que esse item ocorre. Por isso, considera mais preciso dizer que a *construção com itens lexicais* particulares torna-se gramaticalizada, em vez de dizer que um *item lexical* torna-se gramaticalizado.

Para a autora, a gramática está em constante mudança, sendo criada e perdida gradualmente ao longo de trajetórias *previsíveis* e *universais* da linguagem, ou seja, esse processo ocorre espontaneamente e de maneira similar em todas as épocas e línguas. A autora cita algumas características referentes ao processo de GR:

1. Palavras e sintagmas que sofrem gramaticalização são reduzidos foneticamente, por meio de reduções, assimilações e eliminações de consoantes e vogais, produzindo seqüências que exigem menos esforço muscular (lei do menor esforço) como, por exemplo, “*going to*”, do inglês, que se tornou “*gonna*”, e em alguns contextos já está se reduzindo a “*I’m (g)onna*”.

2. Significados concretos que entram no processo tornam-se generalizados e mais abstratos e, como resultado, tornam-se apropriados em uma crescente gama de contextos. Por exemplo, os usos de “*be going to*”, nas sentenças abaixo, mostram o caminho de abstratização do significado:

(01) movimento: *We are going to Windsor to see the King.*¹²

(02) intenção: *We are going to get married in June.*¹³

(03) futuro: *These trees are going to lose their leaves.*¹⁴

¹² Nós *vamos para* Windsor ver o rei.

¹³ Nós *vamos casar* em junho.

¹⁴ Essas árvores *vão perder* suas folhas.

3. A frequência de uso das construções gramaticalizadas aumenta radicalmente conforme a gramaticalização se desenvolve, fazendo crescer também os tipos de contexto em que as novas construções são possíveis. Como exemplo, a mudança de “*be going to*”, que parte de um sentido literal de movimento no espaço, como em (01), para contextos em que a noção de movimento é inexistente, como em (02) e (03). Como a construção se torna apropriada para mais tipos de sujeitos e verbos, seu uso fica mais freqüente na língua.

4. As mudanças na gramaticalização realizam-se muito gradualmente e são acompanhadas por muitas variações na forma e na função. A variação na forma já foi exemplificada com “*be going to*” e “*gonna*”, enquanto que a variação na função pode ser explicada também pelos três exemplos acima, de “movimento”, “intenção” e “futuro”, todos ainda possíveis em usos do inglês moderno.

De acordo com Bybee (2003a), dentre milhares de palavras que uma língua possui, apenas palavras de um grupo reduzido são selecionadas para participar do processo de gramaticalização. Pesquisas nessa área fizeram interessantes observações sobre os itens lexicais que são candidatos a esse processo. Heine *et al.* (1991), por exemplo, perceberam que os termos desse grupo são culturalmente independentes, ou seja, universais para a experiência humana. Desse modo, pode-se afirmar que os conceitos abstratos, como os gramaticais, têm suas fontes diacrônicas em experiências físicas mais concretas.

Além disso, ela afirma que o fator essencial no desenvolvimento de construções gramaticais é a linguagem em uso, já que os significados e as funções das construções não são fixos e categóricos, mas permitem uma variação, que leva a uma gradual mudança pelo tempo. Por meio de uma abordagem cognitiva da linguagem, Bybee teoriza que as construções gramaticais, unidades automatizadas e convencionalizadas, surgem pelas

freqüentes repetições dos segmentos mais lexicais, e seus significados mudam através dos processos de generalização e inferência pragmática¹⁵.

Em seu artigo “*Mechanisms of change in Grammaticalization*”, Bybee (2003c) ressalta o papel da freqüência nas várias mudanças que as construções gramaticais sofrem. Ela afirma que uma das mais notáveis características dos morfemas gramaticais é sua freqüência textual extremamente alta se comparada com morfemas tipicamente lexicais. Tendo em vista que morfemas gramaticais, geralmente, se desenvolvem de morfemas lexicais durante a gramaticalização, um traço marcante desse processo é o *crescimento da freqüência*.

Assim, Bybee (2003c, p.603) reconhece a função crucial da repetição na gramaticalização, que passa a ser caracterizada como um processo pelo qual “uma seqüência de palavras ou morfemas freqüentemente usada torna-se automatizada como uma unidade de processamento simples”. Ela argumenta que a repetição ocasiona as seguintes mudanças no processo:

- (i) a freqüência do uso leva ao enfraquecimento da força semântica pelo hábito.
- (ii) propicia mudanças fonológicas de redução e fusão das construções em gramaticalização.
- (iii) o aumento da freqüência condiciona uma maior autonomia para a construção, o que significa que os componentes individuais da construção enfraquecem ou perdem sua associação com outras ocorrências do mesmo item.
- (iv) a perda de transparência semântica que acompanha a divisão entre os componentes das construções em gramaticalização e os seus componentes lexicais permite o uso do sintagma em novos contextos com novas associações pragmáticas, levando à mudança semântica.
- (v) as constantes repetições promovem uma preservação de características morfossintáticas mais antigas.

¹⁵ Esse conceito será detalhado na próxima seção.

No entanto, Bybee adverte que embora a repetição seja universal no processo de gramaticalização, e suas conseqüências para a representação cognitiva sejam os maiores fatores na criação da gramática, a freqüência sozinha não pode dar conta de todos os universais da gramaticalização. Não é somente o fato da repetição que é importante, mas, além disso, *é o que é repetido* que determina os caminhos universais de mudança.

Segundo Bybee (2003c), os universais da linguagem, tradicionalmente entendidos, são generalizações entre línguas, e suas explicações são baseadas comumente em princípios funcionais compreendidos em um domínio sincrônico. Com base no método de Greenberg para estudar a tipologia e os universais lingüísticos, Bybee pontua que os verdadeiros universais lingüísticos são os *mecanismos de mudança* que impulsionam a constante criação e recriação da gramática, tais como automatização, redução da forma, habituação e generalização do significado, além da convencionalização de inferências pragmáticas.

Uma vez que esses mecanismos são compartilhados por todas as línguas, o resultado de suas aplicações será similar, ainda que não idêntico, em diferentes línguas. A estrutura de tal teoria é ilustrada na figura abaixo, recortada de Bybee (2003c, p.12):

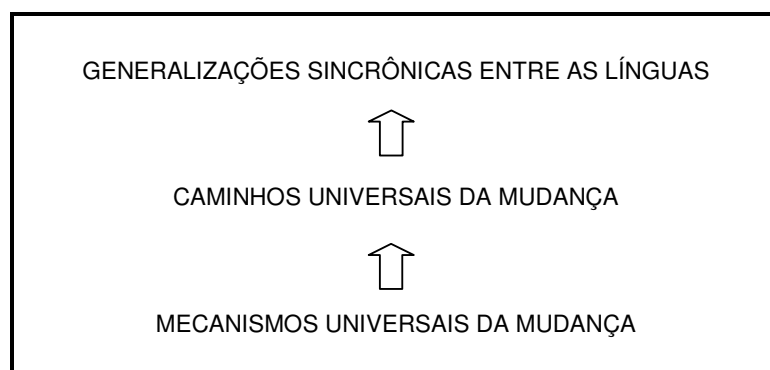


FIGURA 2: Relações entre as três camadas do fenômeno entre línguas
(cf. BYBEE, 2003c, p.12)

1.2.9. Considerações Finais

Concluindo essa seção, as referências que foram apresentadas constituem apenas parte da extensa bibliografia sobre o tema gramaticalização. Porém, são suficientes para mostrar que, embora exista consenso sobre o caráter processual do fenômeno, o mesmo não acontece a respeito da natureza de tal processo, que abarca diferentes acepções e propostas de análise lingüística ao longo de sua história.

Campbell e Janda (2001, p.107) destacam que, desde o tempo de Meillet, tem ocorrido “uma ampliação do campo de estudos relacionados à gramaticalização”, e, por esse motivo, não é fácil encontrar uma definição geral, um denominador comum para os vários conteúdos e aplicações que a gramaticalização apresenta atualmente. Nem poderia ser diferente, dada a complexidade do tema e as naturais divergências sobre o que se pode entender por língua e gramática.

Todavia, Campbell e Janda (2001, p.107) postulam que uma noção de gramaticalização que, minimamente, está inclusa na maioria dos trabalhos sobre o assunto é:

ALGUM ITEM LINGÜÍSTICO > ALGUM ELEMENTO MAIS GRAMATICAL

1.3. Mecanismos de Mudança identificados com a Gramaticalização

Nessa seção, serão expostos os mecanismos de mudança que possibilitam que a gramaticalização ocorra efetivamente. Segundo Heine *et al.* (1991a), há duas forças de natureza cognitivo-pragmática que conduzem à mudança de significado: a transferência metafórica e a reinterpretação induzida pelo contexto (explicada como um tipo de

metonímia). O primeiro mecanismo serve para relacionar conteúdos mais abstratos com mais concretos ao longo dos domínios conceituais. Nesse tipo de abstração metafórica é que está baseada a gramaticalização; ela refere-se ao modo como nós entendemos e conceituamos o mundo ao nosso redor. Já o segundo é usado para designar a mudança que uma determinada forma sofre em função do contexto lingüístico e pragmático em que está sendo utilizada. (HEINE *et al.*, 1991a, p.165)

Hopper e Traugott (1993) afirmam que, além desses dois processos cognitivos, a *reanálise* e a *analogia* têm sido amplamente reconhecidas como mecanismos significativos para a mudança em geral, especialmente para a mudança morfossintática. A reanálise modifica as representações subjacentes, quer semântica, sintática ou morfológica, e traz mudança na regra. A analogia, por sua vez, modifica manifestações superficiais e não efetua a mudança na regra, ainda que propicie a expansão da regra dentro do sistema lingüístico ou dentro de uma comunidade de fala.

1.3.1. Metáfora

A metáfora é um dos principais mecanismos presentes na mudança lingüística. Embora esse termo tenha sido usado em uma variedade de sentidos, a maioria das definições tem certos conceitos em comum, especialmente, no que se refere ao entendimento de um tipo de coisa em termos de outro, e, direcionalmente, à transferência de um significado mais básico e geralmente mais concreto em termos de um mais abstrato. De acordo com Hopper e Traugott (1993, p.77), os processos metafóricos são processos de inferência ao longo de fronteiras conceituais e são tipicamente referidos em termos de mapeamento e saltos associativos de um domínio para outro.

Anteriormente, os exemplos de processos metafóricos na mudança lingüística foram relacionados com o léxico. Como afirma Hopper (1996), esse modo de explicação é insatisfatório para muitos lingüistas, pois parece valorizar um método etimológico que compara itens lexicais isolados removidos de seus contextos. Contudo, recentemente, argumenta-se que os primeiros estágios da gramaticalização são fortemente motivados por processos metafóricos. Hopper e Traugott (1993, p.78) citam um argumento de Bybee e Pagliuca (1985, p.75) típico dessa abordagem: “em vez de afirmar que a evolução gramatical é motivada pela necessidade comunicativa, nós sugerimos que os falantes têm uma natural propensão para fazerem *extensões metafóricas* que levam ao aumento de usos de certos itens”.

Os autores querem mostrar que a transferência metafórica é uma das principais forças dirigentes no aumento do estatuto gramatical, ou seja, para expressar funções mais abstratas, entidades mais concretas são recrutadas. Segundo Castilho (1997a), trata-se, basicamente, de um processo cognitivo, em que há a transferência de um sentido A para um sentido B, por haver alguma similaridade entre eles. Assim, um verbo como *ver* “olhar, perceber com os olhos”, passa a significar “saber, perceber com a razão”, e depois “compreender”. Castilho afirma que de A para B, e de B para C, há um movimento que vai de um sentido básico, mais concreto, para sentidos derivados, mais abstratos, porém com a preservação do sentido base de “captar algo”.

Heine *at al.* (1991a, p.157) pontuam que o desenvolvimento das estruturas gramaticais pode ser descrito em termos de algumas categorias cognitivas básicas, que são organizadas ao longo da seguinte escala de acordo com o grau de abstração:

PESSOA > OBJETO > PROCESSO > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Para os linguistas, cada uma dessas categorias inclui uma variedade de conceitos e representa um domínio de conceituação relevante para a estruturação da experiência humana. A relação entre elas é de natureza metafórica, isto é, qualquer categoria pode ser usada para conceituar outra categoria à sua direita. Desse modo, com base no arranjo dessas categorias, Heine *et al.* introduzem a noção de *metáfora categorial* – tal como considerar *espaço* como sendo um *objeto*, ou *tempo* como sendo *espaço* – em que a primeira categoria estabelece o tópico e a segunda, o veículo para processo metafórico. (HEINE *et al.* 1991a; p.157)

O arranjo das categorias possui uma única direção – parte sempre da esquerda para a direita – e pode ser definido em termos de “abstração metafórica”, em que uma dada categoria é “mais abstrata” do que outra categoria que estiver a sua esquerda e “menos abstrata” do que uma à sua direita. Esse *cline* condiz com a hipótese de Heine *et al.* (1991a, p.158) de que a “gramaticalização é o resultado de uma estratégia de solução de problemas, segundo a qual conceitos que são imediatamente acessíveis à experiência humana são empregados para a expressão de conceitos menos acessíveis e mais abstratos”.

Heine, Claudi e Hünemeyer (1991b) estabelecem um tipo de correlação prototípica dessas categorias metafóricas com a divisão de classes de palavras e com os tipos de constituintes, que pode ser ilustrado do seguinte modo:

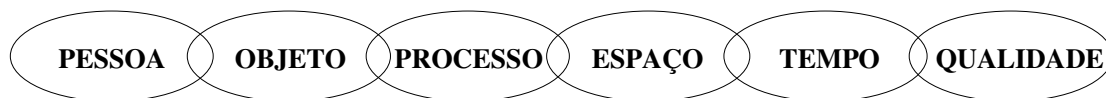
Categoria	Tipo de Palavra	Tipo de Constituinte
PESSOA	Nome humano	Sintagma nominal
OBJETO	Nome concreto	Sintagma nominal
ATIVIDADE	Verbo dinâmico	Sintagma verbal
ESPAÇO	Advérbio, adposição	Sintagma adverbial
TEMPO	Advérbio, adposição	Sintagma adverbial
QUALIDADE	Adjetivo, verbo de estado, advérbio	Modificador

QUADRO 6: As categorias metafóricas e suas inter-relações
(cf. HEINE *et al.* 1991b; p.53-4)

Segundo Heine e colaboradores (1991b, p.48), o único contra-argumento a esse modelo de abstração metafórica é a natureza contínua da gramaticalização, que sugere uma *estrutura metonímica* subjacente. Nesse sentido, a metáfora é interpretada como uma estratégia cognitiva que nos auxilia no entendimento, contudo, sem explicar sozinha a gramaticalização e o comportamento gramatical.

1.3.2. Cadeias de Gramaticalização

Como já afirmado, a gramaticalização é um processo, além de discreto, gradual e contínuo. Os casos de ambigüidade semântica, em que um lexema se refere, ao mesmo tempo, a mais de uma categoria, não são coincidências, mas fazem parte do desenvolvimento de um lexema até um morfema gramatical, conforme Heine *et al.* (1991a). Dessa forma, as categorias não são completamente separadas uma das outras, sendo que a relação entre elas deve ser interpretada graficamente como:



(HEINE *et al.* 1991a; p.162)

De acordo com Heine *et al.* (1991a, p.), a transferência de significados entre as categorias não implica necessariamente a substituição do primeiro pelo último, mas pressupõe um estágio em que, por algum tempo, o primeiro coexiste com o segundo, tendo como resultado uma sobreposição de sentidos. Portanto, o que parece ser uma cadeia de categorias discretas, na verdade, é mais bem compreendida como um *continuum*, sem qualquer divisão clara entre as fronteiras.

Assim, para os autores, apenas um aspecto do processo é explicado por meio de uma análise em termos de saltos metafóricos discretos. Na gramaticalização, existe tanto *descontinuidade* como *continuidade*, ou seja, tanto transferência metafórica como extensão gradual. A presença de tais atividades cognitivas divergentes pode ser o resultado de uma interação entre o comportamento conceitual, de um lado, e as estratégias textual-pragmáticas, de outro (HEINE *et al.* 1991a; p.164).

1.3.3. Metonímia

As observações feitas anteriormente sugerem que a gramaticalização compreende um componente discreto e um componente contínuo. Segundo Heine *et al.* (1991, p.164), o primeiro é caracterizado como um processo de natureza metafórica e livre de restrições discursivo-pragmáticas, enquanto o último parece ser metonímico e depende fortemente dos contextos lingüísticos e extralingüísticos.

Os autores citam os seguintes exemplos para explicar um tipo de contigüidade conceitual que é descrita mais apropriadamente em termos de relações metonímicas do que em termos de “saltos” metafóricos. (HEINE *et al.* 1991a; p.165)

(04) *From Cologne to Vienna it is 600 miles.*¹⁶

(05) *From Cologne to Vienna it is 10 hours by train.*¹⁷

(06) He was asleep all the way/all the time *from Cologne to Vienna.*¹⁸

(07) To get to Vienna, you travel *from morning to evening.*¹⁹

¹⁶ De Cologne até Viena são 600 milhas.

¹⁷ De Cologne até Viena são 10 horas de trem.

¹⁸ Ele esteve acordado durante todo o caminho / tempo de Cologne até Viena.

¹⁹ Para chegar a Viena, você viaja de manhã até a noite.

Eles explicam que as preposições *from* e *to* têm um significado locativo em (04), mas um temporal em (05). No entanto, em (06) e (07), a situação não é clara, elas podem ser entendidas tanto de modo espacial, como de modo temporal. O significado da preposição nessas duas sentenças marca um estágio intermediário, ou um dos muitos estágios intermediários, na transição de ESPAÇO para TEMPO, conforme pontuam os lingüistas.

O fator responsável pelo surgimento da metonímia é uma manipulação discursivo-pragmática dos conceitos que estão sujeitos a fatores contextuais na interpretação enunciativa. De acordo com Heine *et al.* (1991b, p.72), esse processo refere-se à *reinterpretação induzida pelo contexto*, que envolve os seguintes estágios idealizados:

- Estágio I: em adição ao sentido focal e central de A, uma dada forma lingüística F adquire um sentido adicional B quando ocorre em um contexto específico C. Isso pode resultar em ambigüidade semântica, desde que os sentidos A e B estejam implicados no contexto C.
- Estágio II: a existência do sentido B torna possível o uso da forma em novos contextos que são compatíveis com B, mas descartam o sentido A.
- Estágio III: B é convencionalizado e forma um foco secundário caracterizado pelas propriedades contidas em elementos não presentes em A, com o efeito que F agora tem duas polissemias, A e B, que podem desenvolver-se eventualmente em formas homófonas.

Assim, baseando-se na transição entre esses estágios, os autores afirmam que, no processo de gramaticalização, há a coexistência dos componentes metonímico e metafórico, cuja estrutura em comum é representada abaixo:

$$A \Leftrightarrow A,B \Leftrightarrow B$$

a qual ilustra que, na passagem de uma entidade conceitual A para uma B, existe um estágio intermediário (A,B), em que as duas entidades estão presentes (HEINE *et al.* 1991a, p.166).

Essa análise é inspirada em Traugott e König (1991), que argumentam que a metonímia, em tais casos, cumpre o mecanismo de *fortalecimento de informatividade*. Esse mecanismo de mudança caracteriza-se por um processo em que o elemento lingüístico passa a assumir um novo valor, que emerge em determinados contextos em que esse sentido novo pode ser inferido do sentido primeiro²⁰. Meillet (1948a, p.170, *apud* SOUZA, 2007), referindo-se à formação das conjunções afirma: “seria inútil procurar nos sentidos iniciais da palavra que se tornou uma conjunção o princípio do desenvolvimento de sentidos dessa conjunção; é o papel na frase que decide tudo”.

Segundo Traugott e König (1991), a mudança semântica desse tipo contrasta com a que envolve a metáfora. A metonímia é associada com a resolução de um *problema de informatividade e relevância na comunicação*, a procura por novos meios de regular a comunicação e negociar a interação entre falante e ouvinte, enquanto a metáfora é correlacionada com a solução de um *problema de representação*.

Outros autores buscaram ressaltar a diferença entre os dois mecanismos, como Jakobson e Halle (1956, *apud* HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p.82). Segundo eles, a *metáfora* é uma escolha funcional no eixo paradigmático; a *metonímia*, por sua vez, é a associação e a seqüência funcionais, fundamentalmente, no eixo sintagmático. Mais relevante para a gramaticalização, no entanto, é a distinção de Antilla (1989[1972], *apud* TRAUGOTT e KÖNIG, 1991, p.210), que sugere que a “metáfora é uma transferência semântica pela similaridade de percepções de sentido”, analógica e icônica, ao passo que a metonímia é uma transferência semântica baseada na contigüidade, sendo, portanto indicial.

No quadro a seguir, adaptado de Gonçalves (2003) e Gonçalves *et al.* (2007), estão apresentados os principais pontos diferenciadores da atuação da metáfora e da metonímia:

²⁰ Esse processo será mais bem explicado na próxima seção, que tratará da *convencionalização de implicaturas conversacionais*.

METÁFORA	METONÍMIA
Opera na inter-relação de domínios conceptuais – representa membros de um domínio semântico em termos de outro.	Opera na inter-relação sintática dos constituintes – indicia, aponta significados que estão implícitos.
Opera no eixo paradigmático – especifica um significado, usualmente mais complexo, em termos de outro, não presente no contexto.	Opera no eixo sintagmático – especifica um significado em termos de outro que está presente no contexto, ainda que de forma não explícita.
Opera por analogia.	Opera por reanálise.
Envolve implicaturas convencionais.	Envolve implicaturas conversacionais.

QUADRO 7: Principais diferenças entre a atuação da metáfora e da metonímia (cf. GONÇALVES, 2003, p.40; GONÇALVES *et al.* 2007, p.49)

1.3.4. Reanálise

Além dos dois processos cognitivos já apresentados, existem ainda outros dois mecanismos de mudança lingüística que afetam a estrutura da língua: a *analogia* e a *reanálise*, que são comumente relacionados à gramaticalização por serem subjacentes à *metáfora* e à *metonímia*, respectivamente. Esses mecanismos são considerados significativos para a mudança em geral, especialmente para a mudança morfossintática.

Talvez um dos maiores efeitos que a manipulação conceitual tem na linguagem é a reanálise das estruturas lingüísticas. Langacker (1977, *apud* HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p.40) definiu a reanálise como a “mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões sem o envolvimento de uma alteração imediata e intrínseca na manifestação superficial”.

Segundo Hopper e Traugott (1993), um dos tipos mais simples de reanálise, e também um dos mais freqüentes na gramaticalização, é a fusão de duas ou mais formas, com a junção das fronteiras morfológicas, envolvendo mudanças na indicação das fronteiras dos

constituintes. No entanto, nem sempre ocorre a união, e um bom exemplo é a formação de perífrases: os elementos constituintes são redelimitados para diferentes categorias semântico-sintáticas, mas não se fundem em uma só palavra. Segundo Castilho (1997a), essa mudança na percepção dos elementos deve-se a um tipo de raciocínio conhecido como abdução ou inferência, por meio do qual apagamos os limites entre determinados elementos, estabelecendo novos “cortes”, sem alterar a manifestação superficial da unidade.

Em alguns trabalhos, a reanálise tem sido usada como um quase sinônimo de gramaticalização. Em geral, a reanálise acompanha a gramaticalização, visto que, quando um dado morfema é gramaticalizado, não apenas a sua posição sintática ou sua função pragmática é afetada, mas também os contextos dos quais o constituinte faz parte. Todavia, Heine e Reh (1984, *apud* HEINE *et al.*, 1991a, p.167) propõem a separação entre a reanálise e a gramaticalização, essencialmente por causa do princípio da unidirecionalidade, que é uma propriedade inerente à última, mas não à primeira. Além disso, segundo Heine *et al.* (1991a), há casos de gramaticalização sem reanálise e de reanálise sem gramaticalização.

Abaixo, são apresentados alguns exemplos de *agora que* e *já que* que explicam a reanálise sintática. Os advérbios *agora* e *já*, que possuem o sentido mais concreto de tempo, unem-se ao item multifuncional *que* e dão origem às referidas perífrases conjuncionais, que são mais gramaticais do que os conceitos-fonte adverbiais – por terem a função de conectar orações – e, em diversos casos, possuem o sentido mais abstrato de causa/explicação²¹.

Estágio I

(08) Vejo ***agora que*** papai é diferente. Quando eu tinha oito anos ele era um deus. (Deus me perdoe!) Não havia para mim no mundo ninguém mais bonito, mais rico, mais inteligente, mais tudo. (MUL)

²¹ Exemplos desse processo, bem como o funcionamento sintático-semântico-pragmático das perífrases, serão citados no momento da análise dos dados.

(09) ...principalmente porque nos ensaios da banda ele num tava mais me agradan::do... no contrabaixo porque ele tocava contrabaixo... e::... fazia um tempo *já que* a gente num tava se entenden::do sabe? (AC-035)

Estágio II

(10) O pátio está mais triste *agora que* a luz do sol vai fugindo. A impressão de decadência e ruína se agrava. Tudo parece mais escurovelho e ais feio. (MUL)

(11) ... assim é pouco distância que têm ... MIL QUILÔMETRO quinhentos metro cê vê *já que* a montanha: assim:: é alta ... aí:... voltando né? volta pra praia do la::do... (AC-087)

Estágio III

(12) Quando a porta se fechou, desatei o choro. *Agora que* estou escrevendo, tenho vontade outra vez de chorar. Sou muito boba. (MUL)

(13) Quando morreu, assim como o rabino Abraão da história acima, ela foi direto para o céu – *já que* tinha sido um exemplo de dedicação na Terra. (HPP)

As ocorrências acima explicitam os contextos em que os advérbios *agora* e *já* rompem as fronteiras de constituintes e começam a funcionar como conjunções, sem ocorrer uma alteração na manifestação superficial. Em (08), *agora* está entre o predicado encaixador e o complementizador, funcionando como advérbio ao escopar o verbo “ver”; em (09), *já* aparece em contextos de relativização, entre o sintagma nominal e o relativizador. Nos dois exemplos seguintes, os limites entre esses advérbios e *que* começam a ser apagados, e um novo corte é estabelecido, pois, ainda que estejam em contextos de relativização (10) ou em contextos de encaixamento (11), podem também ser interpretados como uma única unidade: advérbio + *que*, a qual assimila a função de conectar orações. Por fim, em (12) e (13), os elementos constituintes, apesar de não estarem fundidos em uma só palavra, foram

delimitados para outra categoria semântico-sintática, formando perífrases conjuncionais fortemente cristalizadas.

1.3.5. Analogia

A *analogia* refere-se à atração de formas existentes para construções também já existentes. Segundo Hopper e Traugott (1993), Meillet interpretou a analogia de maneira muito estrita, como sendo um processo pelo qual as irregularidades na gramática, particularmente no nível morfológico, eram regularizadas. É o que ocorre quando uma criança diz *eu sabo* em vez de *eu sei*, ou o que gera regularidades do tipo *menos/menas, seja/seje*.

Em outras palavras, trata-se de casos em que o falante, de modo unidirecional, estende um uso mais geral para substituir usos menos gerais, segundo Martelotta (1996). Dessa forma, de acordo com Castilho (1997a), a analogia não promove o surgimento de expressões ou estruturas novas, ela simplesmente estende regras a itens ainda não atingidos, “uniformizando”, por assim dizer, as formas da língua.

Apesar de somente a reanálise poder criar novas estruturas gramaticais, o papel da analogia não deve ser menosprezado no estudo da gramaticalização. Segundo Hopper e Traugott (1993), os casos de analogia são, muitas vezes, a primeira evidência para o falante de uma língua de que a mudança está acontecendo.

Um exemplo bem conhecido da interação cíclica entre reanálise e analogia é o desenvolvimento da negação do francês, que possui os seguintes estágios (citados por Hopper e Traugott, 1993, p.58):

- I. Negação era realizada pela colocação da partícula negativa *ne* antes do verbo

- II. Um verbo de movimento negado pelo *ne* poderia opcionalmente ser reforçado pelo pseudo-objeto nominal *pas* (passo), no contexto de verbos de movimento: *Il ne va (pas)*.
- III. A Palavra *pas* foi reanalisada como uma partícula negativa, em uma estrutura do tipo *ne Vmovimento (pas)*
- IV. O *pas* foi estendido analogicamente para novos verbos que não tinham relação com movimento, isto é, a estrutura era *ne V (pas)*: *Il ne sait pas*. (generalização)
- V. A partícula *pas* foi reanalisada como um concomitante obrigatório do *ne* para a negação em geral: *ne V pas*
- VI. Na fala vernacular, *pas* vem substituindo *ne* via dois estágios: *(ne) V pas* (reanálise de *ne* como opcional), *V pas* (reanálise pela perda de *ne*), resultando em: *Il sait pas*.

Hopper e Traugott verificam que, nesse processo de gramaticalização, ao mesmo tempo em que a palavra *pas* foi reanalisada como partícula de negação em verbos de movimento, foi estendida analogicamente a outros verbos que não expressavam movimento.

Os mesmos pesquisadores concluem que a reanálise e a analogia possuem diferentes efeitos, por envolverem inovações ao longo de eixos distintos. A reanálise envolve essencialmente uma reorganização linear, sintagmática e local. Ela efetua uma mudança na regra e não é diretamente observável. Ao contrário, a analogia envolve essencialmente uma organização paradigmática, uma mudança nas colocações superficiais nos padrões de uso, e torna observáveis as mudanças não observáveis da reanálise.

Outro exemplo da interação entre reanálise e analogia é o desenvolvimento do sintagma de futuro *be going to*:

			Eixo sintagmático
			Mecanismo: reanálise
Estágio I	be PROGRESSIVO	going V direcional	[to visit Bill] [oração de finalidade]
Estágio II	[be going to] TEMPO (por reanálise)	visit Bill V de ação	
Estágio III	[be going to] TEMPO (por analogia)	like Bill V	
Estágio IV	[gonna] like/visit Bill (por reanálise)		
			Eixo paradigmático
			Mecanismo: analogia

(HOPPER & TRAUGOTT, p.1993, p.61)

De acordo com Hopper e Traugott (1993, p.61), no estágio I, há um verbo direcional e uma oração de propósito; em II, como resultado da *reanálise*, há um auxiliar de futuro com um verbo de atividade; em III, há uma ampliação dos tipos de verbos, via *analogia*; em IV, ocorre a reanálise do auxiliar complexo em um único morfema *gonna*.

Enfim, a reanálise e a analogia são importantes mecanismos na mudança lingüística. Como postulam Hopper e Traugott (1993), eles não definem a gramaticalização (como a metáfora e a metonímia), mas a gramaticalização não ocorre sem eles. O quadro abaixo, adaptado de Longhin-Thomazi (2006), destaca as diferentes características desses mecanismos:

Características	REANÁLISE	ANALOGIA
Nível da mudança	representação subjacente (modifica representações semântica, sintática ou morfológica)	manifestação superficial
Mudança da regra	+ muda a regra	- não muda a regra, mas pode afetar a difusão da regra dentro do sistema lingüístico e dentro da comunidade de fala
Eixo	Sintagmático	paradigmático

QUADRO 8: Características da reanálise e da analogia

1.4. Convencionalização de implicaturas conversacionais

Traugott e König (1991) consideram que as polissemias de uma determinada forma consistem em novos significados convencionais, produto da convencionalização de implicaturas conversacionais anteriores. A origem dessa idéia é encontrada na declaração de Grice (1982, p.103), para quem, com certa freqüência, “o que começa a existir como uma implicatura conversacional torna-se depois convencional”.

Grice, que é um dos principais teóricos da pragmática conversacional, estudou a natureza e importância das condições que governam a conversação. Segundo ele, a conversação é governada pelo princípio geral de cooperação, segundo o qual cada um dos indivíduos envolvidos na interlocução deve fazer sua “contribuição tal qual é requerida, pelo propósito ou direção aceitos no intercâmbio conversacional no qual está tomando parte” (GRICE, 1982, p.86). A partir daí, baseado em Kant, Grice distingue quatro categorias, nas quais serão incluídas as várias máximas específicas derivadas do Princípio da Cooperação:

Quantidade, Qualidade, Relação e Modo. Essas máximas podem ser transgredidas, por exemplo, quando os falantes não são informativos ou mentem.

O principal objetivo de Grice ao construir seu sistema de “máximas” foi poder usá-lo para explicar a ocorrência do que ele chama de *implicatura conversacional*. Ele afirma que calcular uma implicatura conversacional é calcular o que deve ser suposto a fim de preservar a hipótese de que o Princípio de Cooperação está sendo observado. Esse cálculo, ressalta Grice, pressupõe o conhecimento do significado convencional primeiro da expressão que a enunciação veicula, uma vez que o implicado conversacionalmente não está incluído nessa especificação original, ainda que a frequência de seu uso possa reverter essa condição.

Hopper e Traugott (1993, p.73) demonstram o efeito pragmático das implicaturas conversacionais ao longo da enunciação, bem como sua cancelabilidade por meio do exemplo (14), em que as orações são encadeadas por justaposição, isto é, sem qualquer marca estrutural de coesão:

(14) The earthquake hit at 8 a.m. A four-car crash occurred.²²

Eles explicam que as relações típicas inferidas serão a de *seqüencialidade temporal* e até de *conexão causal*, se as orações forem de ações/eventos e conectáveis em termos de conhecimento de mundo e enciclopédico, como no exemplo acima. Em (15), por outro lado, a seqüência de eventos é incoerente em termos de conhecimento de mundo, a conexão causal é improvável e até mesmo uma conexão temporal pode ser colocada em dúvida:

(15) A four-car crash occurred. The earthquake hit at 8 a.m.²³

²² O terremoto aconteceu às 8h. Ocorreu uma batida com quatro carros.

²³ Ocorreu uma batida com quatro carros. O terremoto aconteceu às 8h.

Caso exista uma forma gramatical para marcar a relação, como *and* e *because*, Hopper e Traugott acreditam que esse elemento restringirá a relevância da proposição que introduz, como em (16), em que os eventos são associados em uma relação implicada de causa e consequência, que será cancelada apenas em casos semelhantes a (17):

(16) The earthquake hit at 8 a.m. and a four-car crash occurred.²⁴

(17) The earthquake hit and a four-car crash occurred, but actually the cause was the fog, not the earthquake.²⁵

As implicaturas conversacionais são tipicamente contrastadas com as “convencionais”, que se originam das primeiras. As implicaturas convencionais são imprevisíveis e arbitrárias, ou seja, devem ser entendidas como parte da polissemia de uma palavra, e não são canceláveis. Já as implicaturas conversacionais, são calculáveis e podem ser isoladas da expressão, pois surgem de um sentido na enunciação e não propriamente da forma lingüística.

Kearns (2000) afirma que um exemplo bastante conhecido de mudança semântica por implicaturas é o desenvolvimento de significados causais e concessivos a partir de significados puramente temporais. Sob o mesmo ponto de vista, Traugott e König (1991) afirmam que a origem de expressões concessivas está em relações de simultaneidade, concomitância ou similaridade. Como exemplo, eles citam a constituição de *while*, que no inglês antigo equivalia a “*pa hwile pe*” (no momento que) e expressava uma simultaneidade temporal.

Geis & Zwicky (1971, *apud* KEARNS, 2000) oferecem os exemplos em (18) como ilustração da inferência comum de uma seqüência temporal para uma causal. Em cada

²⁴ O terremoto aconteceu às 8h e ocorreu uma batida com quatro carros.

²⁵ O terremoto aconteceu e ocorreu uma batida com quatro carros, mas, na verdade, a causa do acidente foi a neblina, não o terremoto.

caso, embora o sentido literal da sentença expresse apenas uma seqüência temporal (ou sobreposição, como em 18c), existe uma clara inferência de que o primeiro evento causa o segundo:

- (18) a. After a large meal, we slept soundly.²⁶
 b. Having finished the manuscript, she fell into a swoon.
 c. Martha observed the children at play and smiled with pleasure.

De maneira semelhante, Traugott e König (1991, p.194) apresentam os exemplos (19) e (20) a fim de evidenciar o fortalecimento de informatividade, na polissemia entre tempo e causa:

- (19) *After* we heard the lecture we felt greatly inspired.²⁷ (+ > because of the lecture we felt greatly inspired)
 (20) *The minute* John joined our team, things started to go wrong.²⁸ (+ > because John joined our team, things started to go wrong)

Segundo os pesquisadores, as inferências conversacionais acima são fortalecidas de informatividade, pois ressaltam a relação entre “*After the lecture*” ou “*The minute John joined our team*” e o restante da sentença, fornecendo uma interpretação em que o falante julgou relevante incluir fatos temporais. Desse modo, assim como afirma Bybee (2003a), a mudança de uma seqüência temporal para uma seqüência causal indica que os usuários da língua estão propensos a inferir causas, motivos.

Traugott e König (1991) também consideram relevante a afirmação de que as polissemias tempo-causa podem surgir historicamente através de mudanças inferenciais. Um

²⁶ a. Depois de uma farta refeição, nós dormimos profundamente.

b. Tendo terminado o manuscrito, ela sentiu muita alegria.

c. Martha observou as crianças no parque e sorriu com prazer.

²⁷ Depois de assistir a palestra, nós ficamos imensamente inspirados.

²⁸ No momento em que John se uniu ao nosso time, as coisas começaram a dar errado.

caso clássico de gramaticalização²⁹ envolvendo a polissemia entre os significados temporal e causal é o da conjunção *since*:

- (21) I have done quite a bit of writing *since* we last met.³⁰ (temporal)
- (22) *Since* Susan left him, John has been very miserable.³¹ (temporal/causal)
- (23) *Since* you are not coming with me, I will have to go alone.³² (causal)
- (24) *Since* you are so angry, there is no point in talking with you.³³ (causal)

Traugott & König explicam que, em (21), cujas orações se referem a eventos do passado, a leitura de *since* é tipicamente temporal. Porém, quando uma das orações se refere a eventos que não ocorreram anteriormente ou a estados, *since* possui emprego causal, como em (23) e (24), sendo que esse significado já é convencional e não pode ser cancelado. Assim, diferentes significados de *since* podem ser associados a diferentes contextos sintáticos. A diferença entre esses sentidos é algumas vezes obscurecida sintaticamente, gerando ambigüidades, como (22), em que *since* permite duas leituras: uma convencional (temporal) e uma conversacional (causal).

De acordo com Heine *et al.* (1991a), subjacente à inferência de causa a partir de expressões temporais, existe a metáfora TEMPO > CAUSA, pela qual uma seqüência de eventos no tempo é usada metaforicamente para referir-se a uma seqüência de eventos em uma relação causal. Para os autores, assim que a implicação de que “o que acontece antes é a causa para aquilo que ocorre depois” torna-se convencionalizada, tem-se como produto a mudança de uma categoria metafórica mais concreta, como TEMPO, para outra mais abstrata,

²⁹ Conforme já ressaltado na seção 1.2.6, Traugott (1982) sugere que o principal caminho da mudança, nos primeiros estágios de gramaticalização, seria a passagem de itens que possuem um significado referencial, como o temporal, para itens com significado mais expressivo, como o causal.

³⁰ Eu escrevi bem pouco desde a última vez que nos encontramos.

³¹ Desde que Susan o deixou, John tem estado muito triste.

³² Já que você não vem comigo, vou ter de ir sozinho.

³³ Já que você está tão nervosa, não há como falar com você.

como CAUSA. Linguisticamente, o resultado é que o “complemento do tempo torna-se o complemento da razão”. (HEINE *et al.*, 1991a, p.167)

Assim, o exemplo de *since* é válido para explicar a gramaticalização, pois o raciocínio lógico causal, ausente nas acepções temporais, foi acionado ao longo do processo de mudança³⁴.

Traugott & König (1991, p.197) questionam o fato de alguns temporais, que parecem tipicamente não-sequenciais, serem interpretados de maneira enriquecida por relações causais, como na frase abaixo:

(25) I cound't work when the television was on.³⁵

Eles concluem que, para uma inferência causal surgir, é necessária uma sobreposição temporal parcial, e não uma sobreposição sequencial. Mais especificamente, o significado de “a partir do momento em que” permite (mas não exige) que uma implicatura causal se torne convencionalizada. Um bom exemplo é o advérbio do inglês *now*, usado como um conectivo que quase sempre tem um significado causal:

(26) I can't sleep now that I am alone.³⁶ (+ > because I am alone, I can't sleep)

(27) Now you are saved, don't sin from now on.³⁷ (+ > because you are saved, don't sin from now on)

Para Traugott & König, o contexto de (26), cuja oração principal indica um estado, foi o responsável pela mudança temporal > causal. Similarmente, em (27) a noção de

³⁴ Essa afirmação está de acordo com as hipóteses de Heine *et al.* (1991) que estabelecem graus de gramaticalização (conferir p.153, item e).

³⁵ Eu não conseguia trabalhar quando a televisão estava ligada.

³⁶ Eu não consigo dormir agora que eu estou sozinho.

³⁷ Agora que vocês estão salvos, não pequem de agora em diante / daqui pra frente.

causalidade é licenciada, sendo uma implicatura conversacional apenas, já que as relações temporais são claramente destacadas.

Os autores ressaltam que, como é esperado em qualquer tipo de mudança, o significado temporal que os advérbios e conectivos causais originariamente possuíam não são imediatamente perdidos, mas conservados ao lado do significado causal, por um longo tempo (TRAUGOTT e KÖNIG, 1991, p.198). É importante acentuar, segundo eles, que os significados mais antigos que são perdidos parecem não ser recuperáveis por inferências, como o que acontece com *já que*, cujo sentido temporal que possivelmente existiu não é mais recuperável. Por outro lado, se um significado é perdido recentemente, ele ainda existirá como inferência conversacional, como significado temporal de *now* em (26); isso também é notado com a perífrase *agora que*, que, mesmo em contextos causais ou explicativos, o sentido temporal ainda pode ser inferido.

Enfim, a tese de que “causa”, freqüentemente, deriva de “tempo” é bastante significativa na presente pesquisa, que busca apreender – à semelhança da trajetória da conjunção *since* – se o surgimento das perífrases conjuncionais *agora que* e *já que* exemplifica o tipo de mudança semântica em que expressões temporais se transformam em conjunções causais, por meio de inferências de aumento de informatividade.

1.5. O Caminho da Gramaticalização

Como já mencionado, vários autores compartilham da hipótese de que a gramaticalização é unidirecional, ou seja, um processo universal, que só pode desenvolver-se da esquerda para a direita: do mais concreto para o mais abstrato, do mais referencial para o mais subjetivo. Nessa perspectiva, Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991b) reconhecem o

princípio da unidirecionalidade ao sustentar que as estruturas “menos gramaticais” podem tornar-se “mais gramaticais”, porém não o contrário.

Segundo Shyldkrot (1995), embora o processo tenha o caráter unidirecional, é impossível prever o percurso inteiro de mudança que uma unidade lingüística pode sofrer, ou seja, apesar da unidirecionalidade, é difícil afirmar com certeza se uma unidade qualquer seguirá um percurso gramatical definido. Do mesmo modo, Hopper e Traugott (1993, p.95) declaram que não há nada *determinístico* entre gramaticalização e unidirecionalidade, uma vez que as mudanças não têm de acontecer e, mesmo quando se iniciam, não precisam necessariamente atingir o mais alto grau de gramaticalização, passar por todos os estágios do *cline*.

Sobre a noção de *cline*, os autores ressaltam que ele não deve ser entendido como um contínuo rigoroso, com percursos de mudança predeterminados, mas deve ser concebido como um caminho em que certas propriedades gramaticais se unem em torno de construções com semelhanças familiares. Além disso, pelo fato de existir sempre um período de sobreposição entre a forma antiga e a nova, ou entre a função dos morfemas, o *cline* não deve ser compreendido como uma linha em que tudo está em seqüência. Heine *et al.* (1991a) usam o termo “*chaining*”³⁸ (cadeia) para enfatizar a não-linearidade das relações de um *cline*.

Apesar da impossibilidade de prever em que casos a gramaticalização ocorrerá, uma série de hipóteses podem ser formuladas com relação às mudanças que se produzem no curso do processo. Por exemplo, pode-se admitir que, quando uma unidade que designa espaço se gramaticaliza, ela se desenvolverá em uma direção que indica tempo; e se ela continua gramaticalizando-se, tende a se transformar em unidade mais gramatical, que exprime causa ou concessão. Contudo, isso não quer dizer, de acordo com Shyldkrot, que todos os termos que possuem a noção espacial terminam necessariamente por marcar tempo,

³⁸ Essa noção já foi apresentada na seção 1.3.2 desse mesmo capítulo.

nem que todos aqueles que exprimem tempo se desenvolverão em conectores de causa ou concessão. Isso permite supor, porém, que o contrário não deva ocorrer, ou seja, um termo que indica concessão não deverá ser a fonte de uma palavra que marca a noção temporal.

De acordo com Hopper e Traugott (1993), alguns contra-exemplos da hipótese da unidirecionalidade existem, mas a sua relativa baixa frequência corrobora a noção da direção prototípica da gramaticalização. Além disso, até hoje não há evidências de que itens gramaticais surjam completos, ou seja, podem ser inovados sem uma história lexical anterior, no passado remoto.

Os caminhos múltiplos que uma mesma forma pode seguir também costumam ser citados como contra-exemplos para a unidirecionalidade. No entanto, embora a unidirecionalidade se refira à *direção* única lexical > gramatical, não quer dizer que exista uma única *trajetória* para cada item lexical, haja vista que um mesmo item lexical pode dar origem a vários itens gramaticais. O processo de mudança lingüística em que um único elemento desenvolve diversas funções gramaticais em diferentes construções é denominado por Craig (1991) de *poligramaticalização*³⁹. Hopper e Traugott (1993) destacam que o desenvolvimento por tais caminhos múltiplos não anula as regras da unidirecionalidade, pois as últimas formas continuam sendo mais gramaticais (abstratas, reduzidas, generalizadas) que as primeiras.

Uma posição mais crítica a respeito da unidirecionalidade na gramaticalização é de Castilho (1997a, 1997b, 2003). Segundo o seu ponto de vista, sustentar que a gramaticalização é um fenômeno unidirecional é admitir que a linguagem tem um caráter linear e estático, passível de representação através de uma linha com pontos discretos e deriváveis entre si. Desse modo, ele reconhece um forte conflito entre a linearidade da proposta e a dinamicidade do fenômeno de mudança lingüística. Castilho (2003) ressalta que,

³⁹ O termo poligramaticalização é usado para descrever o fenômeno pelo qual um único morfema é a fonte para múltiplas cadeias de gramaticalização, que podem desenvolver-se em domínios funcionais distintos da mesma língua (CRAIG, 1991, p.455-6).

pelo fato de a gramaticalização ser um processo de criatividade lingüística, ela demanda uma teoria capaz de representar e de explicar o dinamismo natural das línguas.

Conforme o autor, não se deve estabelecer uma seqüenciação unidirecional entre os sistemas e suas propriedades. Em seu conjunto, eles integram a competência comunicativa dos falantes, que operam ao mesmo tempo diferentes capacidades mentais, não hierarquizáveis, nem lineares. Em outras palavras, os itens gramaticalizados podem aparecer simultaneamente e qualquer item contextualizado preserva, ao mesmo tempo, suas propriedades sintáticas, discursivas e semânticas, sem que seja preciso estabelecer uma correlação de precedência genética entre eles.

Essa crítica de Castilho (2003), todavia, está assentada na própria advertência que Hopper e Traugott (1993) fazem com relação à proposta da única direção – *cline* não é um contínuo rigoroso – e na ênfase de Heine *et al.* (1991a) à não-linearidade das relações.

Desse modo, tendo em vista as duas propostas de direção da gramaticalização: a *unidirecionalidade* e a *multidirecionalidade*, proposta por Castilho (2002), a questão que se coloca é se os estágios pelos quais um item passa, no processo de mudança, são *sucessivos* ou *simultâneos*. Embora a relevância da proposta de Castilho não seja desconsiderada, o presente trabalho compartilha da primeira hipótese, uma vez que segue a concepção clássica de gramaticalização, que prevê caminhos unidirecionais de itens menos gramaticais para itens mais gramaticais.

Esses breves apontamentos finalizam-se com a seguinte declaração de Gonçalves (2003), que apresenta uma abordagem metafórica a respeito da direção da gramaticalização:

... a **unidirecionalidade** seria o bisturi que recorta um tipo específico de mudança, a que promove o rebaixamento de categoria de um elemento, rumo a uma estrutura mais gramatical, e nunca o contrário. (GONÇALVES, 2003, p.31)

1.6. Modelos de representação da mudança

Nessa seção, serão expostos diferentes esquemas que tentam explicar como se configura o processo que gera conceitos mais gramaticalizados. Os esquemas são elaborados conforme a característica que o pesquisador deseja destacar no processo. Heine *et al.* (1991, p.98) apresentam alguns modelos que ilustram, de diferentes pontos de vista, as alterações semânticas pelas quais passa um item em gramaticalização.

Uma das primeiras e mais comuns interpretações de gramaticalização é a que concebe a mudança como a *perda* de traços semânticos. O esquema que representa essa concepção é o “Modelo de *bleaching*” (Figura 3), cujo principal mecanismo atua como um dispositivo de filtragem que descarta todo o conteúdo lexical de uma unidade e absorve apenas o seu conteúdo gramatical.

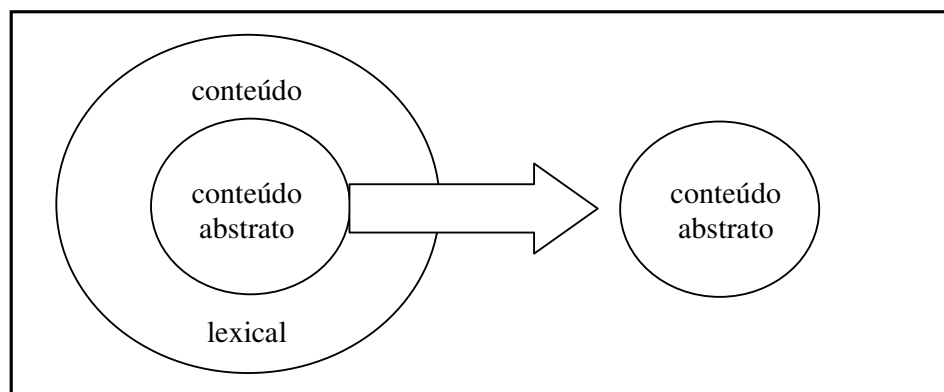


FIGURA 3: “Modelo de *bleaching*”

(Heine *et al.* 1991b, p.109)

Compartilham dessa concepção lingüistas como Lehmann (1995) e Bybee e Pagliuca (1985 *apud* HEINE *et al.*, 1991b, p.109), que compreendem o desenvolvimento de significados lexicais em direção a significados gramaticais como um “processo de generalização ou enfraquecimento do conteúdo semântico”, pelo qual “significados são esvaziados de suas especificidades”.

Por outro lado, há abordagens que enfatizam que a gramaticalização envolve não apenas perda, mas também ganho. Traugott e Sweetser contribuíram decisivamente para essa compreensão mais construtiva do processo. Sweetser (1988, p. 402, *apud* HEINE *et al.*, 1991b, p.110) argumenta que a perda do significado lexical de uma entidade em gramaticalização é compensada pelo acréscimo do significado característico do novo domínio conceitual, isto é, o sentido do domínio alvo é adicionado ao significado original da palavra. O modelo da “perda e ganho” de Sweetser é ilustrado na Figura 4, que mostra que, na transição de um domínio fonte para um domínio alvo, existe um componente não-afetado pela mudança: (p.110)

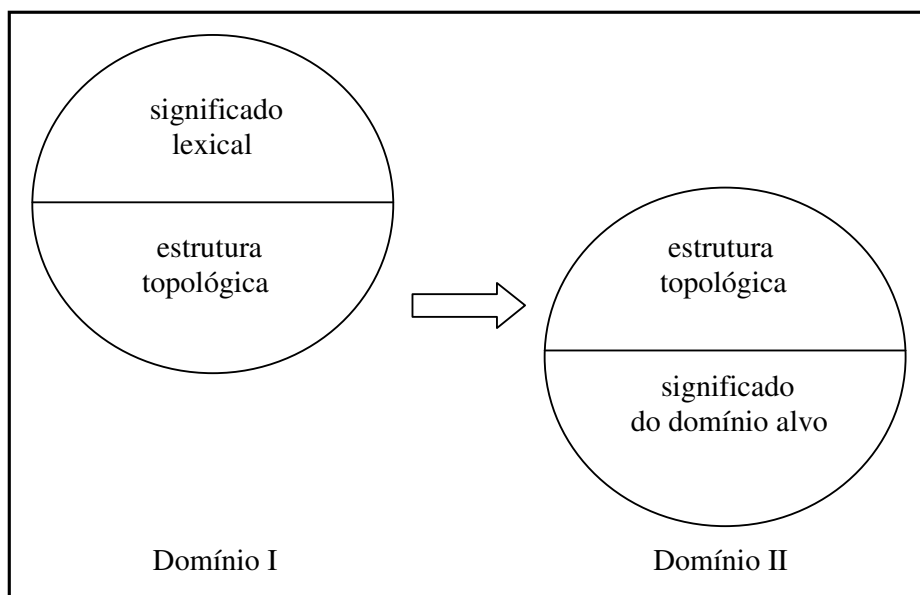


FIGURA 4: “Modelo da perda e ganho” (Sweetser, 1988)

(Heine *et al.* 1991b, p.110)

Um terceiro modelo que busca representar o processo de gramaticalização é referido como o “Modelo da sobreposição” (Figura 5), segundo o qual existe uma etapa intermediária na transição de um conceito fonte para um conceito alvo, em que ambos os significados coexistem lado a lado, promovendo a ambigüidade semântica (Coates, 1983, *apud* HEINE *et al.*, 1991b, p.111).

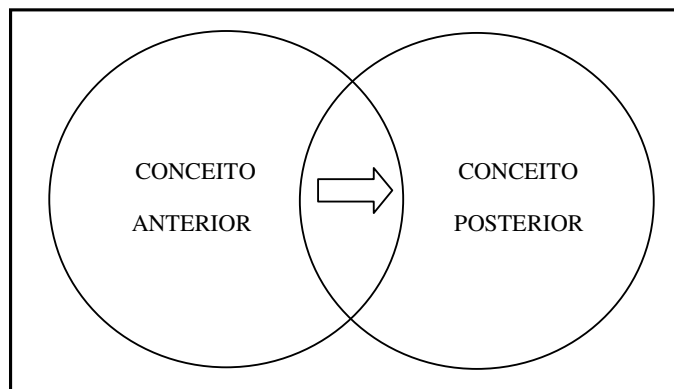


FIGURA 5: “Modelo da sobreposição”

(Heine *et al.* 1991b, p.111)

De acordo com Heine *et al.* (1991b, p.112), esses esquemas representam a mudança como a passagem de um significado para outro. No entanto, de um outro ponto de vista, a gramaticalização não envolve a transição de significados entre duas unidades distintas, mas sim uma modificação da categoria existente, ou seja, um processo de extensão dentro de uma mesma entidade. A Figura 6 demonstra como esse processo é concebido:

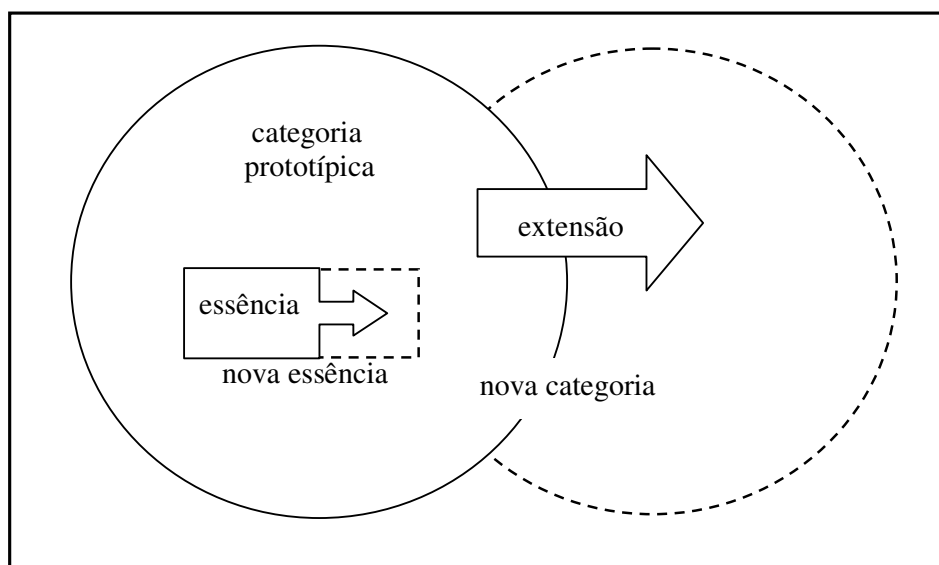


FIGURA 6: “Modelo de extensão prototípica”

(Heine *et al.* 1991b, p.112)

Heine *et al.* (1991b, p.112) declaram que esse esboço é baseado na concepção de Givón (1989) sobre como as categorias prototípicas são modificadas ou estendidas por meio

da analogia ou metáfora. Essa representação, todavia, não é direcionada à análise da gramaticalização.

Para os pesquisadores, cada um desses modelos abrange um aspecto do processo. A saber, ao longo do processo de gramaticalização, existe perda, como enfatiza o “modelo de *bleaching*”, sendo que a unidade gramatical resultante é empobrecida de significados lexicais. Entretanto, há também ganhos, pois novas interpretações do item surgem em diferentes contextos. Além disso, na passagem de um domínio a outro, existe um estágio de sobreposição antes que o significado original seja descartado. Por fim, segundo Heine *et al.*, o processo envolve uma extensão prototípica de um mesmo conceito, no lugar de uma transição de um conceito pra outro.

Tendo em vista essas considerações, os lingüistas buscam elaborar a sua própria estrutura representativa do processo. De certo modo, a perspectiva adotada pelos autores incorpora todas as observações realçadas nos modelos anteriores.

Conforme Heine *et al.* (1991, p.102-3), no processo de gramaticalização existe o que eles denominam de “macroestrutura” e “microestrutura”. A macroestrutura, que é principalmente de natureza psicológica, diz respeito às relações entre os domínios cognitivos, operadas por meio da similaridade metafórica ou analogia. A microestrutura é baseada na pragmática e relaciona-se, essencialmente, à manipulação conceitual, pela qual as implicaturas conversacionais são convencionalizadas em novos sentidos focais. O Quadro 9 resume essas características:

Macroestrutura	Microestrutura
Domínios conceituais	Contexto
“Similaridade”, “analogia”	Implicaturas conversacionais
Transferência entre os domínios conceituais	Reinterpretação induzida pelo contexto
Metáfora	Metonímia

QUADRO 9: Macroestrutura e Microestrutura em Gramaticalização
(Heine *et al.*, 1991b, p. 103)

Heine *et al.* (1991b, p.99) citam o exemplo da gramaticalização do substantivo *vi* “criança” no sufixo *-ví*, do Ewe, que possui o significado “jovem”, quando unido a nomes que denotam animais domésticos ou outros tipos de animais, e o significado “pequeno”, quando adicionado a denotações mais gerais de animais, por exemplo:

nyi	“vaca”	nyi-ví	“bezerro, vaca jovem”
lã	“animal”	lã-ví	“espécie de animal pequeno”

Em termos pragmáticos, pode-se dizer que o substantivo *nyi-ví* tem como significado estável e focal “jovem”, mas licencia uma sobreposição pragmática do contexto, propiciando a implicatura conceitual “tamanho pequeno”. Essa inferência torna-se convencionalizada quando acompanhada de substantivos do tipo *lã* “animal”, e origina um novo sentido focal para a unidade (HEINE *et al.*, 1991b, p.101).

Essa configuração, que ressalta tanto a transferência conceitual entre diferentes domínios cognitivos como a reinterpretação induzida pelo contexto, é ilustrada na Figura 7:

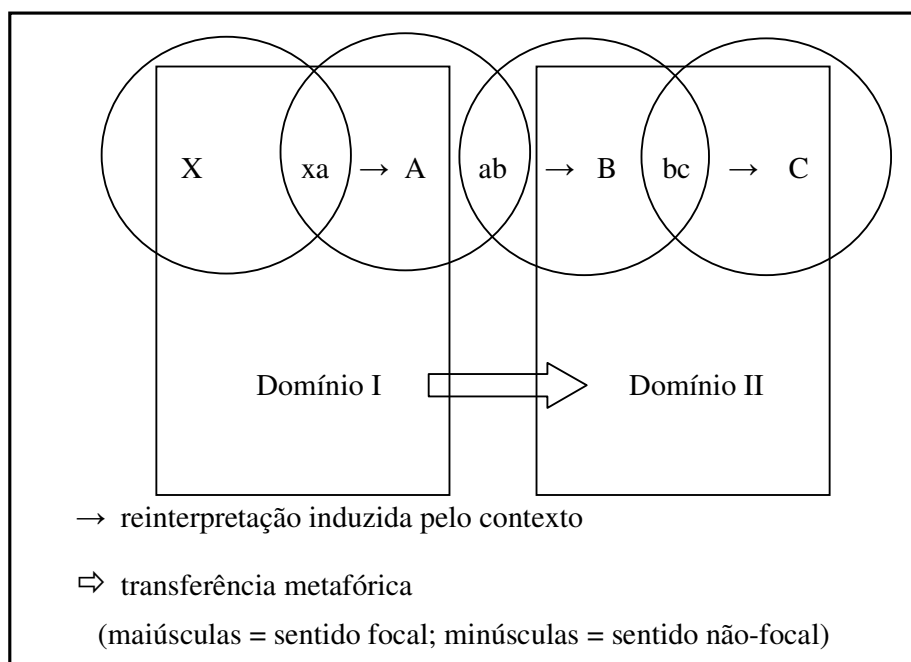


FIGURA 7: “Modelo metafórico-metonímico”

(Heine *et al.* 1991b, p.114)

2. A ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES

Neste capítulo, é apresentado um estudo da articulação de orações, mais especificamente das orações causais / explicativas, de um ponto de vista funcionalista, com o intuito de apreender como o uso dessas construções é condicionado por fatores internos ao sistema lingüístico, mas também por fatores externos, como as situações de uso, o contexto comunicativo e a relação entre os interlocutores.

2.1. A base funcionalista da investigação

A presente pesquisa fundamenta-se na teoria funcionalista, que norteia os pressupostos teóricos do processo de gramaticalização. Segundo Neves (1997a), a tarefa de caracterizar o funcionalismo é complexa, pois as várias correntes funcionais, com suas respectivas particularidades, recebem o nome dos estudiosos que as representam. Para Prideaux (1994, *apud* NEVES, 1997a), as inúmeras versões da teoria refletem a grande quantidade de lingüistas cujos estudos apresentam caráter funcional, ainda que com modelos distintos.

Todavia, a base comum que sustenta todas essas abordagens é a compreensão de língua como um meio de comunicação, um instrumento de interação social que deve ser investigado em seu contexto de uso. Assim, como afirma Nichols (1984, *apud* NEVES, 1997^a), a gramática funcional inclui na análise da estrutura gramatical a situação comunicativa: o propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo.

Uma das principais teorias funcionalistas é a apresentada por Halliday (1994 [1985]). O autor entende por gramática funcional a gramática que é designada para explicar

como a língua é usada. Em outras palavras, ela consiste em uma gramática natural, uma vez que tudo pode ser explicado, em última instância, com referência ao uso lingüístico. Na visão de Halliday, a língua é interpretada como um sistema de significados, acompanhado de formas por meio das quais o significado pode ser realizado. Dessa maneira, as formas de uma língua são consideradas meios para um fim (o sentido), não um fim em si mesmas, como nos estudos formalistas.

De acordo com Halliday (1994), a maioria dos elementos lingüísticos é multifuncional em sua estrutura gramatical. Essa multifuncionalidade dos enunciados promove uma integração dos componentes sintático, semântico e pragmático e pode ser utilizada para entender a natureza e as funções da língua na enunciação. Além disso, dentre os diversos propósitos da investigação lingüística apontados por Halliday (1994), destaca-se o estudo de como as línguas evoluem ao longo do tempo, de como a língua varia de acordo com o usuário e de acordo com as funções para as quais ela está sendo usada.

Outro lingüista que compartilha dessa abordagem teórica é Simon Dik. Dik (1997) indica que, em um paradigma funcional, o objetivo principal da língua é estabelecer relações comunicativas entre os interlocutores. O autor apresenta um modelo de interação verbal que aborda a expressão lingüística na comunicação, como uma *atividade cooperativa*, pois necessita de pelo menos dois participantes para ser realizada, e *estruturada*, já que é governada por normas e convenções.

Do ponto de vista de Dik (1997), um modelo de gramática adequado deve considerar, além da capacidade produtiva, a capacidade interpretativa dos usuários da língua. Desse modo, a comunicação é entendida como uma atividade dinâmica e interativa, por meio da qual os usuários efetuam certas mudanças em suas informações pragmáticas e em seus padrões comunicativos.

Para Decat (2006, p.86), a linguagem encontra no funcionalismo, em suas várias vertentes, um aparato teórico bastante adequado à descrição da gramática de uma língua. A teoria funcional permite que se ultrapasse o nível da sentença, incorporando, assim, os aspectos pragmáticos da língua, como a atividade de interação.

2.2. A Articulação de orações

Com a utilização dos pressupostos teóricos da Gramática Funcional, percebe-se que a articulação de orações reflete o caráter dinâmico da linguagem, visto que os falantes possuem uma ampla liberdade organizacional na estruturação dos enunciados.

Na vertente funcionalista, a rígida dicotomia entre coordenação e subordinação, baseada na dependência gramatical, é contestada e substituída por uma proposta que focaliza as diferentes possibilidades de relação entre um elemento oracional primário e um secundário.

Para Halliday (1994, p.216), as relações entre orações devem ser analisadas em termos de componentes lógicos do sistema lingüístico: as relações semântico-funcionais que constituem a lógica da língua natural. Ele aponta que existem dois tipos de dimensões sistêmicas nessa interpretação: (i) sistema de interdependência, ou sistema tático de parataxe e hipotaxe, que é geral a todos os complexos – palavra, grupo, sintagma e oração; (ii) sistema lógico-semântico de expansão e projeção, que é especificamente uma relação inter-oracional – ou melhor, uma relação entre processos, geralmente (mas não sempre) expressa na gramática como um complexo de orações. O cruzamento desses dois sistemas fornecerá a estrutura funcional para a descrição da oração complexa.

Em termos de grau de interdependência, Halliday (1994, p.218) pontua que a relação de modificação, pela qual um elemento modifica o outro, não é a única conexão que

pode ser estabelecida entre os membros de uma oração complexa. Os elementos podem também ser unidos em uma igualdade de condições e não precisam ser dependentes um do outro. Esse tipo de relação, denominado **parataxe**, consiste na conexão de dois tipos de elementos de igual *status*, um que inicia e o outro que continua. Por outro lado, quando um elemento modifica o outro, o *status* dos dois não é o mesmo; o elemento modificador é dependente do modificado. O termo geral para a relação de modificação é **hipotaxe** – a relação entre um elemento dependente e seu dominante, o elemento do qual é dependente.

Como exemplo desses dois tipos de relação, transcrevem-se as ocorrências citadas por Neves (2001, p.62-3):

(01) Ele chegou, brincou um pouco, depois ficou sério e começou a perguntar.

(BAL)

(02) Não deve ter havido nada *porque* seria a primeira pessoa a tomar conhecimento disto. (AMI, *grifo nosso*)

Em (01), as orações independentes são mutuamente relevantes; embora sejam ligadas pelo mesmo contorno entoacional, existe um mínimo de hierarquização. Já em (02), o conjunto de uma oração núcleo e uma oração hipotática apresenta uma hierarquia assentada em bases preferentemente retóricas, não gramaticais.

De acordo com Halliday (1994, p.218), todas as estruturas lógicas na linguagem são (a) paratáticas ou (b) hipotáticas. A oração complexa envolve a relação de ambos os tipos. Para exemplificar seu raciocínio, ele cita (03):

(03) I would if I could, but I can't.⁴⁰

Existe uma conexão paratática entre *I would if I could* e *but I can't*, bem como uma relação hipotática entre *I would* e *if I could*. Halliday refere-se a qualquer um dos pares

⁴⁰ Eu faria se eu pudesse, mas eu não posso.

da oração relacionados por interdependência, ou *taxe*, como um nexos oracional. As orações que constituem tais nexos são primárias ou secundárias, tais como ele esquematiza no quadro abaixo:

	Primária	Secundária
parataxe	Iniciador	Continuador
hipotaxe	dominante	Dependente

QUADRO 10: Orações primárias e secundárias. (HALLIDAY, 1994, p.219)

Segundo Halliday, (1994, p.221), dois outros aspectos diferenciam parataxe e hipotaxe: simetria e transitividade. Em princípio, a **relação paratática** é logicamente (i) simétrica, pois ‘*sal e pimenta*’ implica ‘*pimenta e sal*’; e (ii) transitiva, uma vez que ‘*sal e pimenta*’, ‘*pimenta e mostarda*’ juntos implicam ‘*sal e mostarda*’.

Por outro lado, a **relação hipotática** é logicamente (i) não-simétrica, pois ‘*Eu respiro quando durmo*’ não implica ‘*Eu durmo quando respiro*’; e (ii) não-transitiva, uma vez que as orações ‘*Eu me preocupo quando tenho de dirigir devagar*’ e ‘*Eu tenho de dirigir devagar quando está chovendo*’ juntas não implicam ‘*Eu me preocupo quando está chovendo*’ (HALLIDAY, 1994, p.221).

Quanto ao sistema lógico-semântico, ele assinala que existe uma gama de relações que podem ser estabelecidas entre o membro primário e o secundário do nexos oracional. Porém, é possível agrupar essas ligações em um número pequeno de tipos gerais, baseados nas duas conexões fundamentais de (1) expansão e (2) projeção:

- (1) Expansão: a oração secundária expande a primeira oração, elaborando-a, estendendo-a ou realçando-a.
- (2) Projeção: a oração secundária é projetada por meio da primeira oração, que a instancia como uma locução ou como uma idéia. (HALLIDAY, 1994, p.219)

Halliday (1994) exemplifica esses subtipos das categorias gerais de expansão e projeção no quadro abaixo:

		(i) paratática	(ii) hipotática
(1) Expansão	(a) elaboração	John didn't wait; he ran away.	John ran away, which surprised everyone.
	(b) extensão	John ran away, and Fred stayed behind.	John ran away whereas Fred stayed behind.
	(c) realce	John was scared, so he ran away.	John ran away, because he was scared.
(2) Projeção	(a) locução	John Said: 'I'm running away'.	John said he was running away.
	(b) idéia	John thought to himself: 'I'll run away'.	John thought he would run away.

QUADRO 11: Tipos básicos de orações complexas. (HALLIDAY, 1994, p.220)

Neves (2006) apresenta um quadro que organiza, no conjunto dos dois eixos propostos (o “tático” e o “semântico-funcional”), a zona referente à “expansão” e, dentro dela, à expansão de realce (território das adverbiais):

		EIXO TÁTICO	→	INTERDEPENDÊNCIA
		Parataxe (ou: continuação) - Ambas as orações são elementos livres (cada uma é um todo funcional). - A segunda oração faz a expansão (ordem fixa)		Hipotaxe (ou: dominação) - Uma oração domina / modifica a outra (há dependência). - A oração dominante é livre, a dependente, não.
EIXO SEMÂNTICO-FUNCIONAL	Expansão	elaboração	=	- coordenadas assindéticas* - justapostas
		extensão	+	- coordenadas sindéticas** (aditivas, alternativas, etc.)
		realce	x	- falsas coordenadas*** (com matiz circunstancial: conclusivas, etc.)
				- adverbiais
		Projeção	-----	

* enéarias e com mobilidade.

** binárias e com pouca / sem mobilidade.

*** coordenação indicando circunstância (semelhante às adverbiais)

QUADRO 12: O complexo frasal no subsistema de expansão
NEVES (2006, p.232-3)

A presente pesquisa focaliza justamente o tipo de expansão por realce, por meio da qual uma oração expande outra ao qualificá-la com alguma característica circunstancial de tempo, lugar, causa ou condição. A combinação do eixo tático com o semântico-funcional, mais especificamente, o cruzamento de hipotaxe com realce fornece as orações adverbiais, modo como são classificadas na gramática tradicional. Essas orações, quando finitas, são introduzidas por uma conjunção hipotática que serve para expressar tanto a dependência como a relação circunstancial (tempo, lugar, modo, causa, condição). (HALLIDAY, 1994, p.236)

Dentre os tipos de conjunções complexas, uma merece destaque: a derivada de advérbios – da qual fazem parte as perífrases em *exame*, *agora que* e *já que*. Conforme Halliday (1994, p.238), essa classe de conjunções expressava, em sua origem, um tipo de limitação, um aspecto particular a ser destacado, para o qual uma certa circunstância era válida.

Halliday (1994, p.239) declara que uma oração finita é, em princípio, independente: ela torna-se dependente apenas se introduzida por uma conjunção de união (hipotática). Se ela for ligada a uma oração complexa, seu *status* natural é mostrado tipicamente por uma conjunção de ligação (paratática). O autor acrescenta que existe uma gradual perda de informação, à medida que as orações tornam-se mais entrelaçadas, que parte da oração *independente finita* em direção ao *sintagma preposicional*. Como exemplo, a frase ‘soon you will reach the monument; then continue straight ahead’⁴¹, que pode ser expressa das seguintes maneiras (HALLIDAY, 1994, p.241):

- (04) oração (finita) independente: You will reach the monument, ...⁴²
- (05) oração finita dependente: When you reach the monument, ...⁴³
- (06) oração dependente não-finita: (On) reaching the monument, ...⁴⁴

⁴¹ Assim que você atingir a estátua, então continue em frente.

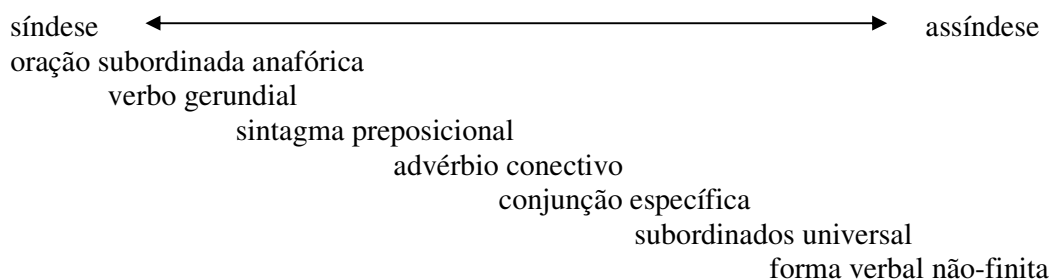
⁴² Você vai atingir a estátua, ...

⁴³ Quando você atingir a estátua, ...

⁴⁴ Ao atingir a estátua, ...

(07) sintagma preposicional: At the monument, ...⁴⁵

Sobre a explicitude da ligação, Lehmann (1988, p.213) reconhece que a presença ou ausência de um mecanismo coesivo entre as orações não tem a ver com a parataxe vs hipotaxe, mas é exclusivamente uma questão de síndese. Ele apresenta o seguinte *continuum* de explicitude de ligação:



Halliday (1994, p.242) ressalta a importância em diferenciar o encaixamento das relações táticas, pois, enquanto a parataxe e a hipotaxe são relações entre orações, o encaixamento consiste em um mecanismo pelo qual uma oração ou sintagma exerce a função de um constituinte dentro da estrutura de um sintagma, o qual também é um constituinte da oração. Na hipotaxe, uma oração é dependente da outra, mas, de modo algum, é constituinte oracional. Sob o mesmo ponto de vista, Matthiessen e Thompson (1988) afirmam que a oração encaixada não se combina com outra oração, mas funciona como um complemento dela. As tradicionais orações substantivas e relativas restritivas são considerados casos de encaixamento. O exemplo abaixo citado por Neves (2001, p.63) é um caso de encaixamento:

(08) Todo mundo sabe que a infelicidade tira o sono de qualquer pessoa. (AF)

De acordo com Neves (2006), a proposta desses autores a respeito da compreensão de como as orações se organizam em uma frase complexa possui um caráter inaugural.

⁴⁵ Na estátua, ...

Matthiessen e Thompson (1988) assumem que a sistematicidade da estrutura gramatical segue a sistematicidade na demanda funcional da língua. Em outras palavras, eles propõem que a combinação de orações pode ser entendida à luz da organização retórica do discurso, no sentido de que os princípios que governam a relação entre as orações não deveriam ser compreendidos como diferentes daqueles que governam o modo como os textos são organizados. Desse modo, como aponta Neves (2006), relações como as de causa, condição e concessão são relações retóricas que existem entre as partes de um texto e que podem gramaticalizar-se na combinação de orações, tanto em relações paratáticas, como em relações hipotáticas.

De uma perspectiva diferente, alguns estudiosos evidenciam o caráter contínuo das diferenças que separam as diversas relações entre orações. Por exemplo, para Hopper e Traugott (1993), a articulação de orações pode ser considerada como um cline unidirecional, que parte de justaposições, relativamente livres, em direção à junção sintática e morfológica dentro de uma estrutura com alto grau de gramaticalização. Segundo os autores, pode-se pensar em um *continuum*, com os seguintes pontos:

- (a) Parataxe: relativa independência, exceto pelos limites pragmáticos de “fazer sentido” e relevância;
- (b) Hipotaxe (ou interdependência): núcleo e uma ou mais orações que não se sustentam sozinhas, e são, por esse motivo, dependentes. No entanto, elas não são totalmente incluídas dentro de qualquer constituinte do núcleo;
- (c) Subordinação (em sua forma extrema, encaixamento): dependência completa, em que uma margem é totalmente incluída dentro de um constituinte nuclear. (p.169-70)

O trajeto de gramaticalização da articulação de orações é ilustrado, por Hopper e Traugott (1993, p.170) pelo seguinte *cline*, elaborado pela combinação das características +/- dependente e +/- encaixada:

Parataxe	➤	Hipotaxe	➤	Subordinação
- dependente		+ dependente		+ dependente
- encaixada		- encaixada		+ encaixada

QUADRO 13: *Cline* de gramaticalização de orações.

Tendo em vista essas considerações, concorda-se com a posição de Decat (1999, p.311), segundo a qual o que importa não é classificar uma cláusula como adverbial, como subordinada ou como dependente. Importa, sim, reconhecer a capacidade de ela se combinar com outras, refletindo uma propriedade organizacional básica do discurso em geral, que é a articulação para formação de discurso coesivo e coerente.

2.3. O tratamento funcional das construções causais

As orações causais, objeto de estudo desse trabalho, estão inseridas, segundo a proposta de Halliday (1994), no grupo das orações hipotáticas que expandem a oração nuclear, realçando-a com a circunstância de causa. De modo similar, Matthiessen e Thompson (1988) tratam dessas orações como um tipo específico de combinação de orações hipotáticas que codificam as relações núcleo-satélite. Dik (1997), por sua vez, considera que a oração causal é um satélite e, funcionando como um constituinte adverbial, acrescenta informações ao enunciado a que está relacionada.

De acordo com Neves (2006), tais orações satélites, ainda que sensíveis às determinações do discurso, são termos opcionais, isto é, estão estritamente relacionados às escolhas que o falante faz para alcançar as funções comunicativas do seu enunciado. Conforme Decat (1999, p.316), as cláusulas adverbiais, por constituírem opções de organização discursiva, referem-se à maneira como o usuário decide transmitir as proposições implícitas e relacionar as explícitas.

Sob esse ponto de vista, Meyer (2000) afirma que atribuir causas é parte de um fenômeno discursivo, um meio de criar relevância no discurso. Ele acredita que as explicações de um fato são guiadas pelos interesses comunicativos das pessoas, uma vez que as explicações que nós estamos dispostos a dar ou a aceitar como ‘causa’ não são de fato as causas de um evento, mas abrem uma negociação para a sua explicação. Para o autor, estabelecer a causa de um evento não é um procedimento que avalia a verdade, mas antes um processo de interação social no qual interesses divergentes devem ser acomodados e a partir do qual diferentes conseqüências (ou até mesmo obrigações) podem surgir.

Meyer (2000) aponta essa questão como o problema que filósofos e cientistas têm encontrado no exame da causalidade. Estes estudiosos concluem que não há como encontrar uma única caracterização lógica, mecânica e física de um estados-de-coisas para ser considerado intuitivamente a “causa” de um certo evento. Desse modo, não existe ‘a’ causa ou ‘conjunto de causas’ de um evento; a causalidade emerge como um fenômeno discursivo, visto que as causas de um evento apresentam algum tipo de concorrência discursiva.

Paiva (1996, p.64) apresenta o enunciado seguinte como forma de ilustrar o fato de que causa é muito mais uma condição favorável do que uma condição determinante para uma dada conseqüência. No exemplo (09), a chuva, embora necessária, não é uma condição suficiente para a ocorrência da enchente, outras condições também podem ter sido responsáveis pela inundação, como o entupimento dos escoadouros de água.

(09) Houve uma enchente na cidade do Rio de Janeiro, porque choveu muito.

Noordman e Blijzer (2000), por sua vez, concebem a causalidade como um importante princípio de ordenação da percepção e da experiência humana, sendo, por isso, uma categoria central da cognição. Para os autores, ela é fundamental tanto para a representação do conhecimento humano quanto para outros processos cognitivos, como previsão, explicação e compreensão. Eles afirmam que as relações causais são representadas como pares ordenados de causa-efeito, em que a causa precede, temporalmente, o efeito. Segundo Neves (1999, p.461), somente a relação causal *stricto sensu*, que diz respeito à conexão causa-conseqüência, ou, pelo menos, causa-efeito entre dois eventos, implica subseqüência temporal.

Assim, a representação da relação causal, estreitamente entendida, origina-se em nossas experiências no mundo, haja vista que, na base de co-ocorrência de eventos, são inferidos relações de causa. De acordo com Michote (1954, *apud* NOORDMAN & BLIJZER, 2000), nós temos uma tendência em interpretar as seqüências de eventos em termos de relação de causa e conseqüência, mesmo quando não há causalidade real envolvida. Porém, Neves (2000) adverte que as expressões lingüísticas de elo causal não se restringem a esse tipo de indicação, que decorre de uma relação de “causa real”, ou “causa efetiva”, com subseqüência temporal.

As construções complexas causais podem ser relacionadas pelas conjunções *porque, como, pois, porquanto, que* (= *porque*). Algumas conjunções são compostas, isto é, constituem o que se denomina locuções conjuncionais, que têm, normalmente, o elemento *que* como constituinte final; dentre elas: *já que, uma vez que, dado que, desde que, visto que, visto como, pois que, tanto mais que, por causa que, por isso que* (NEVES, 2000, p.802).

De acordo com Halliday e Hasan (1976, p.227), a conjunção funciona como um guia em direção a um tipo de relação semântica, que não é um tipo que procura instrução, mas sim uma especificação do modo como o que segue é conectado, sistematicamente, com o que foi dito anteriormente. Na descrição de conjunção como um mecanismo coesivo, os autores enfatizam a função das relações semânticas de conectar elementos lingüísticos que ocorrem em sucessão, mas não são relacionados por significados estruturais.

As relações denominadas conjuntivas, conforme pontuam Halliday e Hasan (1976, p.228), podem aparecer em diferentes formas estruturais; por exemplo, a sucessão no tempo pode ser expressa de diferentes maneiras, o que é notado nas sentenças abaixo que possuem a mesma relação lógica temporal:

- (10) a. A snowstorm followed the battle. (The battle was followed by a snowstorm.)⁴⁶
 b. After the battle, there was a snowstorm.
 c. After they had fought a battle, it snowed.
 d. They fought a battle. Afterwards, it snowed.

O falante da língua reconhece que o mesmo fenômeno pode aparecer de diferentes formas e tamanhos estruturais, e torna-se consciente de que certos tipos de fenômenos são, freqüentemente, ligados uns aos outros por certos tipos de relações de significado, conforme ressaltam Halliday e Hasan (1976, p.229).

Segundo Thompson e Longacre (1994, p.181), em algumas línguas, que usam simplesmente um morfema subordinativo como “quando” para as orações temporais, esse morfema pode também sinalizar causa. Não é difícil compreender por que: dois eventos que são mencionados juntos como sendo simultâneos ou adjacentes no tempo são,

⁴⁶ a. Uma nevasca seguiu a batalha. (A batalha foi seguida por uma tempestade de neve)
 b. Depois da batalha, houve uma nevasca.
 c. Depois de eles terem disputado a batalha, nevou.
 d. Eles lutaram uma batalha. Depois disso, nevou.

freqüentemente, inferidos em relação de causalidade. Como exemplo, os autores citam a seguinte sentença do inglês, em que *telling* (dizer) causou o *fit* (desmaio):

(11) When he told me how much money he lost, I had a fit.⁴⁷

Sobre essa questão, Meyer (2000, p.29) declara que, quando narramos eventos relacionados temporalmente, eles devem ser relevantes entre si, uma vez que as seqüências de eventos narrados são, freqüentemente, conectadas de modo causal também. Ao informar as causas de um certo evento, a oração preenche as necessidades básicas da comunicação humana. Assim, o autor conclui que uma relação causal é mais informativa que uma temporal, já que uma relação de causa implica uma relação temporal e adiciona mais informações a ela.

2.4. Domínios conceituais e níveis de estruturação do enunciado

Em termos de enunciados reais, a noção de causalidade tem de ser investigada no complexo de domínios de interpretação semântica. Muitos lingüistas que estudaram as orações adverbiais classificaram-nas entre as camadas de significado do conteúdo e epistêmico. Sweetser (1990) introduz uma abordagem de três níveis para examinar as diferenças no significado e uso de conectivos. Ela propõe que essas construções sejam interpretadas levando-se em consideração o seu funcionamento em três diferentes domínios de interpretação semântica. Assim, as construções causais apresentam três leituras possíveis (SWEETSER, 1990, p.77):

- a) No domínio do conteúdo, a junção marca a causalidade de um *evento no mundo real*.

⁴⁷ Quando ele me disse quanto havia perdido de dinheiro, eu desmaiei.

(12) *John came back because he loved her.*⁴⁸ (O amor de John foi a causa real de sua volta)

b) No domínio epistêmico, a junção marca a causa de uma *crença* ou *conclusão*.

(13) *John loved her, because he came back.*⁴⁹ (O conhecimento do falante sobre a volta de John leva-o à conclusão de que John a ama)

c) No domínio dos atos de fala, a junção indica uma explicação causal do *ato de fala* que está sendo desempenhado.

(14) *What are you doing tonight, because there's a good movie on.*⁵⁰ (A oração com *because* fornece a explicação do ato de fala presente na oração nuclear: “Eu estou perguntando o que você vai fazer hoje à noite porque eu quero convidá-lo para assistir um bom filme.”)

Sweetser (1990, p.78) observa que uma interpretação “correta” não depende da forma, mas de uma escolha pragmaticamente motivada entre considerar as construções como representação de unidades do conteúdo, entidades lógicas, ou atos de fala.

De acordo com Neves (1999, p.472-3), a proposta de Sweetser pode ser concebida dentro do modelo mais genérico e abrangente das camadas ou níveis de análise – aplicável a todas as expressões lingüísticas de uma língua, assim como propuseram Dik (1989) e Hengeveld (1993). A autora estabelece o seguinte paralelo:

a) a predicação (estado de coisas), em correspondência com o nível de conteúdo;

b) a proposição (fato possível), em correspondência com o nível epistêmico;

c) a frase (ato de fala), em correspondência com o nível conversacional ou nível dos atos de fala.

⁴⁸ John voltou porque ele a amava.

⁴⁹ John amava-a, porque ele voltou.

⁵⁰ O que você vai fazer hoje à noite, porque tem um filme bom no cinema.

Tendo em vista esses níveis de análise, Hengeveld (1993) ilustra os tipos de relações semânticas de causa, razão e explicação em (14)-(16):

(15) *The streets are wet* because it has rained.⁵¹ (Causa)

(16) *John went home* because his sister would visit him.⁵² (Razão)

(17) *Jenny isn't here*, for I don't see her.⁵³ (Explicação)

Segundo Hengeveld, o que torna esses tipos interessantes é que eles são de natureza causal, ainda que de diferentes tipos; as diferenças entre eles podem ser entendidas em termos de estrutura em camadas da oração.

Para o autor, a diferença entre Causa e Razão é, de fato, a que Lyons (1977) expõe; a distinção entre as entidades de segunda e terceira ordem, ou seja, entre estados de coisas e conteúdos proposicionais. Em (15), a oração hipotática descreve um evento causador do evento da oração principal, sem haver nenhum envolvimento intencional por parte de um agente. Essas sentenças são de natureza *predicacional*, sendo que operadores predicacionais, mas não operadores proposicionais, podem ser expressos dentro deles. Em (16), a oração adverbial de razão não causa o evento da oração principal em sentido literal, mas representa a consideração, a idéia, ou seja, o conteúdo proposicional que leva um participante do evento da oração principal a engajar-se no evento da oração principal. As orações de Razão são *proposicionais*, sendo que operadores proposicionais podem ser expressos dentro delas, mas eles não podem conter modificações ilocucionárias

Hengeveld assinala que existem, também, outras distinções entre Razão e Explicação. Enquanto o responsável pela razão em (16) é o participante da oração principal *John*, a origem da explicação em (17) é o falante. Conseqüentemente, a oração adverbial não

⁵¹ As ruas estão molhadas porque choveu.

⁵² John foi para casa porque sua irmã iria visitá-lo.

⁵³ Jenny não está aqui, porque eu não a vejo.

pode ser interpretada como a causa para que a oração principal acontecesse. Em vez disso, ela apresenta as considerações que levaram o falante a chegar à conclusão contida na oração principal e pode ser, assim, compreendida como um *ato ilocucionário* separado. Desse modo, orações de Explicação têm um componente ilocucionário, sendo que modificadores ilocucionários podem ser expressos dentro deles e eles podem ter sua própria ilocução.

Ainda de acordo com Neves (1999, p.473), as propostas de Dik e Sweetser podem ser relacionadas com as metafunções de Halliday (1985[1994]), que se referem aos componentes funcionais básicos na organização da língua. Para Halliday e Hasan (1976, p.240), as quatro categorias de conjunção (aditiva, adversativa, causal e temporal) podem expressar dois tipos de relações:

1. Relação entre *eventos* (função experiencial): é aquela que existe como relação entre fenômenos externos à situação de comunicação e é, por isso, chamada *externa* (domínio do conteúdo de Sweetser e da predicação de Dik).

2. Relação entre *argumentos* (função interpessoal): é aquela em que segmentos são relacionados como etapas em um argumento, os significados representam a compreensão da situação pelo falante – sua escolha do papel discursivo e do canal retórico, suas atitudes, seus julgamentos. Trata-se, pois, de uma relação *interna* à situação comunicativa. (domínios epistêmico e dos atos de fala de Sweetser e níveis da proposição e da frase de Dik).

Para ilustrar essa distinção, Halliday e Hasan (1976, p.241) citam os seguintes exemplos, em que as expressões conjuntivas podem ser usadas nos dois significados:

- (18) a. She was never really happy here. So she's leaving.⁵⁴
 b. She'll be better off in a new place. – So she's leaving?

⁵⁴ a. Ela nunca foi feliz aqui. Então, ela foi embora.

b. Ela ficará melhor em um novo lugar.

– Então, ela foi embora?

Em (a), existe uma relação causal entre dois eventos, ou fenômenos, cujo significado é “porque ela estava triste, ela foi embora”. Em (b), existe também uma relação causal, mas está dentro do processo comunicativo, o significado é “como você disse que ela estava em um novo lugar, eu concluí que ela havia ido embora”. De acordo com Halliday e Hasan (1976), esse é um bom exemplo do paralelismo entre os dois planos das relações conjuntivas, o externo e o interno, o experiencial e o interpessoal.

A distinção entre o tipo de coesão externa e interna tende a ser um pouco menos definida no contexto das relações causais do que em outros contextos, provavelmente porque a noção de causa já envolve algum grau de interpretação do falante. Apesar disso, a distinção é ainda reconhecível (HALLIDAY & HASAN, 1976, p.257).

Baseada nessas considerações, Ferretti (2000) elabora o seguinte quadro, que resume a correlação das teorias e refere-se ao nível de relações expressas pelas conjunções, segundo Neves (1997b):

Teoria de Dik	Teoria de Sweetser	Teoria de Halliday & Hasan
<i>Frase</i> + força ilocucionária (ato de fala)	Domínio de ato de fala	a) relação entre argumentos
Proposição	Domínio epistêmico	
Predicação	Domínio de conteúdo	b) relação entre eventos
Predicado		

QUADRO 14: Correlação entre as propostas de Dik, Sweetser e Halliday & Hasan quanto ao nível de relações expressas pelas conjunções. (FERRETTI, 2000, p.57)

Nesta pesquisa, procurou-se considerar as relações causais nos diferentes níveis da construção do seu significado no texto, uma vez que essas relações não só expressam significados no nível da representação do mundo, mas também constituem um dos meios mais produtivos de operações lógicas do pensamento e ajudam a construir estratégias interacionais, condições necessárias que justificam a força ilocucionária de atos de fala (ABDON, 2005).

Assim, a divisão dos enunciados em três domínios conceituais, apresentada por Sweetser, juntamente com as camadas de estruturação da frase, propostas por Dik, e os tipos de relações entre as orações, discutido por Halliday, serão retomadas nesse trabalho para fundamentar a análise dos dados.

3. METODOLOGIA

3.1. Constituição e delimitação do *corpus*

Para a pesquisa, foram selecionadas ocorrências da língua escrita e falada do português brasileiro a partir de três *corpora*. Do português escrito, foi adotada uma base de dados armazenada no Centro de Estudos Lexicográficos da Faculdade de Ciências e Letras, pertencente à UNESP – Campus de Araraquara. Esse *corpus* abrange textos escritos que estão classificados como “literatura romanesca”, “literatura técnica”, “literatura oratória”, “literatura jornalística” e “literatura dramática”. No entanto, para a coleta dos dados, foi feito um recorte desse *corpus*, adotando-se apenas os textos romanescos e dramáticos porque neles há maior quantidade de diálogos, aproximando-se mais das características do texto oral. Foram selecionados, aleatoriamente, 10 textos de literatura romanesca e 15 textos de literatura dramática, escritos a partir da década de 1950.

Pelo fato de cada texto possuir uma dimensão diferente, houve empenho em selecioná-los de maneira que os dois tipos de literatura apresentassem aproximadamente a mesma dimensão, medida em *Kbytes*. Isso pode ser verificado no Anexo A, que exhibe a sigla dos textos (que os identifica nas análises), bem como as referências bibliográficas e dimensão de cada arquivo.

Os dados de fala foram extraídos da Amostra Mínima do NURC, o chamado *corpus* compartilhado do projeto Gramática do Português Falado, que inclui dados procedentes de cinco capitais, cujos arquivos são listados no Anexo B, juntamente com a sua dimensão em *kbytes*. Além desse *corpus* de amplitude nacional, foi também adotado, para a amostra de ocorrências de fala, o Banco de Dados IBORUNA, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional, no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas,

UNESP – Campus de São José do Rio Preto. Essa amostra de fala foi coletada na região de São José do Rio Preto e possui os seguintes tipos de textos: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de procedimento, relato de descrição e relato de opinião.

Esse *corpus* resulta do Projeto “O Português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para seu estudo”, cujo responsável é o professor Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. Desse banco de dados, foram utilizados, na presente pesquisa, 61 inquéritos, que são relacionados no Anexo C.

3.2. Investigação dos dados

Constituem objeto de estudo as ocorrências que apresentam as perífrases conjuncionais *agora que* e *já que* marcando tanto a relação semântica de tempo como a de causa, ou ainda uma relação ambígua entre tempo e causa.

Para testar as hipóteses com relação ao funcionamento semântico das perífrases *agora que* e *já que*, utilizou-se *método da substituição*, proposto por Maat e Sanders (2000, p.61-2). Esse método é uma maneira de checar se o conectivo original poderia ser substituído por outro. Assim, as locuções conjuncionais foram substituídas por outras conjunções temporais e causais. Com base nesse procedimento, foram feitos os seguintes questionamentos: “Essas substituições levam a uma seqüência que é ainda aceitável?” e “Se aceitável, houve uma mudança na interpretação relacional com essa substituição?”.

Além disso, para haver uma maior credibilidade a respeito das hipóteses semânticas e/ou pragmáticas, aplicou-se um teste semântico com alunos do quarto ano do

curso de Letras (UNESP-Ibilce) da disciplina “Semântica da Língua Portuguesa”⁵⁵. Os participantes da avaliação deveriam assinalar a relação semântica que considerassem mais adequada: tempo, tempo/causa ou causa.

Com isso, procurou-se verificar como falantes nativos não envolvidos na pesquisa interpretariam as frases selecionadas. Somente as respostas que apresentaram alguma incoerência teórica – por exemplo, classificar como temporal um enunciado pertencente ao nível dos atos de fala – não foram consideradas válidas para a análise dos dados.

Alguns resultados mereceram ser explorados mais particularmente, como o caso da unanimidade das respostas dadas à ocorrência (01) de *já que*, cuja relação semântica foi classificada como causal por todos os participantes do teste:

(01) – Quero pedir desculpas, *já que* devido ao meu tempo de uso, você só consegue entregar metade da minha carga, e saciar a metade da sede que espera em sua casa. (HPP)

Outro caso que mereceu explicação especial foi o resultado quase unânime de alguns exemplos, como o de *agora que* a seguir, que foi considerado causal por 30 participantes (apenas um aluno considerou-o um enunciado polissêmico).

(02) – *Agora que* já pisou em mim, vá lá fora e pise na minha imagem – disse Jesus. (HPP)

Esses dois enunciados têm em comum o fato de serem construções causais do domínio conversacional.

Vale destacar também o caso da ocorrência (03) de *agora que*, para a qual 77,5% dos participantes assinalaram a relação semântica tempo. Esse resultado é explicado pelo

⁵⁵ O docente responsável, Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, orientou-me nessa tarefa. Gentilmente, ele cedeu duas aulas do programa para que fossem apresentadas questões referentes à *Semântica da articulação de orações*, bem como aplicado o teste (cf. Anexo D), que continha 14 ocorrências de *agora que* e 12 de *já que*.

contexto claramente temporal dos eventos, em que a perífrase conjuncional explicita relações no domínio do conteúdo.

(03) ... mas **agora que** chega a época do frio...como ah:: apesar do sol a água esfria e a terra é fria então a planta a raiz fica mais à vontade na terra...[sei] então essa época é a época que quando é frio se consome menos verdura e a verdura dá melhor... (AC-114)

Por fim, ressalta-se a porcentagem significativa (48%) de pessoas que marcaram tempo/causa para o exemplo de *já que* que vem a seguir. Essa ocorrência apresenta uma situação em que os eventos das orações são concomitantes, o que pode ter levado alguns leitores a abandonar a leitura causal, que é a mais desencadeada pela locução *já que*.

(04) **Já que** estamos falando de eleição eu queria sua opinião sobre as eleições na cidade de São Paulo entre a Mar::ta e o Se::rra. (AC-049)

Para a análise dos dados, conjugaram-se os métodos de investigação qualitativo e quantitativo. Na análise quantitativa, foram aplicados alguns dos programas do pacote Varbrul. Entretanto, vale ressaltar que a metodologia da pesquisa não é de orientação variacionista, e os dados estatísticos servem apenas como respaldo para as análises qualitativas, contribuindo para a confirmação ou não das hipóteses de pesquisa. Os grupos de fatores foram estabelecidos com base em questões relevantes ao funcionamento das orações hipotáticas com as perífrases conjuncionais *agora que* e *já que*, bem como à análise comparativa de seus estágios de gramaticalização.

Os grupos de fatores utilizados foram os mesmos para as duas perífrases. Contudo, em um primeiro momento, eles foram aplicados separadamente a cada uma delas; posteriormente, correlacionaram-se os resultados obtidos.

Outro ponto a destacar é que a investigação dos dados está amparada nas noções *type* e *token* – que são ferramentas úteis em uma pesquisa histórica, visto que auxiliam o

exame da variação da frequência de um item ao longo do tempo. Embora o presente estudo não trabalhe com dados diacrônicos, essas noções, de certo modo, estão presentes nos parâmetros de análise, uma vez que a quantificação dos dados gera a frequência *token*; enquanto a frequência *type*, que se refere à relação semântica explicitada pelas perífrases, coincide com os fatores estabelecidos para a variável dependente. A seguir, é ilustrada a variável dependente, bem como as variáveis independentes:

Variável dependente:

1. Tipo de relação semântica entre as orações

Tempo
Polissêmico entre Tempo/Causa
Causa

Variáveis independentes:

2. Posição da oração hipotática

posposta
intercalada
anteposta

3. Tipo de texto

romanesco
dramático
texto falado

4. Tipo de frase

asserção
interrogação
exclamação
injunção (ordem)

5. Domínios Conceituais

conteúdo

conteúdo/epistêmico

epistêmico

conversacional

6. Presença de modalizadores da oração nuclear

epistêmico

deôntico

7. Presença de modalizadores na oração hipotática

epistêmico

deôntico

8. Forma verbal da oração nuclear

presente indicativo

presente subjuntivo

pretérito perfeito indicativo simples

pretérito perfeito indicativo composto

pretérito mais-que-perfeito indicativo

pretérito imperfeito indicativo

pretérito imperfeito subjuntivo

futuro do presente indicativo

futuro do pretérito indicativo

futuro subjuntivo

imperativo

infinitivo

gerúndio

particípio

9. Forma verbal da oração hipotática

presente indicativo

presente subjuntivo

pretérito perfeito indicativo simples

pretérito mais-que-perfeito indicativo

pretérito imperfeito indicativo

pretérito imperfeito subjuntivo

futuro do presente indicativo

futuro do pretérito indicativo

futuro subjuntivo

imperativo

10. Correlação de igualdade/diferença da forma verbal da oração nuclear e da oração hipotática

são iguais, mas poderiam ser diferentes

são iguais e precisam ser iguais

são diferentes, mas poderiam ser iguais

são diferentes e precisam ser diferentes

11. Seqüencialidade temporal

presente na nuclear / futuro na hipotática

passado na nuclear / futuro (do pretérito) na hipotática

presente na nuclear / presente na hipotática

futuro na nuclear / futuro na hipotática

passado na nuclear / passado na hipotática

passado na nuclear / passado anterior na hipotática

presente na nuclear / passado na hipotática

futuro na nuclear / presente na hipotática

futuro na nuclear / passado na hipotática

passado na nuclear / presente na hipotática

12. Estados-de-coisas da oração nuclear

realização [+din] [+con] [+tel]

atividade [+din] [+con] [-tel]

mudança [+din] [-con] [+tel]

dinamismo [+din] [-con] [-tel]

posição [-din] [+con]

estado [-din] [-con]

13. Estados-de-coisas da oração hipotática

realização [+din] [+con] [+tel]

atividade [+din] [+con] [-tel]

mudança [+din] [-con] [+tel]

dinamismo [+din] [-con] [-tel]
 posição [-din] [+con]
 estado [-din] [-con]

14. Correferencialidade do sujeito

sim (presença)
 não (ausência)

15. Presença de subsequência temporal entre a oração nuclear e a hipotática

sim (presença)
 não (ausência)

Neste momento, apresenta-se a justificativa e a relevância dos grupos de fatores para a pesquisa com exemplos ilustrativos, a fim de facilitar a apreensão dos parâmetros menos óbvios.

A variável dependente, como já informado, buscou examinar o tipo de relação semântica que as perífrases explicitam, a saber: i. acepção temporal; ii. acepção causal – noções de causa e consequência/efeito; e, por fim, iii. acepção polissêmica – possibilidade de ambas interpretações, acepção em que as locuções expressam, objetivamente, uma relação temporal, assim como licenciam inferências de causa. Citam-se, em seguida, exemplos das três acepções:

(05) ... assim nas hortinhas comuns eu não sei as pessoas que tem UMA TECNICA [uma técnica] coisas assim...mas *agora que* chega a época do frio...como ah:: apesar do sol a água esfria e a terra é fria então a planta a raiz fica mais à vontade na terra...[sei] então essa época é a época que quando é frio se consome menos verdura e a verdura dá melhor... (AC-114) (temporal)

(06) Ah, não! Eu vou pagar! **Agora que** tirei isso da cabeça, me sinto com redobrada força pra batalhar no meu contrabandozinho, na minha moamba – e tocar a vida pra frente! (NAM) (polissêmica)

(07) Amélia: Veja! Eu gostaria de me sentar e ter com quem conversar! Conversar sobre coisas úteis, bonitas, amáveis! Mas, não há vivalma neste apartamento! Eu e minha sombra!

Vicente: Bom! **Já que** não é possível trabalhar, vamos conversar sobre coisas agradáveis! (ES) (causal)

A variável independente *Posição da oração hipotática* assume relevância pela hipótese de que o sentido e a função das orações estão correlacionados com a posição (anteposta, intercala ou posposta) que o elemento conjuncional ocupa no período. Em outras palavras, acredita-se que, a depender de sua posição na sentença, as perífrases conjuncionais operam diferentes manobras argumentativas. Quando estão antepostas, as orações causais visam a fazer com que o efeito não seja surpreendente para o interlocutor, antecipando a causa do evento/fato; como em (08), em que a sentença “**Agora que** entendemos tudo” explicita o motivo do fato apresentado na oração seguinte “queremos acabar com isso”. Por outro lado, quando aparece posposta, geralmente, a oração causal desempenha uma atividade argumentativa de explicação do enunciado precedente. Um exemplo é (09), em que a sentença “**já que** o senhor era garçom” explica ou justifica o ato de fala anterior “então o senhor podia me me:: ensiNAR como se faz um pra::to um drin::que”. A oração intercalada, por sua vez, representa, na verdade, uma forma de posposição, pois a oração hipotática aparece posposta a algum termo da oração nuclear (NEVES, 2002), o que acontece em (10):

(08) – **Agora que** entendemos tudo queremos acabar com isso. (GD)

(09) Doc.: e::... então o senhor podia me me:: ensiNAR como se faz um pra::to um drin::que **já que** o senhor era garçom?... (AC-143)

(10) Joaquim: Agora que estamos no assunto, /quero dizer, ***já que*** não fui consultado na ocasião], que não aprovo este contato de minha filha com costureirinhas./ Sabe lá quem frequenta esses cursos. Gente de toda a espécie. (MO)

Já a variável *Tipo de texto* serviu para estabelecer uma correlação entre os tipos de fonte pesquisada (romanesco, dramático ou falado) e a relação semântica desempenhada pelas perífrases. Desse modo, pôde ser verificado, nos *corpora* selecionados, qual o contexto lingüístico que favorece cada um dos sentidos considerados, buscando correlações do tipo: usos mais gramaticalizados são característicos do tipo de texto “X”.

No que se refere aos grupos *Tipo de frase* e *Domínios conceituais*, pretendeu-se apreender uma correspondência entre os fatores, uma vez que as frases assertivas estão relacionadas com os domínios de conteúdo e epistêmico, ao passo que o domínio conversacional, dos atos de fala, apresenta uma forte ligação com as frases interrogativas, exclamativas e imperativas. Outra hipótese a ser confirmada por meio desse grupo de fatores é se a causalidade é expressa, predominantemente, em construções assertivas.

Nesse trabalho, considera-se que a proposta de Sweetser (1988, 1990) a respeito dos três domínios conceituais de interpretação semântica explica adequadamente o funcionamento das orações hipotáticas. Os exemplos abaixo são ocorrências causais representativas dos diferentes domínios de conceituação: (11) domínio de conteúdo; (12) domínio epistêmico; e (13) domínio conversacional:

(11) a. Lamentou que Ana Clara não estivesse presente, para dar um palpite. Nem de manhã se viam mais, ***agora que*** ela tinha inventado essa história de montar uma academia de ginástica no salão em cima das garagens e ficava desde as sete horas mandando um batalhão de mulheres de malha abrir as pernas e dar pulinhos ao som de oito alto-falantes a todo vapor. (SL)

b. Com o dinheiro recebido, comprou uma bela casa no sul, onde passou o inverno inteiro sem precisar preocupar-se em juntar lenha para calefação, *já que* o clima era muito agradável. (HPP)

(12) a. Geni: Olha, era só dois contos. Mas *agora que* o inspetor me chamou de veado puto eu vou ter de exigir uma indenização. Fica tudo por quatro contos e eu me dou por satisfeita. (OM)

b. A carta, que ela escrevera depois de muito pensar, dizia o seguinte: Minha filha querida. Sei que esta lembrança vai lhe causar uma grande surpresa, *já que* você não tem notícias minhas há tantos anos. Saiba, no entanto, que jamais esqueci a data de seu aniversário. (DD)

(13) a. – Nunca bebo além do que posso e sei exatamente quando parar. Meus diabinhos, assim como os problemas, ficarão longe de você. Venha, *agora que* o barulho mudou de compasso. (CH)

b. Arconte: Bravo! Fala-lhe de comida! Que tolice, a minha ... quando se quer ressuscitar alguém, não se deve falar em virtude, mas de pecados: a gula, por exemplo! Fala-lhe de comida, *já que* ela é alérgica aos outros pecados. (TEG)

Para as ocorrências polissêmicas, é imprescindível acrescentar um outro fator para essa variável independente: conteúdo/epistêmico, com o intuito de dar conta de exemplos como em (14):

(14) a. Mas não tinha coragem de mudar. Precisava estar sempre enxergando o seu caminho; *agora que* conhecia a Noite Escura, sabia que não desejava andar por ela. (BRI)

b. E *já que* estamos tocando nisso... eu não queria falar mais sobre esse assunto mas, diante das circunstâncias, tenho que dizer que é melhor que você nesse momento esteja de bem com sua mulher... (PD)

As variáveis independentes que investigam a *presença de modalizadores* analisam a relação entre modalidade e questões de relevo informativo. Além disso, pretendeu-se examinar se textos de natureza diversa possuem distintos arranjos das porções de informação e selecionam diferentes tipos de modais. Em (15), nota-se a presença de modalização epistêmica, e, em (16) e (17), a presença de modalização deôntica:

(15) Já exerci quase todos os misteres deste mundo, desde o de deputado até o de cáfeten profissional, mas ainda me falta encontrar aquele que assente como uma luva ao meu temperamento profundamente humano e que talvez ainda esteja por inventar: algo assim como o de um descobridor de terras e de mares que não fosse obrigado a sair da cama, ***já que*** o ócio me parece ser a primeira das virtudes teologais. (AL)

(16) Ele tira o lenço que me protege a cabeça. O sol já não queima.
 - Feche os olhos. ***Agora que*** confia em mim, não precisa vigiar.
 - Normalmente não gosto que me toquem. (CH)

(17) Beijaram-se novamente, ele dizendo: - Fica comigo. ***Agora que*** te encontrei não posso deixar você escapular de novo.
 - Não posso. Não tem nenhuma chance de dar certo... (DD)

Com relação às variáveis independentes que determinam a *forma verbal* e o *EsCo* das orações nuclear e hipotática, a hipótese que se investigou foi a conexão entre a componente verbal e as diferentes leituras possíveis. Há estudos que confirmam que as orações hipotáticas temporais e causais têm, em geral, o verbo no modo indicativo, uma vez que as expressões veiculadas possuem um certo grau de certeza (NEVES, 2000, p.818).

Além disso, na análise dos EsCos das orações com *agora que* e *já que*, procurou-se destacar diferenças entre as perífrases, seguindo as considerações feitas por Neves (1997b) a respeito dos EsCos das construções temporais e causais.

Deve-se destacar a ausência dos fatores *infinitivo*, *gerúndio* e *particípio*, na variável *Forma verbal da oração hipotática*. Esses parâmetros foram excluídos em virtude de as perífrases serem formadas pelo complementizador QUE, o qual impossibilita a existência de formas nominais do verbo na oração temporal/causal. Nesse aspecto, *agora que* e *já que* diferenciam-se de *embora*, conjunção que ainda apresenta características de advérbio e, não raro, é acompanhada por formas verbais não-finitas.

Outro ponto investigado foi o grau de gramaticalização das construções, que coincide com o aumento de integração das orações e pode ser medido com base na determinação do tempo e do modo da oração hipotática pelo tempo e modo da oração nuclear (HOPPER e TRAUGOTT, 1993). Essa hipótese foi verificada pela análise do grupo de fatores *Correlação de igualdade/diferença da forma verbal da oração nuclear e da oração hipotática*. As ocorrências abaixo exemplificam cada um dos fatores desse grupo:

Formas verbais iguais, que poderiam ser diferentes

(18) *Agora que* to pra lá de balzaqueana, basta (*bastaria*) uma noite em claro pra me deixar podre e bolorenta. (OM)

Formas verbais iguais, que precisam ser iguais

(19) Em outra oportunidade (caso me arranjem uma outra garrafa) voltarei ainda ao mesmo assunto, que pode parecer monótono a VV. Exas., mas que para nós é vital e direi mesmo único, *já que* a morte do espírito é mil vezes mais trágica do que a morte do corpo, e que o homem privado da sua liberdade de pensar e de amar vale menos do que a sua sombra num muro... (AL)

Formas verbais diferentes, que poderiam ser iguais

(20) *Já que* estava (*está*) naquele panfleto, e *já que* acredito em sinais, achei (*acho*) oportuno reproduzi-la aqui. (HPP)

Formas verbais diferentes, que precisam ser diferentes

(21) Tudo isto, porém, ia chegar no seu devido tempo. Tinha todo o tempo do mundo, **agora que reencontrara** o seu destino, tinha alguém para ajudá-la. A Eternidade era sua. (BRI)

Além disso, para Givón (1991, p.520), “quanto mais co-temporais são dois eventos, maior é a probabilidade de eles não serem independentes um do outro”. Assim, a investigação do grupo de fator *Relação temporal* revelou a dependência temporal e a integração semântico-cognitiva das formas verbais das orações nuclear e hipotática.

O exame da *Correferencialidade do sujeito* foi também relevante na determinação do grau de integração sintática entre as orações, visto que duas proposições são consideradas mais entrelaçadas quando compartilham alguns elementos de seus significados (LEHMANN, 1988). A seguir, são ilustradas tanto a presença (22) quanto a ausência (23) de correferencialidade de sujeitos:

(22) - Faz alguns dias, entendi que o que mais perturbava minha mulher era o fato de eu ficar em silêncio. Agindo assim, eu parecia ignorá-la, distanciar-me com sentimentos virtuosos e fazê-la sentir mesquinha e inferior.

Já que a amo tanto, resolvi fingir perder a cabeça na frente de todo mundo. (HPP)

(23) Doc.: bom José Luís **agora que** você já me contou né? uma narrativa de experiência pessoal um fato que TE ocorreu eu quero que você me conte agora alguma coisa que ocorreu com alguém quer dizer não com você ²[aí] eu quero que você me diga com quem aconteceu quem te contou e também eu quero que você me conte sobre esse fato me diga quando foi quem esteve envolvido como foi certo? (AC-137)

Por fim, o fator *Subseqüência temporal entre a oração nuclear e a oração hipotática* foi importante para identificar os contextos temporais que promovem a implicatura

conversacional de causa, ocasionando a mudança semântica, ao tornar convencional o novo sentido. Segundo Givón (1976, *apud* NEVES, 2000) a relação de subseqüência temporal dos fatos é que permite a interpretação causal dos enunciados, como em (24). Em (25), ao contrário, os fatos não estão temporalmente relacionados:

(24) - Não lamento por meu amigo que hoje está no céu - respondeu o rabino.

- Lamento por mim mesmo. Enquanto todos me reverenciavam, ele me desafiava, e eu era obrigado a melhorar. **Agora que** ele se foi, tenho medo de parar de crescer. (HPP)

(25) Doc.: então né...como se faz...alguma coisa e:: eu já sei...o que é que você vai me contar como se faz eh:: pra cuidar de tanta planta **já que** parece que você tem um amor tão grande por isso... (AC-114)

Os cruzamentos de grupos de fatores foram determinados de acordo com os objetivos do trabalho. Com base nas correlações realizadas entre os grupos de fatores, pretendeu-se caracterizar as construções hipotáticas temporal, temporal-causal e causal, articuladas pelas perífrases conjuncionais *agora que* e *já que*. Essas correlações proporcionaram os resultados percentuais (análise quantitativa), examinados na análise qualitativa dos dados.

É importante pontuar que, no presente estudo, nem todas as ocorrências de *agora que* e *já que* foram consideradas. Somente os usos conjuncionais dessas locuções, como os exemplos (26) e (27), fizeram parte da análise.

(26) **Agora que** havia errado, precisava pagar um preço. (BRI)

(27) Convidei-o gentilmente a tomar uma garrafa de vinho no balcão, **já que** não dispúnhamos de muito tempo para sentar-nos. (AL)

Desse modo, exemplos similares a (28) e (29), que não são perífrases *crystalizadas*, uma vez que se pode notar, claramente, a existência de duas unidades de sentido – o advérbio (*agora* e *já*) + a partícula multifuncional QUE – não foram examinados:

(28) Vejo *agora / que* papai é diferente. (MUL)

(29) ... principalmente porque nos ensaios da banda ele num tava mais me agradan::do... no contrabaixo porque ele tocava contrabaixo... e::... fazia um tempo *já / que* a gente num tava se entendem::do sabe? (AC-035)

Nos dados escritos, para determinar essa distinção depreenderam-se os contextos sintático e semântico a que a ocorrência pertencia. Já no que se refere aos dados de fala, a entonação do enunciado contribuiu para a classificação entre advérbio e conjunção, possibilitando, *a priori*, a inclusão ou a exclusão do exemplo na amostra de dados.

3.3. Noções básicas ligadas à frequência dos itens

Segundo Bybee, a frequência de uso dos itens é um dos aspectos que favorece a mudança lingüística. Trata-se de uma força ativa no desencadeamento das mudanças que ocorrem na gramaticalização, tanto fonológicas como morfológicas e semânticas. Nessa perspectiva, a autora reconhece dois modos de apurar a frequência que são relevantes para os estudos lingüísticos: um método gera a frequência *token* e outro, a frequência *type*.

De acordo com Lyons (1977), os termos *type* e *token* foram introduzidos nos estudos semânticos pelo filósofo Peirce. Lyons afirma que *tokens* são entidades físicas únicas, situadas num lugar particular no espaço ou no tempo, e são identificadas como ocorrências do mesmo *type* em virtude da sua similaridade com outras entidades físicas únicas e também pela

sua conformidade com o *type* de que são casos particulares. Segundo o autor, a categorização de *tokens* em *types* é descrita em termos do processo de reconhecimento de padrões, em que os fatores funcionais e os padrões de identificação convencional apresentam grande importância (LYONS, 1977, p.17).

De acordo com Bybee (2003c), *token*, ou frequência textual, é a frequência de ocorrências de uma unidade, independentemente de seu valor semântico e/ou pragmático; frequência *type*, por sua vez, refere-se à frequência de dicionário de um padrão particular. A noção de frequência *type* pode ser também aplicada a construções em gramaticalização, pela contagem dos diferentes itens lexicais com os quais a construção é usada.

A autora assinala que uma propriedade notada nas construções em gramaticalização é o aumento da frequência *type*, que faz com que a frequência *token* também cresça drasticamente, desencadeando muitas mudanças na forma e função dos sintagmas em gramaticalização, além de afetar a natureza das representações cognitivas (BYBEE, 2003c, p.605).

Com base nessas considerações, procurou-se estabelecer, para os dados levantados, os dois tipos de frequência: *type* e *token*. A frequência *token* foi obtida pela contagem geral das ocorrências de cada perífrase. Para a definição de frequência *type*, considerou-se a relação semântica estabelecida entre a oração nuclear e a oração hipotática, a fim de investigar de que modo os contextos em que as perífrases conjuncionais aparecem contribuem para o seu funcionamento pragmático.

Nas tabelas abaixo, junto com a frequência de uso (*token*), apresentada em números absolutos, é ilustrada a frequência *type* dos dados analisados:

Tabela 1: Frequências *type* e *token* de “agora que”

AGORA QUE	
Frequência <i>token</i> : 63	
Frequência <i>type</i> : 3	Quantidade
i. Acepção temporal	27
ii. Acepção polissêmica entre tempo e causa	22
iii. Acepção causal	14

Tabela 2: Frequências *type* e *token* de “já que”

JÁ QUE	
Frequência <i>token</i> : 140	
Frequência <i>type</i> : 3	Quantidade
i. Acepção temporal	1
ii. Acepção polissêmica entre tempo e causa	5
iii. Acepção causal	134

4. Análise dos Dados

Para a análise quantitativa dos dados, utilizaram-se os procedimentos metodológicos da sociolinguística variacionista, que permitem um diálogo com os postulados funcionalistas, vinculados à noção de gramática emergente (HOPPER, 1987). No tocante à análise qualitativa, alguns pressupostos teóricos da gramaticalização serão retomados. É relevante ressaltar que, nesta pesquisa, a gramaticalização não é tratada no sentido estrito de evolução diacrônica, mas como a investigação da multiplicidade de significados de um determinado item, que podem ser acionados, concomitantemente, e representam uma gradualidade sincrônica.

4.1. Análise Quantitativa dos Dados

Nesta seção, apresentam-se as análises quantitativas dos dados, realizadas por meio dos grupos de fatores apresentados no terceiro capítulo. Os resultados serão descritos e interpretados com base nos pressupostos teóricos funcionalistas, que orientam os estudos sobre gramaticalização.

Na tabela abaixo, contabiliza-se o número total de ocorrências selecionadas das perífrases (frequência *token*), bem como a frequência dos diferentes tipos de relações semânticas de cada uma (frequência *type*):

Tabela 3: Número de ocorrências de *agora que* e *já que*

		AGORA QUE	JÁ QUE
FREQÜÊNCIA TYPE	Tempo	27 43%	1 1%
	Tempo / Causa	22 35%	5 4%
		Causa	14 22%
FREQÜÊNCIA TOKEN	Total	63 100%	140 100%

Os dados apresentados revelam uma maior quantidade de sentenças relacionadas por *já que* (140) do que por *agora que* (65), fato que pode ser explicado pelo estágio mais avançado em que o primeiro elemento está no processo. Isso ratifica a hipótese de Bybee (2003a), segundo a qual a frequência de uso das construções gramaticalizadas aumenta conforme a gramaticalização se desenvolve. Além disso, os elementos dêiticos, como o advérbio temporal *agora*, têm situações de uso mais restritas (ancoradas ao momento da enunciação), o que pode limitar de certo modo o emprego da perífrase *agora que*.

Deve ser ressaltado, todavia, que, ao mesmo tempo que *já que* apresenta um número maior de ocorrências, por estar em uma fase mais adiantada de gramaticalização, também concorre com outros conectores que desempenham a mesma função sintático-semântica (*porque, visto que, uma vez que*). Talvez esse fato faça com que sua frequência não seja ainda maior. A perífrase *agora que*, por sua vez, parece ser mais difícil de ter correspondência com outros conectores, visto que, em virtude de seu caráter polissêmico – 35% das ocorrências possuem uma leitura ambígua –, a troca por outra conjunção gera perda de algum traço semântico (temporal ou causal).

Além disso, o resultado apresentado na Tabela 3 evidencia que *agora que* apresenta mais ocorrências ambíguas e causais (36 casos, se somadas) do que temporais (27 casos). Isso significa que o estágio de mudança dessa perífrase está avançado e, assim como *já que*, *agora que* está gramaticalizando-se na marcação de causa.

O gráfico seguinte permite visualizar os resultados expressos na Tabela 3, representando a distribuição das ocorrências de cada perífrase nas três relações semânticas:

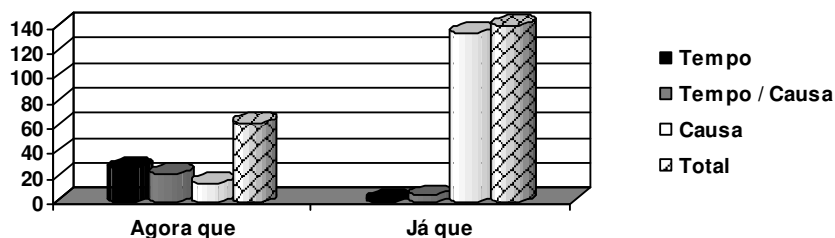


GRÁFICO 1: Ocorrências de *agora que* e *já que*

4.1.1. Posição da oração hipotática

Como aponta Neves (2000), a ordem das palavras está estritamente relacionada à distribuição da informação. Segundo a autora, essa questão é complexa quando se analisam as construções causais. Como mostra Paiva (1991), a anteposição ou a posposição da oração causal não resulta de uma escolha livre do falante entre alternativas semanticamente equivalentes; a posição é influenciada por princípios ligados à organização textual e à função desempenhada pelas duas orações, a causal e a de efeito. De acordo com Neves (1999), quando antepostas, as orações hipotáticas causais trazem a causa em função temática, representando basicamente informação compartilhada, quando pospostas, trazem a causa em função remática, representando basicamente informação nova.

Em um estudo sobre o uso das cláusulas⁵⁶ adverbiais de tempo, condição e causa, Chafe (1984, *apud* PAIVA, 1991, p.35) conclui que essas orações, quando antepostas, exercem uma função orientadora do discurso, e, na posposição, exercem uma função de

⁵⁶ Conjunto da oração núcleo com a oração hipotática que abrange, além dos aspectos sintáticos, elementos semântico-pragmáticos.

delimitação semântica, complementando a informação da oração nuclear. Neves (1999) pontua que o segmento que expressa a causa, em geral, é uma pressuposição e, portanto, constitui o fundo – a parte recessiva do significado, e a parte “causada” da construção é dominante, isto é, a figura⁵⁷.

Os resultados do exame da posição da oração hipotática das perífrases *agora que* e *já que* são informados no gráfico abaixo:

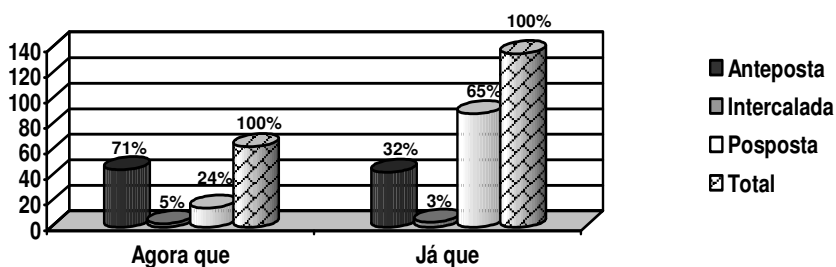


GRÁFICO 2: Posição da oração hipotática com *agora que* e *já que*⁵⁸

Nos dados investigados de *agora que*, prevaleceu a anteposição (71%), talvez pelo fato de o item fonte da perífrase conjuncional – *agora* – ser um dêitico, o que habilita a perífrase a manter a seqüência discursiva e a realizar uma referência coesiva catafórica. De acordo com Decat (1999), as orações temporais tendem a ocorrer em posição inicial e remetem para o discurso subsequente, orientando a sua interpretação. Assim, nesse novo domínio funcional, a informação que *agora que* apresenta constitui um ponto de apoio, uma espécie de moldura de referência, na qual se assenta a informação contida na oração nuclear (preferentemente nova). Segundo Braga (1999), a anteposição é a ordem não-marcada e preferida das orações temporais; em seu estudo sobre esses enunciados, a autora notou que a

⁵⁷ Dentre os recursos de que a linguagem dispõe para salientar elementos está o mecanismo de contraste figura-fundo. A oração hipotática costuma ser usada como fundo, moldura uma informação necessária à compreensão do que é relatado no núcleo (DECAT, 1999, p.312).

⁵⁸ A diferença no número total de ocorrências em relação à Tabela 3 deve-se ao fato de que, nesse grupo de fatores, foram desconsideradas as orações hipotáticas sem oração nuclear.

primeira posição representava 72% das ocorrências – porcentagem bastante semelhante à encontrada para *agora que* no presente trabalho.

Nas ocorrências de *já que* verificou-se um maior número de orações pospostas (65%)⁵⁹. Esse elemento, que marca, predominantemente, uma causalidade enunciada, possui uma função delimitadora na progressão argumentativa. Em geral, essa perífrase realiza uma referência anafórica, na ligação dos dois enunciados, retomando uma informação compartilhada para, então, fornecer-lhe a causalidade do raciocínio proposicional ou do domínio conversacional. Isso acontece porque, na progressão discursivo-argumentativa, a seqüência das orações subordina-se à escolha que o falante faz da apresentação dos fatos, ou seja, a distribuição de informação está subordinada à intenção comunicativa dos interlocutores. Assim, o fato principal – oração nuclear – tende a aparecer antes, seguido da oração causal com *já que*, que, em geral, apresenta uma informação não-compartilhada. Essa seqüência está de acordo com a iconicidade discursiva⁶⁰ das relações causais.

Deve ser destacado que, no processo de abstratização do significado: tempo > tempo/causa > causa de *agora que*, a representatividade de ocorrências antepostas dessa perífrase aumenta gradualmente: 59% > 77% > 86% (cf. Tabela 4). Desse modo, tudo indica que as ocorrências ambíguas ou causais de *agora que* mantêm, na maioria das vezes, a relação temporal, ou seja, mantêm a seqüência de como os eventos acontecem no mundo real (o que acontece antes é a causa para o que ocorre posteriormente). Além disso, nota-se que, nas 15 ocorrências pospostas de *agora que*, prevalece a leitura temporal (10 casos), enquanto apenas um caso é causal.

Por outro lado, é preciso ressaltar que 80% das ocorrências polissêmicas de *já que* são antepostas, o que contrasta com as ocorrências causais/explicativas dessa perífrase, que

⁵⁹ Segundo Sweetser (1990, p.111), com uma conjunção subordinativa como *because*, a ordem das palavras não pode ser icônica em virtude da relação assimétrica que o conector estabelece entre as orações.

⁶⁰ A ordenação consequência-causa pode ser considerada icônica no sentido de que reflete a ordem pela qual, de um efeito, deduz-se a causa (NEVES, 2000).

apresentam 68% de posposição da oração hipotática. Ademais, na única ocorrência temporal de *já que*, a oração hipotática ocorre antes da oração nuclear. Isso pode ser explicado pela noção temporal dessas ocorrências, que pressupõe uma ordem natural dos eventos na realidade: a causa antecedente o efeito. Esses resultados estão registrados na tabela a seguir, que relaciona as três relações semântico-pragmáticas com a posição da oração hipotática:

Tabela 4: Relação entre a acepção semântica e a posição da oração hipotática

	Posição da hipotática	Anteposta	Intercalada	Posposta	TOTAL
Acepção semântica					
Tempo	AGORA QUE	16 59%	1 4%	10 37%	27 100%
	JÁ QUE	1 100%	–	–	1 100%
Tempo / Causa	AGORA QUE	17 77%	1 5%	4 18%	22 100%
	JÁ QUE	4 80%	–	1 20%	5 100%
Causa	AGORA QUE	12 86%	1 7%	1 7%	14 100%
	JÁ QUE	38 29%	4 3%	88 68%	130 100%
Subtotal	AGORA QUE	45 71%	3 5%	15 24%	63 100%
	JÁ QUE	43 32%	4 3%	89 65%	136 100%
TOTAL		88	7	104	199

4.1.2. Tipo de texto

Com relação aos textos selecionados, a literatura romanesca é a que apresenta maior número de exemplos dessas perífrases, com aproximadamente o mesmo percentual de ocorrência (44% - *agora que* e 41% - *já que*), o que se confere na Tabela 5:

Tabela 5: Tipo de texto das ocorrências de *agora que* e *já que*

Tipo de texto	AGORA QUE	JÁ QUE
Romanesco	28 44%	58 41%
Dramático	19 30%	30 21%
Falado	16 25%	52 37%
TOTAL	63 100%	140 100%

No que tange aos textos dramático e falado, os resultados invertem-se, pois, dentre os exemplos de *agora que*, 30% são da literatura dramática e 25% da linguagem oral, ao passo que somente 21% das ocorrências de *já que* pertencem a textos dramáticos, e 37% a textos de fala. Outra diferença entre os textos é notada quando se atenta para a representatividade das perífrases em cada literatura. No texto dramático, ao contrário do que acontece nos outros, *agora que* apresenta um número de ocorrências não tão diferente em relação a *já que*: 19 casos, que representam 39% no total de 49 ocorrências desse tipo de literatura (cf. Tabela 6).

Correlacionando os resultados desse grupo de fatores com a variável dependente *Tipo de relação semântica entre as orações*, verificou-se que grande parte dos usos mais gramaticalizados de ambas as perífrases ocorreu em textos romanescos: 64% das orações causais com *agora que* e 43% das orações causais com *já que* pertencem a esse tipo de literatura. As ocorrências temporais de *agora que*, ao contrário, ocorrem, predominantemente, na língua falada; aliás, com *já que*, a única ocorrência de tempo é de texto oral. Além disso, destaca-se, das estatísticas abaixo explicitadas, que os textos romanescos apresentam somente orações causais de *já que*.

Tabela 6: Acepção semântica de *agora que* e *já que* nos três tipos de texto

	Tipo de texto	Romanesco	Dramático	Falado	TOTAL
Acepção semântica					
Tempo	AGORA QUE	9 33%	7 26%	11 41%	27 100%
	JÁ QUE	–	–	1 100%	1 100%
Tempo / Causa	AGORA QUE	10 45%	7 32%	5 23%	22 100%
	JÁ QUE	–	2 40%	3 60%	5 100%
Causa	AGORA QUE	9 64%	5 36%	–	14 100%
	JÁ QUE	58 43%	28 21%	48 36%	134 100%
Subtotal	AGORA QUE	28 44%	19 30%	16 25%	63 100%
	JÁ QUE	58 41%	30 21%	52 37%	140 100%
TOTAL		86	49	68	203

4.1.3. Tipo de frase

Nesse grupo de fatores, percebe-se uma estreita similaridade entre as duas perífrases. A Tabela 7 indica que *agora que* e *já que* ocorrem em porcentagens semelhantes nos quatro tipos de frase. Há um amplo domínio da asserção e pouco uso da exclamação em frases com junção realizada por essas perífrases, o que, para melhor avaliação, teria de ser submetido a uma análise mais específica, a fim de verificar se essa não é uma característica geral dos textos analisados.

Tabela 7: Tipo de frase das ocorrências de *agora que* e *já que*

Tipo de frase	AGORA QUE	JÁ QUE
Asserção	54 86%	117 84%
Interrogação	5 8%	16 11%
Exclamação	1 2%	2 1%
Injunção (ordem)	3 5%	5 4%
TOTAL	63 100%	140 100%

Como pode ser verificado na Tabela 8, as orações causais ocorrem, preferentemente, em frases assertivas – 83% das causais com *já que* e 57% das causais com *agora que* são asserções. Ademais, não foram encontrados enunciados temporais e polissêmicos de *já que* em contextos interrogativos, exclamativos ou injuntivos, nem enunciados temporais e polissêmicos de *agora que* com frases exclamativas ou injuntivas. Isso acontece porque as ocorrências de interrogação, exclamação e injunção estão, geralmente, relacionadas à explicação de atos de fala, em que as perífrases são usadas para justificar o próprio ato lingüístico e não o conteúdo da oração nuclear. Esses casos, em que a conexão das orações ocorre no nível conversacional, constituem, pois, empregos mais gramaticalizados das perífrases. Assim, nos usos mais gramaticalizados das perífrases – emprego causal – crescem os contextos de diferentes tipos de frases (cf. Tabela 8).

Tabela 8: Relação entre acepção semântica e tipo de frase das ocorrências de *agora que* e *já que*

	Tipo de frase	Asserção	Interrogação	Exclamação	Injunção (ordem)	TOTAL
Acepção semântica						
Tempo	AGORA QUE	24 89%	3 11%	–	–	27 100%
	JÁ QUE	1 100%	–	–	–	1 100%
Tempo / Causa	AGORA QUE	22 100%	–	–	–	22 100%
	JÁ QUE	5 100%	–	–	–	5 100%
Causa	AGORA QUE	8 57%	2 14%	1 7%	3 21%	14 100%
	JÁ QUE	111 83%	16 12%	2 1%	5 4%	134 100%
Subtotal	AGORA QUE	54 86%	5 8%	1 2%	3 5%	63 100%
	JÁ QUE	117 84%	16 11%	2 1%	5 4%	140 100%
TOTAL		171	21	3	8	203

Sweetser (1990) afirma que, se um enunciado é imperativo ou interrogativo na forma, então ele não pode ser ligado causalmente ao outro enunciado exceto em nível conversacional. Sob esse ponto de vista, uma construção como a temporal, que não pertence ao domínio dos atos de fala, não poderia apresentar um enunciado interrogativo. Contudo, três ocorrências temporais de *agora que* em frases interrogativas (cf. Tabela 8) contrariam essa hipótese. Nesses casos, apresentados a seguir, a perífrase conjuncional *agora que* está em um estágio muito inicial de gramaticalização, a indicação temporal está localizada ainda no advérbio *agora*, que, entretanto, é especificado pela construção com o *que* que aparece na seqüência. Uma evidência disso é que poderia haver uma pausa na fala e uma vírgula antes e depois dessa construção.

(01) – Eu estava em pânico, até o momento da prisão. **Agora que** estou nesta cela, de que adianta temer o que já aconteceu? O tempo do medo acabou; agora começa o tempo da esperança. (HPP)

(02) Volta coisa nenhuma! Como é que você pode fazer uma coisa dessas! **Agora que** a menina está entrando em contato com a realidade você quer trancá-la outra vez? (I)

(03) Doc.: tá certo... muito bom... Janaína eu queria que você falasse prá mim... desse a sua opinião... falasse um pouco... do vestibular... que que é o vestibular prá você... **agora que** você tá... éh::... num momento assim na... reta de chegada vamos dizer... prá entrar na faculdade... o que que significa isso prá você (AC-042)

Assim, as ocorrências supracitadas devem ser entendidas da seguinte forma: “eu pergunto X *agora que*...”, e não “eu pergunto X *porque*” (modo como são interpretadas as construções causais no nível conversacional). Casos como esses, em que *agora* articula orações no domínio do conteúdo e a construção com o *que* localiza no tempo a interrogação, merecem um estudo mais específico.

4.1.4. Domínios Conceituais

A tabela abaixo ilustra a distribuição das perífrases *agora que* e *já que* nos domínios conceituais propostos por Sweetser (1988, 1990). Um outro domínio foi acrescentado, o híbrido de *conteúdo/epistêmico*, a fim de classificar as ocorrências polissêmicas das perífrases, as quais refletem a imprecisão de limites entre o domínio do conteúdo e o epistêmico.

Tabela 9: Domínios conceituais de *agora que* e *já que*⁶¹

Domínios conceituais	AGORA QUE	JÁ QUE
Conteúdo	28 44%	28 21%
Conteúdo/ Epistêmico	22 35%	4 3%
Epistêmico	6 10%	64 47%
Atos de fala	7 11%	39 29%
TOTAL	63 100%	135 100%

Com a perífrase *agora que*, predomina o domínio do conteúdo (44%), em virtude da preservação do significado temporal, mais concreto, em muitas ocorrências dessa locução. A perífrase conjuncional *já que*, por sua vez, possui maior número de ocorrências no domínio epistêmico (47%), o que se relaciona com o fato de essa locução marcar, preferentemente, a razão de uma crença ou conclusão do falante. Em segundo lugar, está o domínio conversacional (29%), em virtude da atestada função argumentativa e discursiva (introdução da explicação de um ato de fala) dessa perífrase.

Além disso, todas as ocorrências temporais de *agora que* e *já que* pertencem ao domínio do conteúdo – conferir Tabela 10 –, o que corrobora as postulações de Sweetser (1991), segundo a qual os eventos do mundo real, as relações mais referenciais estão nesse domínio mais concreto, e de Dik (1997), que reserva para as relações temporais a camada da predicação, correspondente ao domínio do conteúdo⁶².

Observou-se também que os domínios epistêmico e conversacional só possuem enunciados causais, fato que confirma o grau mais avançado de gramaticalização dessa relação semântica em comparação à temporal. Na tabela abaixo, estão detalhados os resultados da relação entre a acepção semântica das perífrases e os domínios conceituais:

⁶¹ A diferença no número total de ocorrências em relação à Tabela 3 deve-se ao fato de que, nesse grupo de fatores, foram desconsideradas as orações hipotáticas sem oração nuclear.

⁶² Conferir essa correlação entre os domínios conceituais e as camadas de estruturação da frase no capítulo 2, na seção 4.

Tabela 10: Relação entre os domínios conceituais de *agora que* e *já que* e a acepção semântica das orações

	Acepção semântica	Tempo	Tempo / Causa	Causa	TOTAL
Domínios conceituais					
Conteúdo	AGORA QUE	27 96%	–	1 4%	28 100%
	JÁ QUE	1 4%	1 4%	26 93%	28 100%
Conteúdo/ Epistêmico	AGORA QUE	–	22 100%	–	22 100%
	JÁ QUE	–	4 100%	–	4 100%
Epistêmico	AGORA QUE	–	–	6 100%	6 100%
	JÁ QUE	–	–	64 100%	64 100%
Atos de fala	AGORA QUE	–	–	7 100%	7 100%
	JÁ QUE	–	–	39 100%	39 100%
Sub-total	AGORA QUE	27 43%	22 35%	14 22%	63 100%
	JÁ QUE	1 1%	5 4%	129 96%	135 100%
TOTAL		28	27	143	198

Sweetser (1990), em seu estudo sobre *since*, comenta que essa conjunção é preferencialmente não usada no domínio o conteúdo, em virtude do caráter pressupositional do conector causal; para ela, existe uma forte relação entre o material pressuposto ou dado/informado e o uso no domínio do não-conteúdo. Os dados na tabela a seguir mostram que as perífrases conjuncionais *agora que* e *já que* comportam-se de maneira semelhante ao *since*. É pequena a porcentagem de ocorrências causais dessas locuções no domínio do conteúdo (7% – *agora que* e 20% – *já que*), sendo que a maioria das ocorrências causais pertence aos domínios epistêmico e conversacional (93% – *agora que* e 80% – *já que*).

Tabela 11: Relação entre acepção semântica e os domínios conceituais de *agora que* e *já que*

	Domínios conceituais	Conteúdo	Conteúdo / Epistêmico	Epistêmico	Atos de fala	TOTAL
Acepção semântica						
Tempo	AGORA QUE	27 100%	–	–	–	27 100%
	JÁ QUE	1 100%	–	–	–	1 100%
Tempo / Causa	AGORA QUE	–	22 100%	–	–	22 100%
	JÁ QUE	1 20%	4 80%	–	–	5 100%
Causa	AGORA QUE	1 7%	–	6 43%	7 50%	14 100%
	JÁ QUE	26 20%	–	64 50%	39 30%	129 100%
Sub-total	AGORA QUE	28 44%	22 35%	6 10%	7 11%	63 100%
	JÁ QUE	28 21%	4 3%	64 47%	39 29%	135 100%
TOTAL		56	26	70	46	198

4.1.5. Presença de modalizadores na oração nuclear e na oração hipotática

Nas ocorrências de *agora que* e *já que* analisadas, notou-se que os falantes utilizam pouco a modalização explícita nas construções complexas unidas por essas perífrases conjuncionais. Na oração nuclear, a presença de modalizadores deônticos – para transmitir uma promessa, um conselho ou uma ordem – é mais frequente. Já na oração hipotática, o resultado inverte-se e a modalização epistêmica – para expressar uma crença ou uma opinião – prevalece. A Tabela 12 apresenta as porcentagens obtidas e expõe o inexpressivo uso de verbos modais, principalmente, em ocorrências com *agora que*:

Tabela 12: Presença de modalizadores nas orações nuclear e hipotática das construções com *agora que* e *já que*

Modalizadores		AGORA QUE	JÁ QUE
Oração Nuclear	Epistêmico	3 25%	14 45%
	Deontico	9 75%	17 55%
	Subtotal	12 100%	31 100%
Oração Hipotática	Epistêmico	2 100%	15 60%
	Deontico	–	10 40%
	Subtotal	2 100%	25 100%
TOTAL		14	56

O pouco uso da modalização explícita em construções com *agora que* talvez se deva ao estágio não tão avançado dessa locução no processo de gramaticalização. Em estágios mais incipientes de mudança, as construções ainda estão baseadas em situações mais concretas e os falantes, em geral, expressam suas avaliações ou crenças com menor frequência.

Examinou-se também se textos de natureza diversa possuem distintos arranjos das porções de informação, selecionando diferentes tipos de modais. Contudo, não foram encontrados resultados relevantes e confiáveis para a presente pesquisa, em virtude do número reduzido de *tokens* por célula. Desse modo, esse grupo de fatores e os cruzamentos que dele se originaram não foram de grande valia para este estudo.

4.1.6. Forma verbal da oração nuclear e da oração hipotática

As Tabelas 13 e 14 apresentam as formas verbais encontradas na oração nuclear e na oração hipotática de construções articuladas por *agora que* e *já que*:

Tabela 13: Forma verbal da oração nuclear de *agora que* e *já que*⁶³

Forma Verbal da Oração Nuclear	AGORA QUE	JÁ QUE
Presente do Indicativo	35 55%	58 43%
Presente do Subjuntivo	1 2%	1 1%
Pretérito Perfeito do Indicativo	5 8%	24 17%
Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo	–	2 2%
Pretérito Imperfeito do Indicativo	12 19%	20 14%
Pretérito Imperfeito Subjuntivo	–	1 1%
Futuro do Presente do Indicativo	5 8%	13 9%
Futuro do Pretérito do Indicativo	2 4%	8 6%
Futuro do Subjuntivo	–	1 1%
Imperativo	3 4%	6 5%
Gerúndio	–	1 1%
TOTAL	63 100%	135 100%

Tabela 14: Forma verbal da oração hipotática de *agora que* e *já que*

Forma Verbal da Oração Hipotática	AGORA QUE	JÁ QUE
Presente do Indicativo	27 43%	71 51%
Pretérito Perfeito do Indicativo	27 43%	33 24%
Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo	3 5%	9 6%
Pretérito Imperfeito do Indicativo	6 9%	23 16%
Futuro do Presente do Indicativo	–	1 1%
Futuro do Pretérito do Indicativo	–	3 2%
TOTAL	63 100%	140 100%

⁶³ A diferença no número total de ocorrências em relação à Tabela 3 deve-se ao fato de que, nesse grupo de fatores, foram desconsideradas as orações hipotáticas sem oração nuclear.

Em primeiro lugar, a diferença que se nota entre *já que* e *agora que* é a maior diversidade de formas verbais com a locução *já que*, tanto na oração nuclear quanto na oração hipotática. A semelhança mais nítida entre as perífrases é a prevalência do presente do indicativo – tempo e modo característicos de orações causais⁶⁴ – nos dois tipos oracionais.

Ao analisar comparativamente a forma verbal da *oração nuclear* e da *oração hipotática* nos exemplos da perífrase *agora que*, percebe-se uma diferença nos resultados. Na oração nuclear, depois do presente do indicativo (55%), a forma verbal que mais ocorre é o pretérito imperfeito do indicativo (19%), o que configura o caráter durativo, não-pontual desses contextos. Na oração hipotática, por outro lado, as ocorrências com o pretérito imperfeito correspondem a apenas 9% do total e a forma verbal que aparece em segundo lugar é o pretérito perfeito do indicativo (41%). No que se refere à forma verbal da *oração nuclear* e da *oração hipotática* nas ocorrências de *já que*, não há uma discrepância tão nítida como a observada com *agora que*.

Para esses dois grupos de fatores, foram encontradas diversas correlações modo-temporais, especialmente com a perífrase *já que* (28 correlações)⁶⁵. A correlação mais freqüente com ambas as perífrases foi presente do indicativo na nuclear – presente do indicativo na hipotática (21 casos com *agora que* e 41 casos com *já que*). Em seguida, está a correlação: presente do indicativo na nuclear – pretérito perfeito do indicativo na hipotática (14 casos com *agora que* e 13 casos com *já que*). Esses resultados estão de acordo com as postulações de Neves (1999, 2000), segundo as quais as correlações de tempos verbais mais encontradas nas construções temporais e causais são no modo indicativo.

⁶⁴ Neves (2000) pontua que o indicativo é o modo voltado para expressar causa, pois, em geral, a oração causal consiste em uma proposição com certo grau de certeza.

⁶⁵ As tabelas para o cruzamento desses grupos de fatores não foram expostas em virtude do grande tamanho, que não facilita a leitura.

4.1.7. Correlação de igualdade/diferença da forma verbal da oração nuclear e da oração hipotática.

Com o avanço no processo de gramaticalização, há o aumento de integração das construções, que pode ser investigado com base na igualdade/diferença entre o tempo e o modo da oração nuclear – aspectos morfológicos – e o tempo e o modo da oração hipotática. Gonçalves (2001), em um estudo sobre as orações subjetivas, utilizou-se desse parâmetro para explicitar o grau de entrelaçamento entre a matriz e a encaixada finitas – indicativo do seu estágio de gramaticalização.

Os dados da Tabela 15 apontam que, para grande parte dos enunciados articulados pelas duas perífrases estudadas, o tempo e modo da oração nuclear e da oração hipotática precisam ser diferentes:

Tabela 15: Correlação de igualdade/diferença das formas verbais

Correlação de igualdade/diferença da forma verbal da oração nuclear e da oração hipotática	AGORA QUE	JÁ QUE
São iguais, mas poderiam ser diferentes	16 25%	30 22%
São iguais e precisam ser iguais	14 22%	25 19%
São diferentes, mas poderiam ser iguais	8 13%	33 24%
São diferentes e precisam ser diferentes	25 40%	47 35%
TOTAL	63 100%	135 100%

Gonçalves (2001) elabora um esquema que apresenta o grau de entrelaçamento a partir das correlações possíveis:

CORRELAÇÃO TEMPO E MODO	GRAU DE ENTRELAÇAMENTO
Igualdade necessária	Forte
Igualdade não-necessária (possibilidade de diferença)	Médio
Diferença necessária	Fraco

Considerando-se essa proposta, nota-se que há indício de fraco entrelaçamento entre as orações nuclear e hipotática, haja vista que 40% das construções com *agora que* e 35% das construções com *já que* apresentam formas verbais necessariamente diferentes. É preciso destacar também que apenas 19% das construções com *já que* – perífrase que está mais gramaticalizada em relação a *agora que* – apresentam igualdade nessa correlação, o que reforça a idéia da fraca integração e contraria a relação entre maior integração e estágio mais avançado de gramaticalização. Assim, essa variável não pode ser usada como um parâmetro capaz de validar empiricamente a hipótese inicial deste estudo.

De acordo com Neves e Braga (1998), inexistente uma relação biunívoca entre o tempo e o modo das orações que constituem o enunciado. Não há, portanto, igualdade necessária entre as formas verbais da nuclear e da hipotática, sendo que a explicação para a relação modo-temporal deve ser enriquecida com outras informações, como o tipo de conectivo, a posição etc.

4.1.8. Relação Temporal

Para verificar o entrelaçamento entre a oração nuclear e a hipotática, uma hipótese mais precisa é a análise da integração semântico-cognitiva dos conteúdos das orações.

De acordo com Givón (1990), um dos fatores mais relevantes para a integração gramatical de um complemento oracional a uma oração matriz é a referência temporal entre os eventos expressos em cada uma delas. O autor pontua que “*the more co-temporal two events are, the higher is the probability that they are not independent of each other*”⁶⁶

⁶⁶ Quanto mais co-temporais são dois eventos, maior é a probabilidade de eles não serem independentes um do outro.

(GIVÓN, 1990, p.520). Desse modo, a dependência temporal entre esses eventos revela uma maior integração semântico-cognitiva entre as duas orações.

Souza (2007) estende a discussão proposta por Givón⁶⁷ e afirma que co-temporalidade corresponde à seqüência prospectiva de realização dos eventos, em que o evento da completiva ocorre em momento posterior ao do evento codificado na oração matriz. Ainda que Givón tenha formulado o postulado supracitado para tratar de construções encaixadas, nesta pesquisa ele é utilizado para descrever as construções hipotáticas temporal e causal.

Segundo Souza (2007), é plausível que eventos temporalmente simultâneos também sejam considerados eventos co-temporais, dado que suas referências temporais são tão, ou mais, co-dependentes que os casos de eventos prospectivos, analisados por Givón. Assim, a autora, com base nos postulados de Givón, estabelece também como eventos co-temporais as seqüências temporais simultâneas, cujos eventos são dependentes e integrados semanticamente.

Em A e B, são apresentados os tipos de seqüência temporal que possuem eventos mais dependentes semanticamente⁶⁸. Já as relações em C consistem em seqüências não co-temporais, indicativas de menor dependência semântica. Para exemplificar cada seqüência, citam-se ocorrências das perífrases conjuncionais estudadas:

A) Seqüências temporais prospectivas

(i) Presente na nuclear – Futuro (do pretérito) na hipotática

(04) Esse Príncipe Danilo, que para mim não é príncipe e muito menos o da Viúva Alegre, é uma das novas relações que fiz no agora chamado Pátio dos

⁶⁷ Givón (1990) estudou as orações encaixadas, cujo predicado matriz é do tipo manipulativo e implicativo.

⁶⁸ Toda essa explanação foi baseada na pesquisa realizada por Souza (2007) a respeito das orações completivas introduzidas por *se*.

Milagres (quem ali está só o pode ser por um milagre, ***já que*** deveria estar no cemitério, que é o destino que aqui a todos nos espera). (AL)

(ii) Passado na nuclear – Futuro (do pretérito) na hipotática

(05) ... acendi um charuto e saí a rodar discretamente pelo bairro, para tomar posição e ver se descobria em que país afinal me encontro, ***já que*** não me ficaria bem perguntar essas coisas ao dono do hotel ou ao primeiro transeunte que encontrasse. (AL)

B) Sequências temporais simultâneas

(i) Presente na nuclear – Presente na hipotática

(06) Nunca vendi antes um cadáver, em toda a minha vida, nem mesmo nos piores tempos de guerra, e não tenho base segura para julgar do valor da minha mercadoria, ***agora que*** a tenho em mãos e para pronta entrega. (AL)

(ii) Futuro na nuclear – Futuro na hipotática

(07) É de ver a alegria com que se atiram à triste comida de sempre – feijão, arroz e um que outro ensopado de carne com batatas – ou, nas horas de recreio, o entusiasmo com que se ouvem mutuamente e sobretudo a si mesmos, sobre assuntos que em geral lhes deveriam interessar muito pouco, ***já que*** estão para morrer de uma hora para outra. (AL)

(iii) Passado na nuclear – Passado na hipotática

(08) ... aí depois ele voltou e contou pra gente tudo que tinha acontecido lá que tava bem legal que tava lotado os *shows* tinha muita gente tinha vários artistas que foi a me/ a maior festa que ele foi que ele gostou muito e que ele falou que todo ano ele vai ***agora que*** ele gostou bastante ... (AC-037)

C) Sequências não co-temporais

(i) Passado na nuclear – Passado anterior na hipotática

(09) O Mago pediu que Brida encerrasse o ritual, ***já que*** ela havia começado.
Brida pronunciou as palavras que sabia, e ele ajudou. (BRI)

(ii) Presente na nuclear – Passado na hipotática

(10) ... foi meio difícil na época né?... aí ***agora que*** eu já aprendi tudo né? as
pessoas chega lá na loja é muito mais fácil de atender né? (AC-069)

(iii) Futuro na nuclear – Presente na hipotática

(11) Sei que esta lembrança vai lhe causar uma grande surpresa, ***já que*** você não
tem notícias minhas há tantos anos. Saiba, no entanto, que jamais esqueci a data de
seu aniversário. (DD)

(iv) Futuro na nuclear – Passado na hipotática

(12) Essas meninas só vão no pau. ***Agora que*** tomaram o freio nos dentes... vai
ser difícil quietá-las. (US)

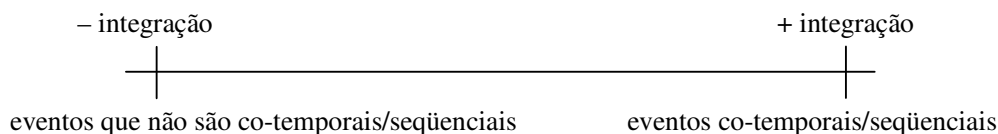
(v) Passado na nuclear – Presente na hipotática

(13) ... porque ela não sentava pra assistir televisão não... ela ***agora que*** ela senta
tem uns programinhas muito bons assim na:... TV por assinatura... (AC-134)

É preciso ressaltar que nem sempre a forma flexional do verbo corresponde à perspectiva temporal do evento, pelo fato de tratar-se de um grupo de fatores de base semântico-cognitiva (SOUZA, 2007). No exemplo (14) em seguida, apesar de o verbo da oração nuclear estar em forma de presente do indicativo, a perspectiva é futura, e a construção pode ser compreendida da seguinte forma: “*Já que não pode ficar, quando você vai voltar?*”.

(14) – ***Já que*** não pode ficar, quando volta? (CH)

A escala abaixo, recortada de Souza (2007, p.124), esclarece a relação entre co-temporalidade e integração semântico-cognitiva:



As construções com eventos co-temporais são mais integradas e, portanto, mais gramaticalizadas em comparação a construções com eventos não co-temporais. Os resultados da tabela abaixo corroboram a hipótese inicial desta pesquisa, que atribui a *já que* um grau mais avançado de gramaticalização em relação a *agora que*. Os dados revelam que a perífrase *agora que* apresenta 48% de ocorrências com seqüências co-temporais, ao passo que *já que* apresenta 53% de ocorrências com seqüências co-temporais.

Tabela 16: Relação temporal entre a oração nuclear e a oração hipotática das construções com *agora que* e *já que*⁶⁹

	Relação temporal	AGORA QUE	JÁ QUE
Seqüências co-temporais	Presente – Futuro	–	1 1%
	Passado – Futuro (do pretérito)	–	1 1%
	Presente – Presente	20 32%	40 30%
	Futuro – Futuro	–	3 2%
	Passado – Passado	10 16%	26 19%
	Subtotal	30 48%	71 53%
Seqüências não co-temporais	Passado – Passado anterior	3 5%	6 4,5%
	Presente – Passado	14 22%	14 10%
	Futuro – Presente	3 5%	20 15%
	Futuro – Passado	9 14%	18 13%
	Passado – Presente	4 6%	6 4,5%
	Subtotal	33 52%	64 47%
TOTAL		63 100%	135 100%

⁶⁹ A diferença no número total de ocorrências em relação à Tabela 3 deve-se ao fato de que, nesse grupo de fatores, foram desconsideradas as orações hipotáticas sem oração nuclear.

No entanto, a análise dessa variável aponta para a conclusão de que o grau de integração das construções com *agora que* e *já que* não é tão diferente, apesar dos distintos estágios de gramaticalização de cada perífrase conjuncional.

4.1.9. Tipo de estados-de-coisas da oração nuclear e da oração hipotática

Chafe (1979) pontua que a natureza do verbo determina como será o restante da oração, quais os nomes que o acompanharão e qual a relação semântica entre eles. Ele divide as estruturas semânticas das orações em: *estados*, *processos* e *ações*.⁷⁰

Para Dik (1997), entretanto, a natureza semântica de toda a predicação é co-determinada pela natureza dos argumentos e satélites com os quais o predicado combina. Assim, a tipologia de estados-de-coisas é uma função composta das propriedades semânticas tanto dos predicados quanto dos termos. Os parâmetros mais importantes para essa análise são [\pm din] [\pm con] e [\pm tel].

Relacionando as propostas de Chafe e Dik, obtêm-se as seguintes equivalências:

CHAFE	DIK
Estado [-din]	Estado [-din] [-com]
	Posição [-din] [+con]
Processo [+din] [-con]	Dinamismo [+din] [-con] [-tel]
	Mudança [+din] [-con] [+tel]
Ação [+din] [+con]	Atividade [+din] [+con] [-tel]
	Realização [+din] [+con] [+tel]

QUADRO 15: Natureza semântica das predicções

⁷⁰ Essa tipologia foi fundamental para a análise dos dados, pois contribuiu para o entendimento dos estados-de-coisas propostos por Dik (1997).

Nesta pesquisa, a classificação dos enunciados interrogativo, exclamativo e injuntivo é baseada na contraparte declarativa da sentença, a fim de que os traços semânticos sejam apreendidos. Nas tabelas a seguir, é possível observar os tipos de predicação das construções com *agora que* e *já que*:

Tabela 17: Estados-de-coisas da oração nuclear de construções com *agora que* e *já que*⁷¹

Estados de Coisas da Oração Nuclear	AGORA QUE	JÁ QUE
Realização [+din] [+con] [+tel]	4 6%	14 10%
Atividade [+din] [+con] [-tel]	24 38%	34 25%
Mudança [+din] [-con] [+tel]	–	14 10%
Dinamismo [+din] [-con] [-tel]	–	9 7%
Posição [-din] [+con]	25 40%	47 35%
Estado [-din] [-con]	10 16%	17 13%
TOTAL	63 100%	135 100%

Tabela 18: Estados-de-coisas da oração hipotática com *agora que* e *já que*

Estados de Coisas da Oração Hipotática	AGORA QUE	JÁ QUE
Realização [+din] [+con] [+tel]	25 40%	26 19%
Atividade [+din] [+con] [-tel]	9 14%	12 9%
Mudança [+din] [-con] [+tel]	6 10%	16 11%
Dinamismo [+din] [-con] [-tel]	1 2%	6 4%
Posição [-din] [+con]	17 27%	34 24%
Estado [-din] [-con]	5 8%	46 33%
TOTAL	63 100%	140 100%

⁷¹ A diferença no número total de ocorrências em relação à Tabela 3 deve-se ao fato de que, nesse grupo de fatores, foram desconsideradas as orações hipotáticas sem oração nuclear.

Os resultados registrados nas tabelas acima revelam os comportamentos distintos de *agora que* e *já que* no que tange ao tipo de predicação, refletindo os diferentes estágios de mudança de cada perífrase. Ademais, as frequências obtidas, principalmente as das orações hipotáticas, corroboram os resultados da pesquisa de Neves (1997b) sobre as construções causais e as temporais. Nesse estudo, a autora ressalta algumas distinções entre os dois grupos, dentre elas:

- a) as temporais têm mais predicções de Atividade que de Estado;
- b) as temporais têm maioria de predicções com o traço [+dinamismo];
- c) as temporais têm maioria de predicções com traço [+controle];
- d) nas temporais a prevalência de predicções com traço [–télico] é menor que nas outras.

A perífrase *agora que* desempenha funções ainda ligadas às construções temporais, visto que há mais predicções de Atividade (14%) do que predicções de Estado (8%), na oração hipotática. Além disso, prevalecem os predicados com o traço [+con] (84% – oração nuclear e 81% – oração hipotática) e [+din] (66% – oração hipotática). A locução *já que*, por sua vez, comporta-se, claramente, como um conector causal, uma vez que a maioria das predicções da oração hipotática apresenta o traço [–din] (57%), e 70% das formas verbais não são ligadas à telicidade.

Além disso, grande parte das orações hipotáticas com *agora que* são de Realização (40%), ou seja, com dinamismo, com controle do sujeito e com telicidade. O número expressivo do EsCo Realização nas orações hipotáticas com *agora que* pode ser explicado, principalmente, pelo uso freqüente do pretérito perfeito do indicativo, que implica orações com o traço [+tel]. Por outro lado, com a perífrase *já que*, há grande número de predicções de Estado (33%) na oração hipotática. Segundo Neves (1997b), nas construções causais,

prevalece esse tipo de predicação, sem dinamismo e sem controle do sujeito. Assim, encontra-se uma correlação entre essa porcentagem e o grau mais avançado de gramaticalização dessa perífrase conjuncional.

Os EsCos da oração nuclear e da oração hipotática das duas perífrases foram correlacionados: *já que* apresentou 31 correlações e *agora que*, 18 combinações, como pode ser verificado na tabela abaixo:

Tabela 19: Correlação dos estados-de-coisas da oração nuclear e da oração hipotática em construções com *agora que* e *já que*

		Oração Nuclear						
		Realização	Atividade	Mudança	Dinamismo	Posição	Estado	
Oração Hipotática	Realização	Agora que	2	10	–	–	11	2
		Já que	4	5	3	1	11	–
	Atividade	Agora que	1	4	–	–	3	1
		Já que	1	2	2	1	6	–
	Mudança	Agora que	–	3	–	–	3	–
		Já que	1	7	1	2	4	1
	Dinamismo	Agora que	–	–	–	–	–	1
		Já que	–	1	2	–	3	–
	Posição	Agora que	1	6	–	–	7	3
		Já que	3	10	1	4	13	2
	Estado	Agora que	–	1	–	–	1	3
		Já que	5	9	5	1	10	14

As correlações mais freqüentes foram: Estado na nuclear – Estado na hipotática para *já que* (14 casos) e Posição na nuclear – Realização na hipotática para *agora que* (11 casos). Em seguida, está a correlação: Posição na nuclear – Posição na hipotática para *já que* (13 casos) e Atividade na nuclear – Realização na hipotática para *agora que* (10 casos).

Observa-se que as duas combinações mais comuns nas construções com *já que* são de predicções com o mesmo tipo de estados-de-coisas nas duas orações (Estado-Estado e Posição-Posição – predicções marcadas pela ausência de telicidade). Isso denota a forte integração semântica dos enunciados e confirma o estágio mais adiantado o processo de mudança dessa perífrase.

4.1.10. Correferencialidade do sujeito

A análise da correferencialidade do sujeito é relevante para o exame do grau de integração sintática das construções causais, posto que, de acordo com Lehmann (1988), os enunciados são considerados mais entrelaçados quando compartilham alguns elementos de seu significado, como o sujeito oracional. Além disso, a investigação do grau de integração reflete o estágio de mudança, pois quanto maior a integração entre a oração hipotática e a nuclear, mais avançado o processo de gramaticalização (HOPPER & TRAUGOTT, 1993).

Os resultados apresentados no Gráfico 3 apontam que, em construções com *agora que*, há a prevalência da correferencialidade do sujeito (60%). O mesmo não acontece com as orações unidas por *já que*, as quais possuem sujeitos distintos na grande maioria dos casos (70%). Esses números contrariam as expectativas para esse grupo de fatores, visto que o esperado era que *já que* apresentasse maior correferencialidade de sujeitos, dada a correlação: + correferencialidade → + integração → + gramaticalização.

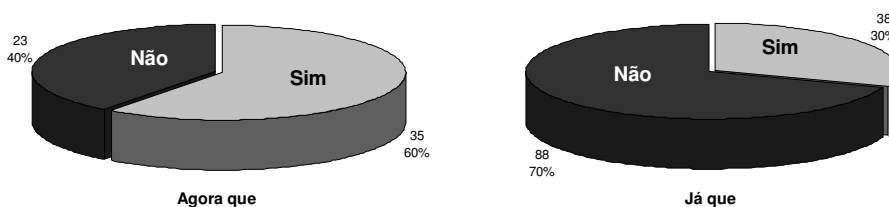


GRÁFICO 3: Correferencialidade do sujeito nas construções com *agora que* e com *já que*

Analisando os dados da perífrase *agora que*, nota-se um aumento da correferencialidade do sujeito na passagem de tempo > causa, sendo que 58% das orações temporais compartilham o mesmo sujeito da oração nuclear e em 71% das construções causais há correferencialidade. Com *já que*, apenas as ocorrências causais têm orações com sujeitos

idênticos (32%), porcentagem que reflete o predomínio da não-correferencialidade no total de ocorrências dessa perífrase. Essas porcentagens estão detalhadas na tabela abaixo:

Tabela 20: Relação entre as acepções semânticas de *agora que* e *já que* e a correferencialidade do sujeito⁷²

Correferencialidade do sujeito		Sim	Não	TOTAL
Acepção semântica				
Tempo	AGORA QUE	14 58%	10 42%	24 100%
	JÁ QUE	–	1 100%	1 100%
Tempo / Causa	AGORA QUE	11 55%	9 45%	20 100%
	JÁ QUE	–	5 100%	5 100%
Causa	AGORA QUE	10 71%	4 24%	14 100%
	JÁ QUE	38 32%	82 68%	120 100%
Subtotal	AGORA QUE	35 60%	23 40%	58 100%
	JÁ QUE	38 30%	88 70%	126 100%
TOTAL		73	111	184

4.1.11. Subseqüência Temporal

O princípio de temporalidade, relacionado à noção de causa, prevê que os fatos se dispõem num eixo de anterioridade / posterioridade (PAIVA, 1991). Segundo Givón (1976, *apud* NEVES, 2000), a apreensão de relações causais liga-se à dimensão temporal dos eventos. Assim, o princípio de subseqüência temporal prediz que a noção de tempo influencia a ordenação dos enunciados causais, refletindo a relação natural e icônica dos fatos.

⁷² Na análise desse grupo de fatores, foram desconsideradas as orações hipotáticas sem oração nuclear e construções com uma das orações sem sujeito.

Os resultados para esse grupo de fatores são expressos a seguir:

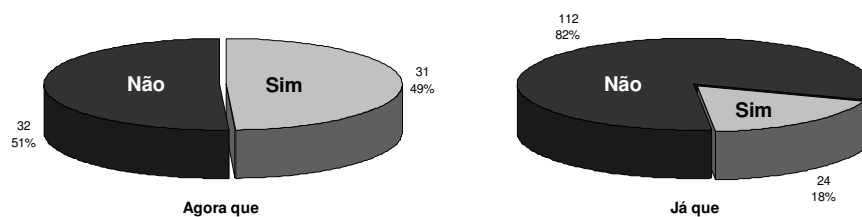


GRÁFICO 4: Subseqüência temporal de *agora que* e *já que*⁷³

Confere-se, no gráfico acima, que as orações unidas pelo conectivo *já que* não expressam, preferentemente, a subseqüência temporal (18%). Talvez isso ocorra pelo fato de essa locução estar em estágio mais avançado de gramaticalização, no qual as relações, em sua maioria, são causais do domínio epistêmico e conversacional. Nesses domínios, *já que* articula relações mais abstratas, tais como as avaliações subjetivas do falante e as explicações de atos de fala, que não se restringem à seqüência temporal dos eventos.

Além disso, pode-se afirmar que a perífrase *já que* assume muitas vezes atributos de um coesivo anafórico e adquire função argumentativa, ao retomar o que já foi enunciado. Por esse motivo, em geral, ao explicar um evento, um fato possível ou um ato de fala já apresentados, a perífrase inverte a seqüência icônica causa-conseqüência dos eventos, o que torna mais rara a subseqüência temporal.

No que se refere aos resultados de *agora que*, vale ressaltar a pequena diferença entre as porcentagens dos fatores *sim* (49%) e *não* (51%). A subseqüência temporal não é maior porque, na enunciação (instância em que o item fonte *agora* atua), não se estabelece referência temporal entre as duas porções oracionais; nessa instância, cada momento é um novo momento de fala, já que a enunciação é única⁷⁴.

⁷³ A diferença no número total de ocorrências em relação à Tabela 3 deve-se ao fato de que, nesse grupo de fatores, foram desconsideradas as orações hipotáticas sem oração nuclear.

⁷⁴ Sobre esse assunto, Fiorin (2001 *apud* NEVES, 1998) traz considerações de Santo Agostinho, para quem o presente não existe, pois ele corre enquanto falamos.

Os dados apresentados na Tabela 21 indicam que, nas ocorrências de *agora que*, há um aumento da porcentagem de subsequência temporal à medida que o significado se torna mais abstrato: tempo (33%), tempo / causa (50%) e causa (79%). Isso contraria o que era esperado no processo de abstratização do significado, ou seja, a diminuição da porcentagem de subsequência.

Com *já que*, as construções que apresentam subsequência temporal são todas causais (24 casos) e a representatividade de não-subsequência diminui na passagem de tempo (100%) > tempo/causa (100%) > causa (81%), o que é verificado na tabela em sequência:

Tabela 21: Relação entre as acepções semânticas de *agora que* e *já que* e a subsequência temporal

		Subsequência temporal	Sim	Não	TOTAL
Acepção semântica					
Tempo	AGORA QUE		9 33%	18 67%	27 100%
	JÁ QUE		–	1 100%	1 100%
Tempo / Causa	AGORA QUE		11 50%	11 50%	22 100%
	JÁ QUE		–	5 100%	5 100%
Causa	AGORA QUE		11 79%	3 21%	14 100%
	JÁ QUE		24 18%	106 82%	130 100%
Sub-total	AGORA QUE		31 49%	32 51%	63 100%
	JÁ QUE		24 18%	112 82%	136 100%
TOTAL			55	144	199

Para Paiva (1991), ações sequenciais estão dispostas em um eixo de anterioridade / posterioridade mais perceptível – em relação às ações não-sequenciais – e vinculam-se a noções temporais. Por esse motivo, a autora presume que construções causais que envolvem

subseqüência temporal apresentam a oração hipotática anteposta. Essa conjectura foi verificada na presente pesquisa, por meio do cruzamento com o grupo de fatores *Posição da oração hipotática*, obtendo-se os seguintes resultados:

Tabela 22: Relação entre subseqüência temporal e a posição da oração hipotática

	Posição da hipotática	Anteposta	Intercalada	Posposta	TOTAL
Subseqüência temporal					
Sim	AGORA QUE	25 81%	2 6%	4 13%	31 100%
	JÁ QUE	14 58%	1 4%	9 38%	24 100%
Não	AGORA QUE	20 63%	1 3%	11 34%	32 100%
	JÁ QUE	29 26%	3 3%	80 71%	112 100%
Subtotal	AGORA QUE	45 71%	3 5%	15 24%	63 100%
	JÁ QUE	43 32%	4 3%	89 65%	136 100%
TOTAL		88	7	104	199

Os dados acima corroboram a hipótese, haja vista a porcentagem de ocorrências com subseqüência temporal que têm, na primeira posição, a oração hipotática: 81% – *já que* e 58% – *agora que*.

Por outro lado, ainda de acordo com Paiva (1991), em enunciados que não implicam subseqüência temporal, como a maioria dos exemplos apresentados no Tabela 22, é maior a probabilidade de posposição de cláusulas causais. Mais uma vez, o pressuposto de Paiva (1991) é válido para a análise da correlação desses grupos de fatores. Na maioria das construções de *já que* que não envolvem subseqüência temporal (71%), a oração hipotática aparece em seguida da oração nuclear, posição característica das orações causais. O mesmo não acontece com as ocorrências de *agora que*, visto que 63% dos casos de não-subseqüência têm a ordem: hipotática – nuclear. Desse modo, a análise dessa variável aponta mais uma vez

para a conclusão de que as construções com *já que* estão mais gramaticalizadas em relação às construções com *agora que*.

4.2. Análise Qualitativa dos Dados

Como já mencionado na fundamentação teórica, muitos critérios, parâmetros e fatores têm sido propostos para aferir o grau em que a gramaticalização atinge um determinado item. Hopper (1991) estudou os estágios mais incipientes, menos acessíveis, do processo, e propôs cinco princípios que investigam a base para a emergência das unidades gramaticais: *estratificação, divergência, especialização, persistência e decatecorização*. Lehmann (1995), por sua vez, estabeleceu parâmetros que medem o grau de autonomia de um item, conforme a gramaticalização avança, por meio dos seguintes critérios: *peso, coesão e variabilidade*. Neste estudo, os dados serão interpretados com base nesses princípios, já apresentados no capítulo primeiro, bem como no roteiro estabelecido por Heine *et al.* (1991b, p.156), os quais sugerem uma série de hipóteses que servem como um tipo de “procedimento de descoberta” para o estabelecimento dos graus relativos de gramaticalização conceitual e semântica de uma dada categoria. As propostas de Traugott e König (1991) e de Sweetser (1990) também serão retomadas nesta seção.

4.2.1. Hipóteses de Heine e colaboradores

A seguir, apontam-se as hipóteses de Heine *et al.* (1991) para se determinarem os graus relativos de gramaticalização dentro do domínio da marcação de caso:

- a)* Uma categoria gramatical é mais gramaticalizada do que outra categoria se ela for derivada etimologicamente da anterior. Esse postulado diacrônico, que pode ser inferido a partir do princípio da unidirecionalidade, permite determinar, por exemplo, que o significado CAUSAL da conjunção *since* do inglês é mais gramaticalizado do que o significado TEMPORAL, por ter sido, historicamente, derivado dele.
- b)* Se duas funções de caso se diferenciam apenas no fato de uma ter função espacial e a outra não, então a última é mais gramaticalizada. Ou seja, de todas as funções consideradas, a de ESPAÇO é menos gramaticalizada.
- c)* Se duas categorias gramaticais diferem uma da outra apenas pelo fato de uma implicar algum participante humano e a outra implicar um participante inanimado, então a última é mais gramaticalizada. Assim, a categoria de PROPÓSITO é menos gramaticalizada do que a de CAUSA, pois, normalmente, PROPÓSITO pressupõe algum agente humano e atividade, enquanto CAUSA não.
- d)* Uma categoria com conceito que se refere, potencialmente, a três dimensões físicas é menos gramaticalizada do que aquela que se refere a um conceito com apenas uma dimensão possível, a qual é mais gramaticalizada do que outra categoria cujo referente não apresenta nenhuma dimensionalidade física. Isso significa que ESPAÇO é menos gramaticalizado do que TEMPO e que TEMPO é menos gramaticalizado do que uma categoria como CONDIÇÃO e MODO.
- e)* Se duas categorias diferem uma da outra apenas pelo fato de uma expressar uma relação temporal e a outra expressar alguma relação lógica, então a última é mais gramaticalizada. Desse modo, é possível estabelecer que CAUSA e CONDIÇÃO são categorias mais gramaticalizadas do que TEMPO.
- f)* Se duas categorias são diferentes uma da outra pelo fato de uma ser mais inclusiva, isto é, incluir a outra em certos contextos, então a mais inclusiva é também a mais

gramaticalizada. Assim, se as categorias de PESSOA e de OBJETO pertencerem a um mesmo canal de gramaticalização, então a última é mais gramaticalizada, já que inclui a primeira, mas não vice-versa. Por exemplo, a questão “O que é isso?” pode referir-se à categoria de PESSOA (menino) ou de OBJETO (carro), enquanto que uma pergunta, como: “Quem é esse?” pode apenas referir-se à categoria de PESSOA.

- g) Se um dado morfema governa tanto sintagmas nominais quanto orações, então o último uso é mais gramaticalizado que o primeiro. Por exemplo, o morfema do inglês *for* tem a função tanto de preposição – governando sintagmas nominais – como de conjunção – introduzindo orações subordinadas. Nesse caso, de acordo com os autores, o uso preposicional é menos gramaticalizado do que o conjuncional.

Pode-se afirmar que vários desses parâmetros são úteis no exame das acepções das perífrases conjuncionais *agora que* e *já que*, principalmente aquele que diz respeito às relações semânticas entre as orações. Segundo esse princípio, os conectores que atuam nas relações lógico-semânticas – como as estabelecidas pelas conjunções causais/explicativas – estão em um grau mais avançado de gramaticalização do que os que ligam relações temporais, uma vez que relacionam conceitos sem nenhuma dimensionalidade física, ao passo que a categoria de TEMPO possui uma dimensão possível.

Ademais, quando se leva em conta o estatuto gramatical dos itens-fonte das locuções estudadas – *agora* e *já* –, reafirma-se o último princípio, segundo o qual morfemas que regem sintagmas são menos gramaticalizados do que morfemas que regem orações. Desse modo, as perífrases em questão possuem graus de gramaticalização mais avançados em relação aos advérbios temporais de sua origem. Por fim, tendo em vista o princípio da unidirecionalidade, sugere-se que o significado causal das locuções foi derivado historicamente do significado original de tempo e, por esse motivo, é mais gramaticalizado.

Nessa mesma linha de pesquisa, Heine e Reh (1984) apresentam outras observações a respeito do avanço do processo de gramaticalização⁷⁵. Dentre suas hipóteses, algumas assumem relevância para este estudo, como a de que, conforme uma unidade se torna mais gramaticalizada, mais ela perde em pragmática e ganha em significação sintática⁷⁶. É o fato que ocorre com as locuções investigadas, haja vista o novo estatuto gramatical que assume a formação *advérbio + que*⁷⁷ – o de perífrase conjuncional. Além disso, as perífrases *agora que* e *já que* têm uma menor abertura para aplicações discursivo-pragmáticas, em virtude da maior rigidez sintático-semântica dos novos elementos (desempenham funções semânticas mais convencionalizadas).

Outra hipótese de Heine e Reh confirmada pelas ocorrências, é a redução do número de membros que pertencem ao paradigma morfossintático das novas unidades gramaticalizadas, visto que o grupo das conjunções é mais restrito do que o paradigma dos advérbios. Ao longo do processo de mudança dessas perífrases, ocorreu também a diminuição da variabilidade sintática, ou seja, as unidades tornaram-se mais fixas na oração, fato que corrobora mais uma postulação dos autores.

4.2.2. Parâmetros de Lehmann

É muito raro encontrar um fenômeno lingüístico ao qual podem ser aplicados todos os parâmetros que identificam a gramaticalização. Por isso, nem todos os parâmetros

⁷⁵ Conferir essas hipóteses na seção 1.2.4 do primeiro capítulo.

⁷⁶ Heine e Reh (1984), que tratam dos estágios finais do processo, pontuam que, com o tempo, uma forma gramaticalizada torna-se altamente sintaticizada, deixando de carregar significância semântica ou significado pragmático. Essa afirmação pode parecer incoerente com um dos objetivos da pesquisa: investigar o processo de pragmatização. Todavia, essas informações não são incompatíveis, pois o enriquecimento e fortalecimento pragmático configuram-se como as motivações que disparam o processo de gramaticalização, não os seus resultados (HOPPER & TRAUGOTT, 1993).

⁷⁷ Segundo Barreto (1998), a conjunção *que*, partícula multifuncional desde o latim vulgar, é o elemento subordinativo por excelência, capaz de transformar vocábulos ou combinações de vocábulos de categorias gramaticais diversas em conjunções.

apresentados por Lehmann são pertinentes à análise da gramaticalidade dos perífrases investigadas. Dentre eles, alguns merecem destaque nesta pesquisa⁷⁸.

O peso sintagmático de um signo, isto é, o seu *domínio estrutural*, refere-se ao nível da estrutura gramatical do sintagma com o qual o item apresenta relações gramaticais. Segundo Lehmann (1995), o domínio estrutural tende a diminuir com o aumento da gramaticalização⁷⁹. A aplicação desse parâmetro correlaciona-se positivamente com a análise de *agora que* e *já que*. Houve diminuição do peso sintagmático (redução do nível estrutural) nesse percurso de gramaticalização, que parte dos advérbios *agora* e *já*, que escopam uma oração com o *que* – como em (15a) e (16a) – em direção às perífrases *agora que* e *já que*, cujo domínio estrutural é uma oração simples – como em (15b) e (16b):

- (15) a. Mesmo *agora + que* eu perdi a autoridade, sempre fica o prestígio. (SAR)
 b. *Agora que* + ele se foi, tenho medo de parar de crescer. (HPP)

- (16) a. E *já + que* estamos tocando nisso... eu não queria falar mais sobre esse assunto mas, diante das circunstâncias, tenho que dizer que é melhor que você nesse momento esteja de bem com sua mulher⁸⁰. (PD)
 b. *Já que* + não conseguira fazer a contento o que partira para fazer, ia escrever sobre isso, uma espécie de desabafo feminino. (SL)

A coesão de um signo com outros signos no paradigma, nos termos de Lehmann, é denominada *paradigmaticidade*. O aspecto mais superficial da paradigmaticidade é o tamanho absoluto do paradigma, o qual se integra, gradualmente, no processo de gramaticalização. Isso é verificado no percurso de gramaticalização das perífrases em análise, visto que o paradigma das conjunções, do qual fazem parte as formas gramaticalizadas *agora*

⁷⁸ O parâmetro *integridade* (peso paradigmático) foi analisado em um primeiro momento, mas descartado posteriormente, por não se aplicar a este estudo.

⁷⁹ Tabor e Traugott (1998) demonstraram que o inverso também pode ocorrer (cf. seção 1.2.3.).

⁸⁰ Nesse caso, *já* pode ser parafraseado por *agora* e escopa a oração “*que estamos tocando nisso*”.

que e *já que*, constitui-se um grupo mais coeso e fechado do que o paradigma de *agora* e *já* – o dos advérbios, classe com ampla variedade de formas e significados.

A **conexidade** de um signo – sua coesão sintagmática – diz respeito ao grau com que ele se une a outros signos no sintagma. O exame da conexidade de um elemento gramatical ocorre mediante um critério sintático, pelo qual se verifica a possibilidade de inserção de material entre ele e a palavra justaposta. Nas unidades de níveis menores, há uma diminuição da inserção de material lingüístico; esse fato é confirmado na formação das perífrases conjuncionais *agora que* e *já que*, que apresentam um aumento de conexidade com o avanço da gramaticalização, haja vista a cristalização dos dois elementos (advérbio + *que*) como constituintes de um todo de sentido. Casos como (17a) e (18a), que ainda não formam perífrases, são exemplos menos gramaticalizados – pois permitem a inserção de material lingüístico entre suas partes (17b e 18b) – do que as ocorrências (19) e (20), em que as perífrases já estão cristalizadas.

(17) a. Por várias vezes enche o jarro e esvazia a bacia. O barulho da água que corre é o único som audível na peça. Finalmente dá por encerrada a tarefa. A criança adormecida está absolutamente limpa. Vê-se ***agora que*** a boca está intumescida como se houvesse sido esbofeteada. O rosto apresenta manchas arroxeadas. (CH)

b. A criança adormecida está absolutamente limpa. Vê-se ***agora, depois do banho, que*** a boca está intumescida como se houvesse sido esbofeteada. O rosto apresenta manchas arroxeadas.

(18) a. ... aí eu peguei cheguei no Carlos e falei que MEU PAI tava sabendo ***já que*** eu tava grávida e que era pra dar UM JEITO de arrumar algum lugar que ele não ia admitir que eu ficasse den/dentro de casa... (AC-030)

b. ... aí eu peguei cheguei no Carlos e falei que MEU PAI tava sabendo ***já de tudo que*** eu tava grávida e que era pra dar UM JEITO de arrumar algum lugar que ele não ia admitir que eu ficasse den/dentro de casa...

(19) – **Agora que** o senhor enxerga a gente, o senhor conta história de índio? (BH)

(20) Mas ela se apaixonou, **já que** o amor também não respeita razões. (BRI)

A *variabilidade paradigmática* de um signo corresponde à possibilidade de se usarem outros signos no seu lugar. Essa liberdade de escolha tende a diminuir com itens mais gramaticalizados. Embora integrem o paradigma dos conectores, menos amplo do que o dos advérbios, as perífrases estudadas ainda permitem várias paráfrases no novo domínio funcional, com em (21) e (22):

(21) **Agora que** você está mais tranqüila, Deolinda, eu creio que já posso ir. (I)

Como você está mais tranqüila, Deolinda, eu creio que já posso ir.

Já que você está mais tranqüila, Deolinda, eu creio que já posso ir.

(22) O lavrador passou a visitar seus vizinhos para consolá-los e ajudá-los, **já que** tinham se mostrado solidários com ele em todos os momentos. (HPP)

... **uma vez que** tinham se mostrado solidários com ele em todos os momentos.

... **pois** tinham se mostrado solidários com ele em todos os momentos.

... **visto que** tinham se mostrado solidários com ele em todos os momentos.

Como não foi feito um estudo comparativo com as formas concorrentes de *agora que* e *já que*, não pôde ser investigado se esse é um parâmetro aplicável à gramaticalidade dessas locuções. Esse parâmetro equivale ao princípio de especialização de Hopper, segundo o qual, à medida que a gramaticalização avança, a variedade de escolhas formais diminui e um pequeno número de formas selecionadas assume significados semânticos mais gerais.

A *variabilidade sintagmática* de um item, por sua vez, remete-se à facilidade com que ele pode mover-se dentro de um contexto, isto é, à sua mutabilidade posicional em relação aos constituintes que fazem parte da construção. A posição mais fixa de um elemento

é indício de baixo grau de autonomia e alto grau de gramaticalização. Assim, esse parâmetro é pertinente a esta pesquisa, uma vez que, com o avanço do processo de mudança, a variabilidade das perífrases diminuiu e as fronteiras com outros elementos se tornaram mais integradas ou fixas, consoante o que prevê Lehmann (1995). Essa mudança é observada nos exemplos abaixo⁸¹; em (23a) e (24a), as unidades apresentam maior variabilidade posicional, pois não constituem ainda perífrases e possuem a mutabilidade sintática característica dos advérbios que as originaram. Já em (23b) e (24b), percebe-se a posição mais fixa das locuções, as quais já estão integradas e assumem o lugar sintático característico das conjunções, introduzindo orações:

(23) a. Doc.: bom Fábio éh:: eu queria *agora*⁸² *que* cê me falasse... que cê me desse assim éh:: uma idéia de como é o seu dia-a-dia... desde a hora que você acorda até... até o final do dia mesmo (AC-039)

b. *Agora que* ele morreu, não posso deixar que fique azucrinando a paz da cidade. (PD)

(24) a. Doc.: e hoje tua mãe ainda tá com ele?

Inf.: não ele faleceu... [Doc.: hum] já faz:: dez ano *já que* ele faleceu (AC-032)

b. Doc.: uhum ((concordando)) o Jane então... voltando aqui pro descrever AINda... *já que* cê já descreveu o sítio descreva pra mim um pouquinho da sua casa assim de tudo que você lembrar... (AC-066)

As ocorrências em (a) apresentam contextos importantes, pois talvez sejam pistas do surgimento das perífrases. Em (23a), *agora* está entre o predicado encaixador e complementizador; já em (24a), o advérbio *já* está entre o nome e o relativizador. Exemplos desse tipo foram freqüentes nos textos pesquisados, principalmente com *agora que*.

⁸¹ Os exemplos orais indicados para explicar esse parâmetro foram baseados na audição das gravações, que validaram a classificação das unidades como advérbios ou como perífrases conjuncionais.

⁸² A audição comprova que o âmbito de incidência de *agora* é *queria* e, por isso, trata-se de um advérbio.

4.2.3. Princípios de Hopper

Os princípios de Hopper (1991) suplementam os parâmetros de Lehmann, por enfatizar os estágios mais iniciais do processo, e acentuam o caráter gradual da mudança, pois identificam os estágios, mais ou menos gramaticalizados, do elemento em questão. Desses princípios, alguns servem para explicar a emergência de *agora que* e outros para explicar o surgimento de *já que*.

Segundo o princípio da *estratificação*, quando novas “camadas” emergem dentro de um domínio funcional, as formas antigas não são necessariamente substituídas, mas podem continuar a existir e interagir com as mais novas. Isso é bem claro com a emergência de *agora que* e *já que* dentro do paradigma dos conectores causais. As perífrases coexistem com outras tantas formas que relacionam oração causais, como *porque*, *visto que*, *pois*, *uma vez que*. A formação desses conectores não descarta os antigos, mas concorre com eles.

A *divergência* refere-se ao fato de que a unidade-fonte de um processo de gramaticalização pode preservar suas propriedades originais e passar por outros processos de mudança. Dessa maneira, consoante esse princípio, *agora* e *já* continuam a existir como itens autônomos e é possível que apresentem outras trajetórias de gramaticalização, em direção a marcadores discursivos, casos como (25) e (26):

(25) Doc.: **agora** Lucas eu gostaria que você me conta::sse alguma coisa que aconteceu com alguém::... e que alguém te contou... (AC-011)

(26) é::... eu **já** acho que começou errado desde o início porque::... quando o Brasil foi descobe::rto... é:: o pessoal que vinha pra cá na verdade vinham nas embarcações são pessoas que vinham da da Europa eram ladrõ::es... (AC-035)

Com a gramaticalização, as escolhas dentro de um domínio funcional estreitam-se e os elementos selecionados passam a assumir significados mais gerais. Nesse princípio da *especialização*, está uma pequena diferença entre *agora que* e *já que*, visto que as funções semânticas de *agora que* são menos gerais do que as de *já que*, construção gramatical que está mais gramaticalizada. Uma das provas da especialização de *já que* é a sua maior frequência de uso. Outro indício de que as funções semânticas de *agora que* são menos gerais é o seu maior aproveitamento polissêmico, haja vista que grande parte dos exemplos (35%) têm nuances temporais e causais/explicativas.

O princípio da *persistência*, como o próprio nome já diz, consiste na permanência de algum significado anterior A na forma gramaticalizada B, o que influencia seu funcionamento. No novo estatuto gramatical de *agora que*, nota-se a persistência de traços dêiticos de *agora*, visto que a função dêitica do advérbio desdobrou-se numa função coesiva referencial catafórica da perífrase conjuncional. O valor dêitico do advérbio *agora* é retido na forma *agora que*, o que contribui para a sua função de referenciador no plano textual.

Hopper e Traugott (1993, p.178) pontuam que o recrutamento de dêiticos e outros demonstrativos para funcionarem como conectivos é típico de desenvolvimentos hipotáticos. Para eles, a motivação está na extensão da referência dêitica de entidades do mundo não-lingüístico em direção à anáfora e à catáfora de SN e, então, de anáfora e catáfora de proposições (orações). Em outras palavras, conforme Hopper e Traugott, dêiticos podem ser usados para funções metalingüísticas, que envolvem orações de referência, bem como para explicitar a ligação de orações.

Por outro lado, a função argumentativa do item-fonte *já* também está presente nos empregos de *já que*. Os exemplos abaixo ilustram essa persistência pragmática. Em (27), *já* assinala a divergência, do ponto de vista do locutor, entre o fato de a vítima querer falar e a precocidade em que isso acontece (“*tão cedo*” e “*mas isso é só o começo*”); assim, pode-se

afirmar que há uma avaliação subjetiva do falante em relação ao evento que acontece *antes do esperado*, naquele contexto. Na ocorrência (28), *já que* também apresenta uma opinião do locutor, a qual funciona como a razão do que é expresso na oração nuclear:

(27) Carrasco: (Chamando a atenção do civil para os esforços da vítima que agora quer falar) Excelência. A vítima quer falar.

Civil: **Já?** Assim tão cedo? A vítima **já** quer pedir-nos piedade. Suas dores **já** são insuportáveis. Mas isso é só o começo. (CCI)

(28) Esse Príncipe Danilo, que para mim não é príncipe e muito menos o da Viúva Alegre, é uma das novas relações que fiz no agora chamado Pátio dos Milagres (quem ali está só o pode ser por um milagre, **já que** deveria estar no cemitério, que é o destino que aqui a todos nos espera). (AL)

Finalmente, o parâmetro *decatégorização* prevê que a mudança gramatical leva a uma diminuição de categorialidade da entidade, implicando uma perda da autonomia no discurso. Esse princípio é verificado na trajetória geral de gramaticalização das perífrases, quando se observa a mudança de estatuto categorial de *advérbio* para *conjunção*, bem como a passagem do significado mais concreto de tempo (nível da predicação) para o significado mais abstrato causal (camadas da proposição e dos atos de fala). Portanto, há uma modificação sintática, bem como semântica, com reflexos na camada da estrutura subjacente da oração.

De acordo com Gonçalves *et al.* (2007), a forma que está sofrendo a mudança tende a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos que caracterizam a forma menos gramaticalizada e a assumir atributos das categorias mais gramaticais. Isso é notado no desenvolvimento de *agora que* e *já que*, haja vista que o processo sintático-semântico de focalização afeta os advérbios *agora* e *já*, como em (29)-(32), mas não ocorre com as perífrases:

(29) De certa forma, estava vivendo através dele e permitindo que manobrasse minha maneira de ser. Só *agora* que terminou posso enxergar com clareza. (CH)

(30) Ainda mais *agora* que saiu o novo plano de classificação do Dasp e ele tá a três anos da aposentadoria. (OM)

(31) Porque prometi que iria, afasto a moleza e começo a operação maquiagem, sentindo desde *já* preguiça por ter que retirá-la na volta, antes de dormir. (CH)

(32) O velho de voz estrídula retrucou que o melhor era que cada um desde *já* começasse a arrepender-se de seus pecados, a orar e a fazer boas obras. (TV)

Além disso, outra característica sintática que é perdida no novo domínio funcional é a possibilidade que os advérbios *agora* e *já* têm de escopar sintagmas adjetivais, por exemplo (33)-(36):

(33) Mas eis que de novo o olhar de minha mãe volta, *agora úmido de pranto*, a escutar-me a dois palmos do meu nariz, como se eu fora uma cisterna vazia e cheia de sombras. (AL)

(34) Voou para o banheiro, escovou os dentes com frenesi e sorriu triunfante, *agora seguro e feliz*. (BH)

(35) Os discípulos voltaram no final da tarde. Cada um trazia o pouco conseguido através da caridade alheia: frutas *já podres*, pães duros, vinho azedo. (HPP)

(36) Eu poderia, bem sei, perguntar ao criado ou à criada que me servem todos os dias, ou mesmo o próprio gerente do hotel, ou ainda à sua jovem esposa tão louça e *já tão vesga*, o tempo exato em que aqui me encontro e o mês e o ano em que porventura estamos vivendo nesta fria noite de chuva. (AL)

A de categorização de *agora que* e *já que* pode ser ilustrada no esquema abaixo, que apresenta as alterações sofridas ao longo do processo de gramaticalização:

significado:	concreto (tempo) ► abstrato (causa)
estatuto categorial:	advérbio ► conjunção;
mobilidade na oração:	– fixa ► + fixa
marcas morfológicas e privilégios sintáticos:	+ focalização ► – focalização adv. + [SAdj] ► conj. + [SV]
Nível da oração em camada:	predicação ► proposição / atos de fala ⁸³

A aplicação desses princípios e parâmetros funciona como evidência de que essas unidades passaram ou ainda passam por trajetórias de gramaticalização, reiterando as hipóteses primeiras desta pesquisa.

4.2.4. Os componentes semânticos de Traugott e König

A proposta semântico-pragmática de Traugott (1982) e de Traugott e König (1991) contribui para a explicação dos estágios de gramaticalização em que as perífrases *agora que* e *já que* se encontram. Por meio de um *cline* de mudança semântica, Traugott e König (1991) expõem que, ao longo da gramaticalização, há um crescente fortalecimento da expressão subjetiva do falante:

SIGNIFICADOS IDENTIFICÁVEIS NAS SITUAÇÕES EXTRALINGÜÍSTICAS > SIGNIFICADOS FUNDADOS NA MARCAÇÃO TEXTUAL > SIGNIFICADOS FUNDADOS NA ATITUDE OU CRENÇA DO FALANTE A RESPEITO DO QUE É DITO

⁸³ Essa alteração será explicada nas próximas seções.

Para evidenciar o fortalecimento de informatividade no processo de gramaticalização das perífrases *agora que* e *já que*, bem como a abstratização dos significados, podemos citar os exemplos (37) e (38):

(37) a. Mas quero ver o que é que ele vai dizer *agora que* estão umedecendo a pata dele. (OM)

(temporal, significado identificável em situação extralingüística)

b. – Feche os olhos. *Agora que* confia em mim, não precisa vigiar. (CH)

(causal, significado fundado na atitude ou crença do falante a respeito do que é dito)

(38) a. ... num foi mais ninguém e eu que fiquei lá ela/ eu só num tive coragem de vê(r) nasCÊ(r) na hora que o médico de(i)xô(u) que se eu quisé(r) entrava na sala de cirurgia eu falei – “não” –... mas assim que ela saiu *já que* nasceu que precisô(u) tirá(r) e levá(r) lá pa... pa estufinha eu tava lá e eu vi tudo eu acompanhei tudo ³[na hora lá] (AC-071)

(temporal, significado identificável em situação extralingüística)

b. Nossa tendência é sempre acreditar que tudo que fazemos sempre tende a dar errado – *já que* achamos que somos incapazes de merecer uma benção. (HPP)

(causal, significado fundado na atitude ou crença do falante a respeito do que é dito)

Observa-se que, em (37a) e (38a), o significado das perífrases conjuncionais, por ser temporal, é mais concreto, baseado na situação física. Por outro lado, nos exemplos (37b) e (38b), as perífrases estão em estágio mais avançado do processo, pois desempenham funções semânticas mais abstratas, explicitando relações *causais / explicativas* entre as orações.

Entre esses significados temporal e causal, Traugott e König (1991) afirmam a existência de inferências conversacionais que podem ou não convencionalizar-se. Assim, as orações que expressam tempo em alguns casos podem ter conotações não-temporais, como

nas ocorrências apresentadas na seqüência, em que o significado temporal coexiste com o causal. Esse fato pode ser explicado por um processo mental – de inferenciação – em que os falantes atribuem uma relação de causa (sentido mais abstrato) entre eventos que são originariamente interpretados como uma seqüência temporal (sentido mais concreto). A partir do momento em que o valor não-temporal estiver convencionalizado, ou seja, quando ele não precisar ser inferido pragmaticamente, como em (38b), essas construções podem ser consideradas mais subjetivas⁸⁴, na medida em que a causalidade implica, de certo modo, alguma avaliação do falante.

As acepções ambíguas, que compartilham funções de mais de uma etapa, corroboram a mudança por meio de convencionalização de implicaturas conversacionais (TRAUGOTT & KÖNIG, 1991). As orações (39) e (40) são casos polissêmicos, uma vez que, além do significado de tempo, é possível identificar um significado mais abstrato, causal ou explicativo:

(39) – Lamento por mim mesmo. Enquanto todos me reverenciavam, ele me desafiava, e eu era obrigado a melhorar. **Agora que** ele se foi, tenho medo de parar de crescer. (HPP)

(“Tenho medo de parar de crescer *depois que / porque* ele se foi”)

(40) Bem, **já que** estamos com a mão na massa, eu quero conversar muito com vocês. (US)

(“Eu quero conversar muito com você *agora que / porque* estamos com a mão na massa”)

De acordo com Traugott e König, inferências conversacionais como essas são altamente informativas. Sob esse mesmo ponto de vista, Halliday e Hasan (1976) asseguram que os marcadores da articulação de orações são, em sua origem, motivados pelo desejo do

⁸⁴ De acordo com Traugott e Dasher (2002), na dinâmica produção de um discurso oral ou escrito, o material lingüístico pode ser usado de modos novos para expressar a subjetividade.

falante de ser claro e informativo, particularmente, para direcionar o ouvinte a interpretar orações em termos de seu contexto lingüístico.

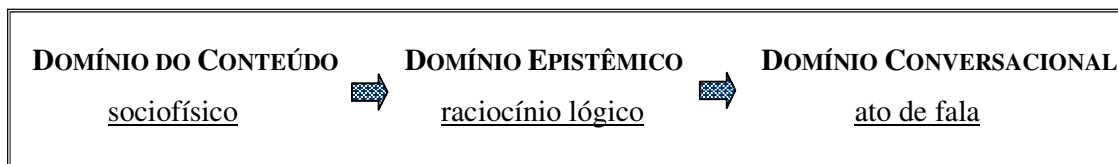
Além disso, Meillet (1948, *apud* SOUZA, 2007, p.58), referindo-se à formação das conjunções afirma que “seria inútil procurar nos sentidos iniciais da palavra que se tornou uma conjunção o princípio do desenvolvimento de sentidos dessa conjunção; é o papel da frase que decide tudo”. Essa assertiva reitera a *reinterpretação induzida pelo contexto* (HEINE *et al.*, 1991b) – manipulação discursivo-pragmática dos conceitos que estão sujeitos a fatores contextuais na interpretação enunciativa. Desse modo, o cenário para a mudança semântica é o curso da interação, no qual o significado é negociado, construído colaborativamente (TRAUGOTT & DASHER, 2002).

As inferências destacadas em (39) e (40) ocorrem por meio da metáfora TEMPO > CAUSA, em que uma seqüência de eventos temporais passa a ser compreendida de modo causal / explicativo (HEINE *et al.*, 1991). Como já foi dito no capítulo primeiro, a tese de que “causa”, freqüentemente, deriva de “tempo” é bastante significativa para esta pesquisa, visto que ajuda a explicar como as perífrases conjuncionais causais *agora que* e *já que* emergiram, por meio de inferências fortalecidas de informatividade, de *expressões* anteriormente temporais. Isso confirma a hipótese de Bybee (2003a), segundo a qual esse tipo de mudança indica que os usuários da língua estão propensos a inferir causas, motivos.

4.2.5. Os domínios conceituais de Sweetser

De uma perspectiva semelhante, Sweetser considera a gramaticalização como um mecanismo geral de mudança semântica, que se realiza por meio de projeções metafóricas entre os diferentes domínios conceituais: o *domínio do conteúdo* (sociofísico), o *domínio*

epistêmico (raciocínio lógico) e o *domínio conversacional* (de atos de fala), o que pode ser ilustrado do seguinte modo:



Esse esquema é agora retomado por constituir a base das nossas investigações. A proposta de Sweetser norteou as análises dos dados, pois o exame dos domínios conceituais determina uma possível trajetória de gramaticalização de *já que* e possibilita traçar hipóteses para o percurso de mudança pelo qual está passando *agora que*.

Segundo a autora, as conjunções podem ser interpretadas de diferentes formas, de acordo com seus empregos, e apresentam usos ambíguos entre os domínios do conteúdo, epistêmico e conversacional. Para exemplificar a aplicação nos três diferentes domínios, são citados os exemplos mais gramaticalizados (41) e (42), em que as perífrases são casos de conjunções que explicitam relações causais nos domínios do (a) conteúdo; (b) epistêmico; e (c) conversacional (atos de fala):

(41) a. Nem de manhã se viam mais, ***agora que*** ela tinha inventado essa história de montar uma academia de ginástica no salão em cima das garagens e ficava desde as sete horas mandando um batalhão de mulheres de malha abrir as pernas e dar pulinhos ao som de oito alto-falantes a todo vapor. (SL)

(Eles não se viam *porque* a mulher estava ocupada na academia – evento no mundo real)

b. ***Agora que*** havia errado, precisava pagar um preço. E o preço foi beber o mais cruel dos venenos - a solidão. (BRI)

(O *conhecimento* do seu erro originou a conclusão de que você precisava pagar um preço – avaliação subjetiva do falante)

c. – *Agora que* já pisou em mim, vá lá fora e pise na minha imagem – disse Jesus.. (HPP)

(Eu *ordeno* a você que vá lá fora e pise na minha imagem pelo fato de você já ter pisado em mim – explicação do ato de fala)

(42) a. Dividiam seus bens para não terem que ficar acumulando mais do que podiam carregar, *já que* as viagens duravam a vida inteira. Viviam juntos em liberdade, dando e recebendo, sem nada a cobrar ou culpar nos outros. (HPP)

(A demora das viagens *fez com que* levássemos poucos bens – evento no mundo real)

b. Maria Clara: Olhe papai, em vez de ficar abraçado a esse cachorro! Você tem mais obrigação do que os outros, *já que* tem uma vida quase inútil! (ES)

(O *conhecimento* da vida inútil de seu pai originou a conclusão de Maria Clara a respeito de suas obrigações – avaliação subjetiva do falante)

c. Doc.: e::... então o senhor podia me me:: ensiNAR como se faz um pra::to um drin::que *já que* o senhor era garçom?... (AC-130)

(Eu pergunto-lhe como se faz um drinque pelo fato de o senhor ter sido garçom– explicação do ato de fala)

Em (41a) e (42a), do *domínio do conteúdo*, as perífrases assinalam uma causalidade de um evento no “mundo-real”, relação causal *stricto sensu*. Já em (41b) e (42b), as unidades são pertencentes ao *domínio epistêmico*, uma vez que marcam a razão de uma crença ou de uma conclusão. Entre as proposições, a relação causal lingüisticamente expressa não pode ser definida sobre base material, ou seja, como uma relação de causa eficiente. Por fim, em (41c) e (42c), no *domínio conversacional*, as conjunções indicam uma explicação causal do ato de fala enunciado. Nessa última camada, existe uma conexão causal ainda mais frouxa. A essas cláusulas causais, que executam a atividade de justificação, Paiva (1991) atribui um papel argumentativo, visto que visam a um efeito manipulativo, persuasivo. Ao justificar um ato de fala, o falante impede a contestação de uma ordem ou tenta convencer o interlocutor a realizar seu pedido.

5. CONCLUSÃO

A presente pesquisa realizou um estudo comparativo das perífrases conjuncionais *agora que* e *já que* sob a perspectiva da gramaticalização, destacando, sincronicamente, a gradualidade dos diferentes empregos de cada unidade. As ocorrências selecionadas para a análise foram coletadas de textos escritos e falados do português e o aparato metodológico constituiu-se de uma investigação qualitativa e uma quantitativa.

Logo no início deste trabalho, a explanação das diferentes concepções sobre a gramaticalização possibilitou delinear a posição de cada autor e traçar o quadro teórico em que esse fenômeno de criação linguística se situa. Para uma explicação das possíveis trajetórias de gramaticalização, que demonstrasse, com base nos dados, a evolução das perífrases, foram de fundamental importância aportes teóricos de vários estudiosos sobre o assunto, principalmente Traugott e König (1991) e Sweetser (1990). Traugott e König declararam que os falantes estão propensos a atribuir, de modo subjetivo, uma conexão causal entre eventos que são vistos, de modo objetivo, como uma sucessão temporal. Essa afirmação foi bastante útil para entender o percurso de gramaticalização que os advérbios *agora* e *já*, cujos usos originais exprimem tempo, percorreram até dar origem às perífrases conjuncionais causais / explicativas *agora que* e *já que*. As postulações de Sweetser contribuíram para a classificação semântico-pragmática dos dados, que enquadrou as ocorrências causais de *agora que* e *já que* em três diferentes domínios: *do conteúdo*, *epistêmico* e *conversacional*. As porcentagens obtidas para cada domínio refletiram os comportamentos distintos das perífrases e os seus respectivos estágios de gramaticalização. Outros teóricos que ajudaram a explicar os dados e a comprovar as hipóteses iniciais foram Heine e Reh (1984), Heine *et al.* (1991), Hopper e Traugott (1993), Lehmann (1995[1982]) e Hopper (1996).

Nesta pesquisa, a gramaticalização foi compreendida não como uma substituição de entidades discretas na organização das categorias, mas como a extensão gradual do uso de uma categoria original que pode apresentar, no curso de mudança, estágios intermediários de polissemia. Desse modo, facilmente se entende que as perífrases conjuncionais *agora que* e *já que* possam comportar-se ora como conjunção temporal, ora como conjunção polissêmica entre tempo e causa, ora como conjunção causal. De acordo com Neves (1998), esse processo de mudança lingüística tem motivação nas necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes, bem como na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações lingüísticas adequadas.

Na análise dos dados, foram descritas as condições sintáticas, semânticas e pragmáticas que regem cada uma das locuções, focalizando a mudança de categoria (advérbio > conjunção) e a alteração no sentido (tempo > causa). Para uma investigação desse tipo, foi necessário um modelo teórico descritivo que considerasse o dinamismo inerente à língua. Assim, esta pesquisa apoiou-se também no modelo funcionalista da linguagem, cuja principal tarefa é, segundo Beaugrande (1993 *apud* NEVES, 1997a, p.3), “fazer correlações ricas entre forma e significado dentro do conteúdo global do discurso”. A partir dessa perspectiva, os estudos de Halliday (1994), Dik (1997) e Hengeveld (1993) a respeito da articulação de orações foram retomados, com o objetivo de compreender o funcionamento sintático-semântico das orações hipotáticas causais / explicativas.

Os resultados das análises quantitativa e qualitativa ressaltaram semelhanças e diferenças entre os graus de gramaticalização das duas perífrases em comparação. A semelhança fundamental está no processo de mudança vivenciado pelos elementos, o qual assinala uma trajetória que corrobora a proposta de unidirecionalidade na relação *concreto* > *abstrato*, haja vista a extensão de significado *tempo* > *causa/explicação* que aconteceu em

ambas trajetórias de mudança. A análise qualitativa revelou mais semelhanças entre as perífrases, porque focalizou o percurso de mudança pelo qual passaram *agora que* e *já que*.

A principal diferença entre as perífrases refere-se ao aspecto semântico-pragmático e confirma a hipótese inicial, segundo a qual *agora que* é menos gramaticalizado do que *já que*. Enquanto *já que* se encontra em um estágio mais avançado da mudança, pois as ocorrências foram classificadas, na quase totalidade (96%), como causa/explicação – significado mais abstrato, portanto, mais gramaticalizado – *agora que* apresenta muitos casos temporais (43%) e polissêmicos (35%), fato que permite a conclusão de que o processo de gramaticalização dessa locução está menos avançado. Essa multiplicidade de sentidos dificultou o enquadramento deste item dentro de uma única categoria semântico-pragmática.

Os resultados quantitativos também reiteraram os graus distintos de mudança, pois, na maioria dos grupos de fatores, *já que* revelou traços mais característicos de conjunção causal, ao passo que *agora que* apresentou ainda atributos de conjunção temporal. A saber:

- ✓ Nas construções com *agora que*, houve o predomínio de orações hipotáticas antepostas (71%) – ordem não marcada e preferida das orações temporais – em contraste com a prevalência da posposição (65%) – ordem icônica das orações causais – nos enunciados de *já que*;
- ✓ Grande parte das ocorrências de *agora que* (44%) pertence ao domínio do *conteúdo* – domínio das relações mais concretas, como as temporais – enquanto os casos de *já que* pertencem, predominantemente, aos domínios epistêmico (47%) e conversacional (29%) – domínios das relações mais abstratas e gramaticalizadas, como as causais;
- ✓ *Já que* apresenta maior número de enunciados (53%) com seqüências co-temporais, que denotam maior integração e, conseqüentemente, maior gramaticalização; dos exemplos relacionados por *agora que*, 48% têm seqüências temporais desse tipo;

✓ Os EsCos das ocorrências de *agora que* apresentam traços característicos das construções temporais, ao passo que as predicções das ocorrências de *já que* são referentes às construções causais. Além disso, a correlação entre as predicções da oração nuclear e da oração hipotática demonstrou a maior integração semântica dos enunciados com *já que*;

✓ Nos enunciados articulados por *já que*, houve pequena porcentagem de subsequência temporal (18%) entre os eventos das orações nuclear e hipotática, diferentemente do que ocorreu com *agora que*, que apresentou 49% dos exemplos com subsequência temporal.

Contudo deve-se ressaltar que, de certo modo, a investigação dos dados revelou um *agora que* mais gramaticalizado do que era esperado. O exame da *correferencialidade do sujeito*, por exemplo, contrariou as expectativas iniciais, visto que, em construções com essa perífrase, os sujeitos são idênticos em 60% dos casos; já nas orações unidas por *já que*, prevaleceu a não-correferencialidade (70%). Seguindo a correlação: + correferencialidade → + integração → + gramaticalização, *já que* deveria apresentar maior correferencialidade de sujeitos.

Assim, no início, previa-se que *agora que* conservasse, ainda mais, os traços semânticos ligados à sua origem temporal. No entanto, verificou-se que a perífrase *agora que*, mesmo apresentado um certo atraso no processo em relação a *já que*, já desempenha funções semântico-pragmáticas correspondentes aos elementos pertencentes ao paradigma dos conectores causais/explicativos e coexiste com outras formas lingüísticas que codificam esse tipo de relação, como a perífrase *já que*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDON, I. N. S. Instanciação e interpretação das relações causais em função do gênero do texto. In: SARAIVA, M. E. F.; MARINHO, J. H. C. *Estudos da língua em uso*. Belo Horizonte: FALE, 2005. p. 29-48.

BARRETO, T. M. M. Conjunções: relações entre advérbios, preposições e conjunções em dois momentos sincrônicos do português: séc. XIV e XX. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALFAL, 9., 1998, Campinas. *Atas...* Campinas: UNICAMP, 1998. p. 229-239.

_____. Observações sobre as conjunções do século XVI. In: CAMPOS, O. G. L. A. S. (Org.). *Descrição do português: abordagens funcionalistas*. Araraquara: UNESP, FCL, 1999. p. 141-161

BRAGA, M. L. Os enunciados de tempo no português falado no Brasil. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado: novos estudos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999. v. 7, p. 443-459.

BYBEE, J. Cognitive processes in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (Ed.). *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003a. v. 2, p. 145-167.

_____. Los mecanismos de cambio como universales lingüísticos. In: MAIRAL, R.; GIL, J. (Ed.). *En torno a los universales lingüísticos*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003b, p. 245-263. Disponível em: <<http://www.unm.edu/~jbybee/current.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2007.

_____. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (Ed.). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003c. p. 602-623.

BYBEE, J; HOPPER, P. Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure. In: _____. (Ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Philadelphia: John Benjamins, 2001. p. 1-24.

BYBEE, J; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar*. Tense, aspect, and modality in the languages of the world. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CAMPBELL, L; JANDA, R. Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, n. 23, p. 93-112, 2001.

CASTILHO, A. A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*, São Paulo, v. 19, p. 25-64, mar. 1997a.

_____. Língua falada e gramaticalização. *Filologia e lingüística portuguesa*, São Paulo, v. 1, p. 107-120, 1997b.

_____. *Unidirecionalidade ou multidirecionalidade? O problema da gramaticalização*. 2003. Trabalho apresentado em Kolloquium in Munster – Dans Brasilianische Portugieisch: Perspektiven Der Gegenwärtigen Forschung, 17-18 jan. 2003. 19p.

CHAFE, W. *Significado e estrutura lingüística*. Tradução de Maria Helena de Moura Neves, Odette Gertrudes Luiza A. S. Campos e Sonia Veasey Rodrigues. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CRAIG, C. G. Ways to go in Rama: a case study in Poligrammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Org.). *Approaches to grammaticalization: focus on types of grammatical markers*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 2, p. 455-492.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. Constructions with *if*, *since*, and *because*: causality, epistemic stance, and clause order. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 111-142.

DECAT, M. B. N. Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português. In: CAMPOS, O. G. L. A. S. (Org.). *Descrição do português: abordagens funcionalistas*. Araraquara: UNESP, FCL, 1999, p. 299-318.

_____. Uma perspectiva funcionalista para a descrição do português. In: GUEDES, M.; BERLINCK, R.A.; MURAKAWA, C.A.A. (Org.). *Teoria e análise lingüísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial, FCL, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 81-98. (Trilhas Lingüísticas).

DIK, S. C. The theory of functional grammar. In: HENGEVELD, K. *The structure of the clause*. 2 ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. pt. 1.

DUCROT, O. *princípios de semântica lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

FERRETTI, L. S. *Um estudo sobre a hipotaxe adverbial causal no português escrito contemporâneo do Brasil*. 2000. 177 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.

FIORIN, J. L. As astúcias da enunciação. São Paulo: Ática, 2001. Resenha de: NEVES, M. H. M. As astúcias da enunciação. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, São Paulo, n. 2, p. 227-231, 1998.

GAETA, L. Some remarks on analogy, reanalysis and grammaticalization. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. (Org.). *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamim, 1998. p. 89-105.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1990. v. 2.

_____. *On understanding grammar*. London: Academic Press, 1979.

GOHL, C. Causal relations in spoken discourse: asyndetic constructions as a means for giving reasons. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 83-110.

GONÇALVES, S. C. L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. 2003. 250 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. Orações subjetivas e teoria dos protótipos. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 183-196, 2º sem. 2001.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (Org.). *Fundamentos metodológicos da lingüística: pragmática*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1982. v. 4, p. 81-103.

GUIMARÃES, E. Na boa ou na má hora: a história de uma concessiva In: _____. *Texto e argumentação*. Campinas: Pontes, 1987.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Arnold, 1994 [1985].

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. New York: Longman, 1976.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, B. From cognition to grammar: evidence from african languages. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins, 1991a. v. 1, p. 149-87.

_____. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991b.

HEINE, B.; REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HENGEVELD, K. (Ed.). *The internal structure of adverbial clauses*. EURO TYP Working Papers, v. 5, 1993. Disponível em: <<http://dare.uva.nl/record/125890>>. Acesso em: 8 ago. 2006.

_____. Adverbial clauses in the languages of Europe. In: AUWERA, J. V. (Ed.). *Adverbial constructions in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 335-419.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. *Berkeley Linguistic Society*, Berkeley, v. 13, p. 139-57, 1987. Disponível em: <<http://home.eserver.org/hopper/emergence.html>>. Acesso em: 16 out. 2006.

_____. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Org.). *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 1, p. 17-35.

_____. Some recent trends in gramaticalização. *Annual Review Preprints*, v. 25, p. 217-236, out. 1996.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Gramaticalization*. Cambridge: CUP, 1993.

ILARI, R. *Expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto: EDUC, 1997 – Repensando a língua portuguesa.

KEARNS, K. Implicature and language change. In: VERSCHUEREN, J. et al. (Ed.). *Handbook of pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, 2000. p. 1-17. Disponível em: <<http://www.ling.canterbury.ac.nz/documents/implicature.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2006.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization*. München, Newcastle: Lincom Europa, 1995 [1982].

_____. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J; THOMPSON, S. A. (Ed). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

LIMA-HERNANDES, M. C. Estágios de gramaticalização da noção de tempo – processos de combinação de orações. *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*, Juiz de Fora, v. 8, n.1/2, p. 183-194, jan./dez. 2004.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. *A gramaticalização da perífrase conjuncional ‘só que’*. 2003. 210 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. *Hand-out da disciplina Introdução à gramaticalização*. São José do Rio Preto, UNESP, IBILCE, 2006. Digitado.

LYONS, J. *Semantics I*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MAAT, H. P.; SANDERS, T. Domains of use or subjectivity? the distribution of three causal connectives explained. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 57-82.

MARTELOTTA, M. E. et al. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN, J; THOMPSON, S. A. (Ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 275-329.

MEILLET, A. L’évolution des formes grammaticales. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1965 [1912]. p. 130-148

MEYER P. G. The relevance of causality. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 9-34.

NEVES, M. H. M. *A Gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.

_____. A gramaticalização e a articulação de orações. *Estudos Lingüísticos*, São José do Rio Preto, v. 27, p. 46-57, 1998.

_____. A articulação de orações: reflexões de base funcionalista. In: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística – ABRALIN*. Maceió, 1997b. p. 271-81.

_____. A modalidade. In: KOCH, I. V. (Org.). *Gramática do português falado: desenvolvimentos*. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002, p. 171-208. v. 6

_____. As construções causais. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado: novos estudos*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999. v. 7, p. 461-496.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

_____. O tratamento funcionalista da articulação de orações. In: NEVES, M.H.M. (Org.). *Descrição do português: definindo os rumos da pesquisa*. Araraquara: Laboratório Editorial, FCL, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001, p. 55-66. (Trilhas Lingüísticas).

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, M.H.M; BRAGA, M. L. Hipotaxe e Gramaticalização: uma análise das construções de tempo e de condição, *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 14, p. 191-208, 1998. Número especial.

NOONAN, M. Complementation. In: SHOPEN, T. (Ed.). *Language typology and syntactic description: complex constructions*. Cambridge: CUP, 1994. v. 2, p. 42-140

NOORDMAN, L. G. M; BLIJZER, F. On the processing of causal relations. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 35-56.

OMENA, N.; BRAGA, M. 'A gente' está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (Org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 75-83.

PAIVA, M. C. A. Aspectos semânticos e discursivos da relação de causalidade. In: MACEDO, A.T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M.C. (Org.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 63-74.

_____. *Ordenação das cláusulas causais: forma e função*. 1991. 235 f. Tese (Doutorado em Lingüística e Filologia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

QUINTERO, M. J. P. *Adverbial subordination in English: a functional approach*. Amsterdam: Rodopi, 2002.

SAPIR, E. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Tradução de J. Mattoso Camara Jr. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971. p. 151. Título original: *Language: an introduction to the study of speech*.

SHYLDKROT, H. B. *Tout: polysémy, grammaticalisation et sens prototypique*. *Langue Française*, n. 107, 1995. Digitado.

SOUZA, G. C. *Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por se*. 2007. 198 f. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. Grammaticalization and semantic bleaching. *Berkeley Linguistics Society*, Berkeley, n. 14, p. 389-405, 1988.

TABOR, W.; TRAUGOTT, E. C. Structural scope expansion and grammaticalization. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. (Org.). *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1998. p. 229-272.

THOMPSON, S. A.; LONGACRE, R. E. Adverbial clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.). *Language typology and syntactic description: complex constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. v. 2, p. 171-234.

TRAUGOTT, E. C. From subjetification to intersubjetification. In: WORKSHOP ON HISTORICAL PRAGMATICS; INTERNATIONAL CONFERENCE ON HISTORICAL LINGUISTICS, 14, 1999, Vancouver. *Papers...* Amsterdam: John Benjamins, 2001, p.1-12.

TRAUGOTT, E. C. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of Grammaticalization. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 245-271.

_____. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. In: ICHL, 7., 1995, Manchester. Disponível em <<http://www.stanford.edu/~traugott/traugott.html>>. Acesso em: 10 abr. 2007.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. The framework. In: _____. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 1-50.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E., HEINE, B. (Org.). *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 1, p. 189-218.

VOGT, C. Indicações para uma análise semântico-argumentativa das conjunções porque, pois e já que. *Alfa*, Marília. v. 22/23, p. 139-155, 1976/1977.

Anexo A – Textos dos corpora de escrita**Literatura Romanesca**

Sigla	Obra	Kbytes
AL	<i>A Lua vem da Ásia.</i> CARVALHO, C. 3ed. Rio de Janeiro, 1961.	472Kb
BH	<i>Balbino, O homem do mar.</i> LESSA, O. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.	506Kb
BRI	<i>Brida.</i> COELHO, P. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.	385Kb
CH	<i>Chagas, O Cabra.</i> MENDES, S. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.	347Kb
GD	<i>O Ganhador.</i> BRANDÃO, I. L. São Paulo: Global, 1987.	389Kb
HPP	<i>Histórias para pais, filhos, e netos.</i> COELHO, P. São Paulo: Globo, 2001.	337Kb
MUL	<i>Música ao Longe.</i> VERÍSSIMO, E. Porto Alegre: Globo, 1956.	304Kb
SAR	<i>Sargento Getúlio.</i> RIBEIRO, J. U. 7ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.	256Kb
SL	<i>O sorriso do lagarto.</i> RIBEIRO, J. U. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.	221Kb
TV	<i>O tempo e o vento.</i> Retrato(Tomo1). VERÍSSIMO, E. Porto Alegre: Globo, 1956.	614Kb

Dimensão total dos arquivos em bytes: 3.831Kb

Literatura Dramática

Sigla	Obra	Kbytes
BN	<i>Branca de Neve.</i> MONIZ, E. Rio de Janeiro: São José, 1954.	216Kb
CCI	<i>Caixa de Cimento.</i> ESCOBAR, C. H. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977	308Kb
DD	<i>Dancin' Days.</i> BRAGA, G. Telenovelas Editora Globo. Rio de Janeiro, 1987.	253Kb
DO	<i>Dois perdidos numa noite suja.</i> MARCOS, P. São Paulo: Global, 1979.	97Kb
ES	<i>A escada.</i> ANDRADE, J. São Paulo: Brasiliense, 1964.	219Kb
I	<i>Irene.</i> BLOCK, P. Rio de Janeiro: Talmagráfica, 1953.	250Kb
MD	<i>Mandala.</i> GOMES, D. Rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro, 1988.	332Kb
MO	<i>A Moratória.</i> ANDRADE, J. São Paulo: Agir, 1980.	318Kb
MPF	<i>Murro em ponta de faca.</i> BOAL, A. São Paulo: Hucitec, 1978.	257Kb

NAM	<i>Novo Amor</i> . CARLOS, M. Rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro, 1982/1983. 81Kb
OM	<i>Ópera do Malandro</i> . HOLLANDA, F. B. 3ed. São Paulo: Livraria Cultura, 1980. 566Kb
PD	<i>Pedra sobre pedra</i> . SILVA, A.; MORETZSOHN A. M. Rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro, 1992. 207Kb
REI	<i>O rei de Ramos</i> . GOMES, D. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. 143Kb
TEG	<i>Teatro de G. Figueiredo</i> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1954. 518Kb
US	Um sábado em 30. MARINHO, L. Rio de Janeiro: Revista de Teatro,n.453, 1963. 121Kb

Dimensão total dos arquivos em bytes: 3.886 Kb

Anexo B – Inquéritos selecionados do NURC

Sigla	Descrição	Dimensão em <i>Kbytes</i>
D2-RS-291	Arquivo: 01, Inquérito nº: 291, Tipo: D2	17 Kb
D2-RJ-355	Arquivo: 02, Inquérito nº: 355, Tipo: D2	17 Kb
D2-BA-98	Arquivo: 01, Inquérito nº: 98, Tipo: D2	28 Kb
D2-PE-05	Arquivo: 01, Inquérito nº: 05, Tipo: D2	20 Kb
D2-SP-360	Arquivo: 04, Inquérito nº: 360, Tipo: D2	75 Kb
EF-RS-278	Arquivo: 11, Inquérito nº: 278, Tipo: EF	31 Kb
EF-RJ-379	Arquivo: 03, Inquérito nº: 379, Tipo: EF	24 Kb
EF-BA-49	Arquivo: 05, Inquérito nº: 49, Tipo: EF	33 Kb
EF-PE-337	Arquivo: 11, Inquérito nº: 337, Tipo: EF	41 Kb
EF-SP-405	Arquivo: 18, Inquérito nº: 405, Tipo: EF	23 Kb
DID-RS-45	Arquivo: 10, Inquérito nº:45, Tipo DID	63 Kb
DID-RJ-328	Arquivo: 01, Inquérito nº: 328, Tipo: DID	47 Kb
DID-BA-231	Arquivo: 02, Inquérito nº: 231, Tipo: DID	52 Kb
DID-PE-131	Arquivo: 05, Inquérito nº: 131, Tipo: DID	33 Kb
DID-SP-234	Arquivo: 12, Inquérito nº: 234, Tipo: DID	35 Kb

Dimensão total dos arquivos: 539 Kb

Anexo C – Inquéritos selecionados do *Corpus* IBORUNA

Inquérito	Kbytes	AC-052	58 Kb	AC-104	56 Kb
AC-005	63 Kb	AC-053	68 Kb	AC-106	87 Kb
AC-011	76 Kb	AC-054	58 Kb	AC-107	44 Kb
AC-016	68 Kb	AC-066	72 Kb	AC-109	90 Kb
AC-017	62 Kb	AC-067	64 Kb	AC-111	79 Kb
AC-018	38 Kb	AC-069	52 Kb	AC-114	98 Kb
AC-022	90 Kb	AC-071	55 Kb	AC-115	72 Kb
AC-023	76 Kb	AC-078	50 Kb	AC-117	81 Kb
AC-024	71 Kb	AC-080	51 Kb	AC-120	73 Kb
AC-027	38 Kb	AC-082	79 Kb	AC-123	60 Kb
AC-030	39 Kb	AC-083	58 Kb	AC-130	63 Kb
AC-032	46 Kb	AC-084	49 Kb	AC-132	59 Kb
AC-033	39 Kb	AC-087	77 Kb	AC-134	76 Kb
AC-035	76 Kb	AC-088	75 Kb	AC-137	64 Kb
AC-037	56 Kb	AC-093	59 Kb	AC-138	58 Kb
AC-039	54 Kb	AC-096	67 Kb	AC-139	91 Kb
AC-042	55 Kb	AC-097	64 Kb	AC-142	44 Kb
AC-047	59 Kb	AC-100	71 Kb	AC-143	65 Kb
AC-048	61 Kb	AC-101	51 Kb	AC-149	64 Kb
AC-049	48 Kb	AC-102	69 Kb	AC-152	71 Kb
AC-050	64 Kb	AC-103	69 Kb		

Dimensão total dos arquivos: 3.890 Kb

Anexo D – Teste Semântico

- Atentar para as relações semânticas que podem ser inferidas.
- Método da substituição – modo de testar as intuições semânticas. Verificar se o conectivo original pode ser substituído por outro sem mudança na interpretação relacional das orações.
 - *Temporal*: “nesse momento em que”, “no momento em que”
 - *Causal*: “porque”, “já que”, “como”
- Marcar com um **X** a relação semântica que considerar mais adequada.

AGORA QUE

Ocorrência	Relação Semântica		
	Tempo	Tempo/Causa	Causa
- Mas você não está com medo? Não sabe o que pode nos acontecer? - Eu estava em pânico, até o momento da prisão. Agora que estou nesta cela, de que adianta temer o que já aconteceu? O tempo do medo acabou; agora começa o tempo da esperança. (HPP-R)	5 ⁸⁵	20	6
Doc.: tá certo... muito bom... Janaína eu queria que você falasse prá mim... desse a sua opinião... falasse um pouco... do vestibular... que que é o vestibular prá você... agora que você tá... éh::... num momento assim na... reta de chegada vamos dizer... prá entrar na faculdade... o que que significa isso prá você (AC-042)	11	17	3
... assim nas hortinhas comuns eu não sei as pessoas que tem UMA TECNICA [uma técnica] coisas assim...mas agora que chega a época do frio...como ah:: apesar do sol a água esfria e a terra é fria então a planta a raiz fica mais à vontade na terra...[sei] então essa época é a época que quando é frio se consome menos verdura e a verdura dá melhor... (AC-114)	24	5	2
- Agora que o senhor enxerga a gente, o senhor conta história de índio? Ele sorriu de novo: - Mas seu pai já não contou tantas vezes, meu filho? - Ah! mas nos gostamos contado pelo senhor... (BH-R)	10	11	10
Acordou no meio da noite, e ao levantar-se da cama, tropeçou num homem que dormia no chão. Quase caiu para trás: era Jesus Cristo em pessoa! - Agora que já pisou em mim, vá lá fora e pise na minha imagem - disse Jesus. -Porque lutar por uma idéia é muito mais importante que a vaidade de um sacrifício. (HPP-R)	-	1	30
Duran: Quanto é o agradecimento por ontem, Genival ? Geni: Olha, era só dois contos. Mas agora que o inspetor me chamou de veado puto eu vou ter de exigir uma indenização. Fica tudo por quatro contos e eu me dou por satisfeita. (OM-D)	1	3	27
T: Escuta, Paco. Eu vou cuidar da minha vida. Agora que tenho sapato, vou me acertar. Estou cansado de curtir a pior aqui na rampa. Vê se você também se ajeita, compra a tua flauta e se arranca daqui. Aqui não dá futuro. (DO-D)	2	11	18

⁸⁵ Esses números correspondem à quantidade de alunos que assinalaram cada uma das opções. A célula com sombreamento foi a aceção mais marcada.

Paulo - Cadeia também tem o seu lado bom. A única coisa realmente chata é quando você topa com um companheiro que gosta de fazer piada. Tinha um comigo que todos os dias dizia assim: "antes eu trabalhava muito, estava sempre ocupado. Agora que eu estou preso, tenho todo o tempo livre! " Ouvir isso todo dia, enche, né mesmo? (MPF-D) 5	5	23	3
aí o rapaz falou assim pra ela – “ô dona ce não tem medo de ficar passando a senhora já é de idade não tem medo de ficar na rua sozinha?” né ficar até uma hora dessa na rua é perigoso – “onde a senhora mora?” – ela – “ai eu moro lá no São José eu moRAva lá né” – ele – “por quê/ a senhora não tem medo de ficar andando sozinha olha a iDAde da senhora” – “eu não... eu TINha... quando eu era viva eu tinha muito medo mas agora que eu morri não tenho mais medo não” - ((risos)) o moço ó perna pra quem tem (AC-104)	6	18	7
Agora que havia errado, precisava pagar um preço. E o preço foi beber o mais cruel dos venenos - a solidão - até que o Amor entendesse que ele de novo havia se transformado em um Mestre. (BRI-R)	-	4	27
Ele tira o lenço que me protege a cabeça. O sol já não queima. - Feche os olhos. Agora que confia em mim, não precisa vigiar. - Normalmente não gosto que me toquem. (CH-R)	1	10	20
Lamentou que Ana Clara não estivesse presente, para dar um palpite. Nem de manhã se viam mais, agora que ela tinha inventado essa história de montar uma academia de ginástica no salão em cima das garagens e ficava desde as sete horas mandando um batalhão de mulheres de malha abrir as pernas e dar pulinhos ao som de oito alto-falantes a todo vapor. (SL-R)	7	10	14
Venha, agora que o barulho mudou de compasso. (CH-R)	6	16	9
O pátio está mais triste agora que a luz do sol vai fugindo. A impressão de decadência e ruína se agrava. (MUL-R)	7	21	3

JÁ QUE

Ocorrência	Relação Semântica		
	Tempo	Tempo/Causa	Causa
- Ainda tenho trabalho para alguns dias. Depois, será hora de partir. - Já que não pode ficar, quando volta? - Só quando o livro estiver terminado. É um voto. (CH-R)	3	2	26
Doc.: Já que estamos falando de eleição eu queria sua opinião sobre as eleições na cidade de São Paulo entre a Mar::ta e o Se::rra. (AC-049)	-	15	16
- Quero pedir desculpas, já que devido ao meu tempo de uso, você só consegue entregar metade da minha carga, e saciar a metade da sede que espera em sua casa. (HPP-R)	-	-	31
Foi uma coisa que aconteceu sem que eu planejasse. Mas já que aconteceu, vou lutar, vou me dar toda. Isso ainda que você não queira. (MD-D)	2	7	22
- Ouça, meu amigo. De acordo com uma convenção diplomática, já que os nativos o declaram persona-non-grata, nós não podemos insistir. Está tudo preparado para a sua partida no primeiro avião de amanhã. (BRI-R)	1	11	19
- Faz alguns dias, entendi que o que mais perturbava minha	-	1	30

mulher era o fato de eu ficar em silêncio. Agindo assim, eu parecia ignorá-la, distanciar-me com sentimentos virtuosos e fazê-la sentir mesquinha e inferior. “ Já que a amo tanto, resolvi fingir perder a cabeça na frente de todo mundo.” (HPP-R)			
P: O morto era meu cliente, você sabe disso muito bem. E já que só o delegado ou a mulher dele podem falar sobre o caso... eu vou esperar eles aqui. (PD-D)	–	5	26
Ajudei-o a levantar-se, sempre com o chiclete e o escárnio no canto da boca, e, sem lhe dar tempo para quaisquer perguntas, convidei-o gentilmente a tomar uma garrafa de vinho no balcão, já que não dispúnhamos de muito tempo para sentar-nos. (AL-R)	2	12	17
Uma lua enorme tornou a acender-se no céu, iluminando o campo. Estavam nus, abraçados. E não sentiam nem frio nem vergonha. O Mago pediu que Brida encerrasse o ritual, já que ela havia começado. Brida pronunciou as palavras que sabia, e ele ajudou. (BRI-R)	4	3	24
Todos os outros pediram a expulsão dele, mas Bankei resolveu não fazer nada. Dias depois o aluno voltou a roubar, e o mestre continuou calado. Inconformados, os outros discípulos exigiram que o ladrão fosse punido, já que o mau exemplo não podia continuar. (HPP-R)	–	2	29
Doc.: dona Maria eu gostaria que a senhora me descrevesse assim como que é a cidade aqui de Cedral já que a senhora nasceu aqui viveu aqui é a senhora conhece bem a cidade como que é a cidade aqui de Cedral? (AC-142)	–	5	26
Doc.: bom eu queria agora que o senhor me... me ensinasse a fazer alguma coisa assim:: o senhor sabe cozinhar?... Inf.: cozinhar eu sei... Doc.: e::... então o senhor podia me me:: ensinar como se faz um prato um drink:: que já que o senhor era garçom?... (AC-143)	1	4	26